

SIMULACRON-3

DANIEL F.
GALOUYE

O CRUZEIRO





ORELHA

COLEÇÃO GALÁXIA



SIMULACRON – 3

O brilhante disco lunar rebrilhava por trás do plexidomo do carro, realçando as curvas da bela moça sentada ao pé de Doug Hall. Ele sabia que aquele mundo do seu **SIMULACRON-3** estava à beira da desordem. Perguntou a ela:

- Jinx, que é que há com você?

Ela chegou-se mais e encostou a cabeça no ombro dele

- A vida tem tanta coisa, não é mesmo, Doug?

E quando ela adormeceu, as lágrimas rolavam-lhe lentamente pela face. Hall engrenou o automático e pôs o braço em volta da moça. Devagar lá se foram ladeira acima, em direção ao desconhecido lado de lá do morro. Um frio arrepio de terror assaltou Hall. Freou com violência. A estrada acabava, subitamente, a cem metros de distância! Acabava, mesmo. E de cada lado da pista terra caía, ela própria acabava também na escuridão impenetrável do nada... Nem estrelas, nem Lua no espaço escuro; apenas o nada, o nada que só se encontra para além do infinito mais negro...

O CRUZEIRO

SIMULACRON - 3

DANIEL GALOUEYE

simulacron - 3

romance

Tradução de
RONALDO SÉRGIO DE BIASI

Capa de
ÊNIO DAMÁZIO

EDIÇÕES O CRUZEIRO — RIO DE JANEIRO

COLEÇÃO GALÁXIA 2000

de obras de fantasia e ficção científica

2

- ◆ FICÇÃO CIENTÍFICA PARA GENTE QUE DETESTA FICÇÃO CIENTÍFICA / Terry Carr
"uma antologia para descrentes do gênero".
- ◆ ELES TERÃO AS ESTRÊLAS / James Blish
"no ano 2018 a imortalidade e as estrêlas".
- ◆ FILHOS DO ÁTOMO / Wilmar H. Shiras
"pareciam humanos, mas não eram bem isso".
- ◆ SIMULACRON-3* / Daniel F. Galouye
"seremos mesmo robots de outros seres?".
- ◆ O HOMEM DEMOLIDO* / Alfred Bester
"a luta contra o crime no século XXI".

* já publicados

SIMULACRON-3

(c) Copyright, 1968 by Daniel F. Galouye

SIMULACRON-3, original americano de Daniel F. Galouye, em tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi, é volume integrante da Coleção Galáxia 2000, de obra de fantasia e ficção científica, com todos os direitos reservados para o Brasil pela Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — Rua do Livramento, 189/203, ZC-05, Saúde, Rio, GB. — Mário Camarinha, Editor.

I

Desde o início, era evidente que os acontecimentos da noite serviriam apenas para confirmar a reputação de Horace P. Siskin como um notável anfitrião.

Apenas com os três acrobatas de Tycho, Ele já nos havia presenteado com o entretenimento mais fascinante do ano. Mas quando Ele apresentou a primeira pedra hipnótica da região de *Syrtis Majo*, em Marte, superou a si mesmo.

Para mim, entretanto, o trio e a pedra, embora bastante interessantes, passaram a coisas corriqueiras antes que a festa terminasse. Porque eu falo com inteira autoridade quando digo que não há nada tão interessante como ver um homem... simplesmente desaparecer.

O que, incidentalmente, não era parte do espetáculo.

Para que compreendam a extravagância de Siskin, é preciso observar que os acrobatas de *Tycho* precisaram de uma gravidade equivalente à lunar. A plataforma antigravitacional, volumosa e deslocada no ambiente luxuoso, dominava um dos aposentos do terraço; enquanto seus geradores atulhavam o jardim de inverno ao lado.

A apresentação da pedra hipnótica foi um espetáculo à parte, completado pela presença de dois médicos a postos. Sem nenhuma noção dos acontecimentos incongruentes que me esperavam no futuro próximo, observei os preparativos com grande interesse.

Havia uma loura esbelta cujos olhos negros e penetrantes se toldaram e jorraram lágrimas quando uma das faces da pedra banhou-lhe o rosto com reflexos azulados.

O cristal rodava vagarosamente no suporte, enviando feixes de luz policromática através da sala escura, como os raios de uma grande roda. O movimento radial parou e um feixe escarlate caiu sobre a face um tanto assustada de um dos antigos sócios de Siskin.

- Não! - reagiu ele instantaneamente. - Nunca fumei em minha vida! Não quero!

Os risos encheram a sala e a pedra começou a rodar novamente.

Talvez receoso de ser a próxima vítima, retirei-me silenciosamente para a sala ao lado.

Chegando ao bar, disquei o auto-bar pedindo um Scotch-asteroide e fiquei olhando pela janela para a cidade iluminada lá em baixo.

- Quer pedir um uísque com água para mim, Doug?

Era Siskin. À meia luz Ele parecia incrivelmente pequeno. Vendo-o aproximar-se, admirei-me com as incongruências da aparência humana. Com pouco mais que um metro e cinquenta, Ele tinha o porte de um gigante - o que realmente era,

financeiramente falando. Uma vasta cabeleira, apenas levemente tingida de branco, negava seus sessenta e quatro anos, também desmentidos pelo rosto quase sem rugas e pelos olhos cinzentos e inquietos.

- Um uísque com água a caminho - confirmei secamente, discando o pedido.

Ele se encostou no bar.

- Você não parece estar gostando da festa - observou, com um que de petulância na voz.

Mas permaneci impassível.

Ele apoiou o sapato no aro de um banco.

- Esta festa custou muito. E é toda para você. Acho que deveria demonstrar um pouquinho de satisfação. - Ele estava brincando apenas em parte.

A bebida apareceu e passei-a para Ele.

- Toda para mim?

- Bem, não inteiramente - Ele riu. - Tenho que admitir que esta festa também tem possibilidades promocionais.

- Assim eu supunha. Já reparei que a imprensa e o cinema estão bem representados.

- Você não se importa, não é? Isto pode dar à Reações S.A. um bom impulso.

Apanhei meu copo e engoli metade de um gole só.

- A RESA não precisa de impulso. Pode vencer sozinha. Siskin se encrespou ligeiramente - como costuma fazer quando sente uma oposição mesmo ligeira.

- Hall, eu gosto de você. Reservei-lhe um futuro interessante - não apenas na RESA, mas talvez em outras das minhas empresas Entretanto...

- Não estou interessado em nada além da RESA.

- Atualmente, entretanto - continuou ele com firmeza -, sua contribuição é apenas na parte técnica. Fique com seu cargo de diretor e deixe meus especialistas em promoção cuidarem do resto.

Bebemos em silêncio.

Então Ele rodou o copo nas mãos pequenas.

- Naturalmente, compreendo que você gostaria de ter uma participação na companhia.

- Não estou interessado em ações. Sou bem pago, o que quero é ver o trabalho concluído.

- Você compreende, com Hannon Fuller era diferente. - Siskin retesou os dedos em torno do copo. - Ele inventou a máquina, o sistema. Procurou-me em busca de apoio financeiro. Formamos a companhia - na verdade, éramos oito. Segundo o acordo, ele receberia vinte por cento dos lucros.

- Depois de ser assistente dele durante cinco anos, estou bem a par de tudo isto. - Disquei o auto-bar para reabastecer meu copo.

- Então por que você está aqui resmungando?

Os reflexos da pedra hipnótica se projetaram no teto do aposento e se refletiram na janela, ofuscando as luzes da cidade. Uma mulher gritou até que seus gritos foram finalmente abafados por um mar de gargalhadas.

Endireitei o corpo e olhei insolentemente para Siskin.

- Fuller morreu há apenas uma semana. Sinto-me como um abutre - celebrando o fato de que tomei o lugar dele.

Virei-me para sair, mas Siskin disse rapidamente:

- De qualquer forma você ia ser promovido. Fuller estava para demitir-se do cargo de diretor-técnico. Seus nervos estavam em mau estado.

- Não penso assim. Fuller disse que estava decidido a impedir que o senhor usasse o simulador de ambiente para previsões políticas.

A demonstração da pedra hipnótica havia terminado e o ruído, que até então só chegara a nós de forma atenuada, começou a aproximar-se do mar, carregando com ele um grupo agitado de mulheres bem vestidas e seus acompanhantes.

Uma jovem loura na frente do batalhão rumou diretamente para mim. Antes que eu pudesse me mexer, ela havia passado meu braço em torno de sua cintura. Seus olhos estavam excessivamente pintados e mechas de cabelo platinado caíam-lhe sobre os ombros nus.

- Sr. Hall, não é fascinante... aquela pedra marciana? O senhor tem alguma coisa a ver com ela? Suspeito que sim.

Olhei de soslaio para Siskin, que se afastava discretamente. Então reconheci a pequena como uma de suas secretárias particulares. A manobra era clara. Ela ainda estava trabalhando. Apenas que sua missão agora era extracurricular, conciliatória, e fora dos limites do Escritório Geral de Siskin.

- Não, foi tudo idéia do seu chefe.

- Oh! - disse ela, olhando para ele com admiração enquanto nos afastávamos. - Que homenzinho engenhoso! Ora, Ele é apenas um bonequinho, não é? Um bonequinho ativo e simpático!

Tentei escapar, mas ela tinha sido bem instruída.

E seu campo, Sr. Hall, é sim... simulação?

- *Simuletrônica*.

- Fascinante! Sei que quando o senhor e o Sr. Siskin completarem a máquina - posso chamar de máquina, não posso... ?

- É um simulador total do ambiente. Conseguimos eliminar todos os defeitos - na terceira tentativa. Chamamo-la de *Simulacron-3*.

-... quando o simulador estiver funcionando, não haverá mais necessidade dos "metidos".

Ela se referia, naturalmente, aos pesquisadores de opinião pública, ou simplesmente "pesquisadores", como são mais comum ente chamados. Prefiro a última denominação, pois nunca nego a um homem a oportunidade de ganhar a vida, mesmo que isso signifique um batalhão de... bem, de "metidos", espreitando os hábitos e ações diários do público.

- Não pretendemos tirar o trabalho de ninguém expliquei. - Mas quando a pesquisa de opinião se tornar completamente automatizada, será preciso fazer certas modificações nas práticas de emprego

Ela me conduziu para a janela.

- Qual é a sua intenção, Sr. Hall? Fale-me do seu... simulador. E todo mundo me chama de Dorothy.

- Não há muito a dizer.

- Oh, não seja tão modesto. Estou certa de que há.

Se ela pretendia continuar com esta manobra planejada por Siskin, não havia nenhuma razão para eu não manobrar também - em um nível um pouco acima de sua compreensão.

- Bem, a senhorita compreende, vivemos em. uma sociedade complexa que prefere não correr riscos nos negócios. Assim, existe uma infinidade de organizações de pesquisa de opinião pública. Antes de lançarmos um produto, queremos saber

quem vai comprá-lo, com que frequência, quanto poderá pagar; qual a melhor tática para fazer as pessoas mudarem de religião; quais as probabilidades de que o governador Stone seja re-eleito; se a Tia Bessie vai preferir o azul ou o rosa para os vestidos da próxima estação.

Ela me interrompeu com um risinho.

- "Metidos" escondidos atrás de cada moita.

Concordei.

- Pesquisadores em profusão. Amolações, naturalmente. Mas Eles são protegidos pela Lei dos Pesquisadores de Opinião Pública.

- E o Sr. Siskin vai acabar com tudo isso - o Sr. Siskin e você?

- Graças a Hannon J. Fuller, descobrimos um meio melhor. Podemos simular eletronicamente um ambiente social. Podemos povoá-lo com análogos subjetivos - unidades de identidade. Manipulando o ambiente, estimulando as unidades ID, podemos estimar o comportamento em situações hipotéticas.

O sorriso dela esmaeceu, deu lugar a uma expressão de espanto, e então voltou em plena forma.

- Compreendo - disse. - Mas era evidente que não havia compreendido. O que encorajou minha tática.

- O simulador é um modelo eletro-matemático de uma comunidade normal. Permite previsões de comportamento a longo prazo. E essas previsões são ainda mais válidas que as que se pode obter com um exército de pesquisadores - "metidos" - percorrendo a cidade.

Ela riu sem entusiasmo.

- Mas naturalmente. Puxa, nunca pensei... seja bonzinho, Doug. Arranje-nos uma bebida. Qualquer coisa.

Devido à algum senso mal orientado de fidelidade a Siskin, talvez eu tivesse mesmo ido apanhar uma bebida para ela. Mas havia quatro filas de pessoas em volta do bar, e enquanto eu hesitava, um dos rapazes da promoção se dirigiu confiantemente para Dorothy,

Aliviado, passei até a mesa do bufê. Ali perto, Siskin, ladeado por um colunista e o representante de uma cadeia de televisão, enumerava as maravilhas do simulador da RESA.

Ele sorria efusivamente.

- Na verdade, é possível que esta nova aplicação da *Simuletrônica* - é um processo secreto, vocês sabem - tenha um tal impacto sobre nossa cultura que o resto dos Estabelecimentos Siskin tenha que se curvar ante a Reações S. A.

O homem da televisão fez uma pergunta e a resposta de Siskin foi imediata.

- A *Simuletrônica* é uma coisa primitiva comparada com isto. A previsão baseada em computadores convencionais está limitada a uma única linha de investigação de estímulo-resposta. O simulador total de ambiente da RESA - que chamamos de *Simulacron-3* -, por outro lado terá uma resposta para qualquer pergunta referente a qualquer reação hipotética ao longo de todo o espectro do comportamento humano.

Ele estava, naturalmente, repetindo as palavras de Fuller.

Mas na boca de Siskin as palavras eram apenas jactâncias. Fuller, ao contrário, acreditava no simulador como se ele fosse um deus, e não um edifício de três andares cheio de circuitos complicados.

Pensei em Fuller e senti-me sozinho e incapaz de substituí-lo. Ele tinha sido um superior dedicado, mas também um grande amigo. Está bem - Ele era excêntrico. Mas isso apenas porque sua missão era importantíssima. O *Simulacron-3* podia ser apenas um investimento para Siskin. Mas para Fuller era um caminho fascinante e promissor cujas portas seriam em breve abertas para um mundo novo e melhor.

Sua aliança com os Estabelecimentos Siskin fôra apenas um expediente financeiro. Mas Ele havia sempre pretendido que enquanto o simulador cumprisse as cláusulas contratuais, fosse também usado para explorar os campos imprevisíveis da interação social e das relações humanas, contribuindo assim para a formação de uma sociedade melhor.

Encaminhei-me para a porta, e, com o canto do olho, vi Siskin afastar-se dos repórteres. Ele atravessou rapidamente o aposento e colocou a mão sobre o botão de "abrir".

- Não está pensando em nos deixar, está?

Aparentemente, Ele estava se referindo à possibilidade de eu deixar a festa. Mas estaria mesmo? Ocorreu-me que eu era uma figura indispensável. Oh, a RESA poderia muito bem vencer sem mim. Mas se Siskin queria tirar o máximo de lucro possível do seu investimento, eu teria que ficar para executar os melhoramentos que Fuller me havia confiado.

Nesse instante a campainha tocou e a tela de televisão da porta se iluminou com a imagem de um sujeito magro e bem vestido, que trazia na manga esquerda a insígnia de Pesquisador de Opinião.

As sobancelhas de Siskin se levantaram de prazer. - Um "metido", em pessoa! Vamos animar a festa! Ele apertou o botão.

A porta se abriu e o visitante se anunciou:

- John Cromwell, POP Número 1146-A2. Represento a Fundação Foster de Opinião Pública, sob contrato com a Comissão Federal de Costume.

O homem olhou por sobre o ombro de Siskin e viu os grupos de convidados. Pareceu impaciente e pouco à vontade.

- Meu amigo! - Protestou Siskin, piscando para mim. - Estamos no meio da noite!

- Este é um levantamento prioritário tipo A, encomendado e financiado pelas autoridades federais. O senhor é Horace P. Siskin?

- Sim. - Siskin cruzou os braços e ficou ainda mais parecido com a descrição de Dorothy - um bonequinho ativo.

Ótimo. - O outro tirou do bolso uma pilha de formulários oficiais e uma esferográfica. - Quero saber a sua opinião a respeito das perspectivas econômicas durante o próximo ano fiscal e como afetarão a renda do Estado.

- Não vou responder a nenhuma pergunta - disse Siskin resolutamente.

Sabendo o que viria a seguir, alguns se aproximaram para apreciar. Os risos de antecipação eram audíveis acima do ruído da conversa .

O pesquisador franziu as sobancelhas.

- Mas é preciso. O senhor foi incluído em uma lista oficial, na categoria dos homens de negócios.

A resposta soou formal, e a intenção do pesquisador era essa mesmo. Os pesquisadores que conseguem contratos do governo se mantêm à altura da ocasião. Os pesquisadores comerciais comuns são muito menos formais.

- Mesmo assim não respondo - repetiu Siskin, - Se o senhor consultar o Artigo 326 da Lei dos Pesquisadores...

- Lerei que as atividades recreativas não devem ser interrompidas para finalidades de pesquisa - completou o outro. - Mas as cláusulas especiais são inaplicáveis quando a pesquisa é do interesse público.

Siskin riu da formalidade obstinada do homem, seguro-o pelo braço e fê-lo entrar na sala.

- Entre. Vamos tomar um drinque. Então talvez eu resolva responder.

O circuito de "admissão" deixou de captar a bio-capacitância do pesquisador, e a porta começou a se fechar. Mas parou e permaneceu entreaberta para deixar entrar um segundo visitante.

Calvo, de rosto macilento, ele ficou ali examinando o aposento, com os punhos cerrados. Ele ainda não tinha me visto porque eu estava atrás da porta, observando-o na televisão.

Dei um passo para o lado e ele entrou.

- Lynch! - exclamei. - Onde você esteve durante a . semana passada?

Morton Lynch era o encarregado da segurança interna. da RESA. Ultimamente estava trabalhando no turno da noite e ficara muito amigo de Hammon Fuller, que também preferia trabalhar à noite.

- Hall! - Sussurrou roucamente, os olhos cravados nos meus. - Preciso falar com você! Meu Deus, preciso falar com alguém!

Deixei-o entrar. Ele já havia desaparecido duas vezes - apenas para voltar, magro e abatido depois de uma farra de uma semana de estímulos eletrônicos do cérebro. Nos últimos dias, discutíramos muito se sua ausência se devia a uma reação retardada à morte de Fuller, ou se ele estava apenas enfurnado em alguma espelunca de EEC. Oh, Ele não era um viciado. E agora mesmo era claro que não havia andado tomando correntes corticais.

Levei-o para o jardim de inverno, agora deserto.

- É sobre o acidente de Fuller?

- Oh, sim - soluçou, desabando em uma cadeira e escondendo o rosto entre as mãos. - Apenas que não foi um acidente!

- Então quem o matou? Como...

- Ninguém.

- Mas...

Para o sul, acima das luzes cintilantes que se estendiam lá em baixo como um tapete de surpreendente beleza, o Foguete *Lunas* rugiu e encheu a cidade de reflexos vermelhos ao disparar para o espaço.

Com o ruído, Lynch quase pulou da cadeira. Agarrei-o pelos ombros e procurei acalmá-lo.

- Espere aqui. Vou buscar um drinque para você.

Quando voltei com o uísque puro, Ele bebeu tudo de um gole só e deixou o copo cair da mão.

- Não - repetiu, tremendo. - Fuller não foi assassinado. "Assassinato" não poderia descrever o que aconteceu.

- Ele esbarrou num fio de alta tensão - lembrei-lhe. - Foi tarde da noite. Ele estava exausto. Você viu o acidente?

- Não. Três horas antes nós tivemos uma conversa. Pensei que estava maluco - pelo que me disse. Ele disse que não queria me envolver, mas que tinha que contar a

alguem. Você ainda estava fora. Então... então...

- Sim?

- Então ele me disse que ia ser assassinado porque havia decidido não guardar mais o segredo.

- Não guardar que segredo?

Mas Lynch estava agitado demais para ser interrompido .:

- E disse que, se desaparecesse ou morresse, eu devia saber que não tinha sido um acidente.

- Qual era o segredo?

- Não posso contar a ninguém - nem a você. Porque se o que ele disse for verdade... bem, acho que passei a última semana tentando decidir o que fazer.

Atenuada até então pelas portas fechadas, a cacofonia da festa irrompeu no jardim.

- Oh, você está aí, Doug querido!

Olhei de passagem para Dorothy Ford, encostada à porta e mostrando o efeito de muitos drinques. Repito que foi "de passagem" para demonstrar que meus olhos não podem ter deixado de observar Morton Lynch por mais que um décimo de segundo.

Mas, quando olhei de novo. a cadeira estava vazia.

No dia seguinte, os esforços promocionais de Siskin começaram a surtir efeito. Até onde pude verificar, dois programas matutinos de televisão apresentaram comentários "exclusivos" sobre o desenvolvimento iminente da Simuletrônica E a primeira edição dos três jornais vespertinos trazia artigos na primeira página sobre a Reações S. A. e seu "incrível" simulador total de ambiente, *Simulacron-3*.

Apenas em um jornal, entretanto, consegui encontrar algo sobre o desaparecimento de Morton Lynch. Stan Walters, na *Folha da Tarde*, terminava sua coluna com o comentário:

E parece que a polícia hoje está preocupada, mas apenas superficialmente, com o "desaparecimento" de um certo Morton Lynch, supervisor da segurança interna da Reações S. A., mais recente aquisição do milionário Horace P. Siskin. Podemos apostar, entretanto, que ninguém vai perder o sono por causa disso. A queixa diz que Lynch "desapareceu" na festa de Siskin, na noite passada. E todos sabem que coisas muito mais incríveis costumam acontecer quando Siskin dá uma festa.

claro que eu tinha ido comunicar o fato à polícia. Que mais poderia fazer? Não se pode ver um homem desaparecer na frente da gente e ficar quieto.

A campanha do intercomunicador soou em minha mesa, mas ignorei-a e fiquei observando um transporte aéreo que se preparava para aterrissar na ilha central da rua. Depois de estabilizar-se a uma altura de quinze centímetros, o veículo manobrou até parar junto ao meio-fio. Uma dúzia de homens saltou do aparelho. Todos traziam insígnias da APOP.

Distribuindo-se a intervalos ao longo da calçada fronteira ao edifício da RESA, Eles portavam cartazes em que se a:

**OS ESTABELECIMENTOS SISKIN
AMEAÇAM:
O DESEMPREGO EM MASSA !
CONVULSÕES SOCIAIS !
O CAOS ECONÔMICO !
- ASSOCIAÇÃO DOS
PESQUISADORES DE OPINIÃO PÚBLICA**

Ali estava a primeira resposta à grande promessa da *Simuletrônica*, em sua primeira aplicação em larga escala. O mundo já havia passado por choques semelhantes durante a Revolução Industrial e a Transição do Automatismo.

A campanha tocou com mais insistência e eu liguei a chave. O rosto da Srta. Boykins apareceu na tela, ansioso e impaciente.

- O Sr. Siskin está aqui!

Convenientemente impressionado pela visita, pedi à recepcionista para fazê-lo entrar.

Mas Ele não estava sozinho. Isto eu pude ver na tela. Atrás, ao lado da imagem da Srta. Boykins, estavam o Tenente McBain, do Departamento de Pessoas Desaparecidas, e o Capitão Franstock, do Departamento de Homicídios. Ambos já haviam estado aqui de manhã.

Siskin entrou no escritório, refletindo indignação. Seus punhos minúsculos estavam cerrados quando Ele se aproximou de mim.

Curvou-se sobre minha mesa.

- Que diabos você está tentando fazer, Hall? Que história é essa sobre Lynch e Fuller?

Levantei-me respeitosamente.

- Apenas contei à polícia o que aconteceu.

- Sua história é estúpida e você está expondo você mesmo e todo o nosso estabelecimento ao ridículo!

Ele contornou a mesa e tive que oferecer-lhe minha cadeira.

- Mesmo assim - insisti - foi exatamente o que aconteceu!

McBain franziu a testa.

- Acho que você é o único que pensa assim.

Olhei atravessado para o homem à paisana.

- Que quer dizer com isso?

- Meu departamento interrogou todas as pessoas presentes à festa. Ninguém nem ao menos viu Lynch à noite passada.

Siskin afundou-se na cadeira e seu pequeno corpo foi engolido pelos braços estofados.

- Claro que não. Nós vamos encontrar Lynch, sim... em alguma espelunca de EEC. Voltou-se para McBain.

- O homem é viciado em correntes corticais. Não é a primeira vez que desaparece.

McBain olhou severamente para mim, mas dirigiu-se a Siskin.

- Tem certeza de que Lynch é que é o viciado?

- Hall tem folha limpa - acrescentou Siskin de mau humor - senão não estaria trabalhando comigo. Talvez tenha bebido demais à noite passada.

- Eu não estava bêbado - protestei.

Franstock se aproximou de mim.

- O Departamento de Homicídios está interessado no que esse Lynch contou a respeito da morte de Fuller.

- Mas ele disse claramente que Fuller não foi assassinado - lembrei-lhe.

O capitão hesitou.

- Gostaria de ver onde ocorreu o acidente e conversar com alguém que o presenciou.

- Foi na sala de integração das funções. Eu estava fora na ocasião.

- Onde?
- Em uma cabana que eu tenho nas montanhas.
- Alguém com você?
- Não.
- Podemos dar uma olhada nessa sala das funções?
- É no departamento de Whitney - disse Siskin. Ele é assistente do Sr. Hall. - E ligou uma chave do intercomunicador.

A tela se acendeu, encheu-se de ziguezagues, e depois firmou-se na figura de um rapaz forte, mais ou menos da minha idade, com cabelos crespos e negros.

- Sim, Sr. Siskin? - perguntou Chuck Whitney, surpreso.

O Tenente McBain e o Capitão Franstock estarão no salão dentro de dez segundos. Apanhe-os lá e mostre-lhes o departamento de integração de funções.

Depois que os policiais saíram, Siskin repetiu:

- Que diabos você está tentando fazer, Doug - acabar com a RESA antes mesmo que ela comece a funcionar?

Mais um mês e começaremos a aceitar contratos para pesquisas comerciais. Uma coisa assim é péssima propaganda para nós! Por que acha que a morte de Fuller não foi um acidente?

- Eu não disse que não foi um acidente.

Ele percebeu o que eu estava insinuando.

- Além disso, quem poderia querer matar Fuller?
- Alguém que quisesse prejudicar a RESA.
- Quem, por exemplo?

Apontei para a janela. - Eles.

Não era uma acusação a sério. Eu estava apenas tentando provar que não era tão difícil assim encontrar um possível assassino.

Ele olhou e viu - pela primeira vez, evidentemente - os piquetes da Associação dos Pesquisadores. Isto o fez pular da cadeira e rodopiar como um pequeno elfo.

- Estão fazendo piquetes, Doug! Como eu esperava! Isto será uma grande propaganda para nós!
- Estão preocupados com o que a RESA significa para eles - em termos de desemprego - expliquei.
- Bem, espero que seus receios sejam justificados. O desemprego dos "metidos" será diretamente proporcional ao sucesso da RESA.

E saiu com um impulsivo "até daqui a pouco".

E havia saído em boa hora. O escritório começou a girar loucamente e agarrei-me à mesa. Consegui sentar-me, e então minha cabeça tombou para a frente.

Momentos depois eu estava novamente em forma - incerto e apreensivo, talvez, mas, pelo menos, perfeitamente consciente.

Então percebi que não podia continuar a ignorar meus lapsos de consciência. Estavam ficando cada vez mais frequentes. E nem um mês de férias na cabana havia ajudado a interromper a sequencia de desmaios.

Mas isso não me faria desistir. Eu estava decidido a ver a RESA bem lançada.

Nada poderia me convencer de que Lynch na verdade não havia desaparecido. Era possível que ninguém mais na festa houvesse notado sua chegada. Mas que eu houvesse imaginado todo o incidente era uma coisa que eu não podia aceitar.

Com este fato como ponto de partida, era preciso encarar três consequências imediatas: que Lynch havia, realmente, desaparecido; que a morte de Fuller, no final das contas, não havia sido um acidente; que havia uma espécie de "segredo", de acordo com as palavras de Lynch, que aparentemente havia sido a causa da morte de Fuller e do desaparecimento de Lynch.

Se eu quisesse verificar estes pontos, entretanto, teria que fazê-lo sozinho. A reação da polícia havia sido a que se poderia esperar para uma queixa tão grotesca.

Mas foi apenas na manhã seguinte que atinei com a única atitude lógica a tomar. Tudo se baseava no sistema de comunicação que havia existido entre mim e Fuller e em uma coisa que Lynch havia dito.

Hannon Fuller e eu costumávamos examinar periodicamente as notas um do outro para coordenarmos nossos esforços. Ao prepararmos os relatórios, escrevíamos em tinta vermelha os pontos mais importantes.

Fuller, segundo Lynch, havia confiado a ele um segredo importante. Mas ao mesmo tempo afirmara que teria contado tudo a mim se eu tivesse presente na ocasião. Assim, era possível que Fuller já tivesse incluído em suas notas a informação que pretendia passar-me - em tinta vermelha.

Apertei o botão do intercomunicador.

- Srta. Boykins, os objetos pessoais do Dr. Fuller já foram removidos?

- Não, senhor. Mas serão em breve. Os carpinteiros e eletricitas vão descer daqui a pouco ao seu escritório.

Lembrei-me de que o escritório de Fuller iria ser destinado a outro uso.

- Diga-lhes para esperarem até amanhã.

Quando encontrei a porta do escritório de Fuller entreaberta, não me surpreendi, pois estávamos usando a sala de recepção como depósito de equipamentos *simuletrônicos*. Mas quando atingi a porta interna, tive um choque.

Uma mulher estava sentada à mesa, remexendo em uma pilha de papéis. As gavetas ainda abertas e uma pilha de artigos ao lado do mata-borrão sugeriam que ela estava fazendo um serviço completo.

Entrei silenciosamente no aposento, tentando aproximar-me o máximo possível antes de ser descoberto.

Ela era jovem, não podia ter mais de vinte e poucos anos. As maçãs do rosto, embora contraídas pela atenção que estava dando aos papéis de Fuller, eram lisas e regulares. Os lábios rivalizavam com os olhos. Os primeiros, embora cheios e vivos, estavam pintados com parcimonioso bom gosto. Concentrados nos memorandos, os olhos castanhos contrastavam com os cabelos negros que se projetavam de um pequeno chapéu de desenho algo impertinente.

Coloquei-me atrás dela, evitando trair minha presença.

Ou ela era agente de uma das companhias de *Simuletrônica* que estavam para ser suplantadas pela Reações, ou estava ligada de alguma forma ao "segredo" de Fuller.

A pequena estava praticamente no fim de sua tarefa.

Vi quando levantou a penúltima folha e a colocou, com a face para baixo, na pilha das que já havia examinado. Então meu olhos caíram sobre a última folha.

Estava escrita em tinta vermelha. Mas não eram palavras, nem fórmulas, nem desenhos esquemáticos. Apenas um desenho rústico e sem sentido. O esboço

mostrava uma espécie de guerreiro - grego, a julgar pela túnica, espada e elmo - e uma tartaruga. Nada mais. Exceto que cada figura estava sublinhada por vários traços em tinta vermelha.

Devo observar aqui que quando Fuller queria chamar a minha atenção para algo importante em seus memorandos, sublinhava o trecho em questão uma ou mais vezes, dependendo da importância do assunto. Por exemplo: quando finalmente descobriu a fórmula de transdução para programar características emocionais nas unidades subjetivas do simulador, sublinhou-a cinco vezes com tinta vermelha. E com motivo, pois se tratava da chave de todo o sistema.

Neste caso, Ele havia sublinhado o guerreiro grego e a tartaruga pelo menos cinquenta vezes - até o papel acabar!

Percebendo finalmente minha presença, a pequena se pôs em pé de um salto. Temendo que corresse para a porta, agarrei-a pelo pulso.

- Que está fazendo aqui? - perguntei.

Ela estremeceu com a pressão da minha mão. Mas, estranhamente, não havia nem surpresa nem medo em sua expressão. Em vez disso, seus olhos estavam animados de uma raiva quieta e controlada.

- Você está me machucando - disse secamente.

Por um momento fiquei intrigado com a impressão de já haver encontrado antes aqueles olhos decididos, aquele narizinho arrebitado. Aliviei a pressão, mas não a larguei.

- Obrigada, Sr. Hall. - A indignação dela não havia diminuído. - O senhor é o Sr. Hall, não é?

- Isso mesmo. Por que estava espionando este escritório?

- Bem, pelo menos o senhor não é o Douglas Hall que eu conhecia. - Com um pequeno puxão, ela libertou o pulso. - E não estou espionando. Fui trazida aqui por um dos seus guardas.

Recuei, surpreso.

- Você não é... ?

A expressão dela permaneceu a mesma. E a própria ausência de reação constituía uma confirmação.

E de repente eu estava olhando através dela - através da figura orgulhosa que combinava reserva e sofisticação - olhando através de uma névoa de oito anos para uma pequena desajeitada, de quinze anos, chamada "Jinx" Fuller. E me lembrei de que naquela época ela já era atrevida e impulsiva, apesar do aparelho nos dentes, as tranças e as roupas de adolescentes.

Lembrei-me até de alguns pormenores: o embaraço de Fuller ao explicar que a filha adolescente estava "gamada" pelo "Tio" Doug; a minha confusão de sentimentos, sentindo-me adulto com vinte e dois anos e prestes a receber o grau de Master of Science sob a orientação do Dr. Fuller. Percebendo como a tarefa de pai pode ser complicada para um viúvo, Fuller havia mandado a filha morar com uma irmã em outra cidade, onde terminara seus estudos.

A voz dela me fez voltar ao presente. - Sou Joan Fuller.

- Jinx! - exclamei.

Seus olhos se umedeceram e parte de sua autoconfiança pareceu abandoná-la.

- Pensei que nunca mais alguém me chamasse assim. Segurei-lhe a mão solicitamente. Então, distraindo-lhe propositadamente a atenção, expliquei-lhe minha brutalidade.

- Não reconheci você.

- Claro que não. E quanto à minha presença aqui - pediram-me para vir apanhar as coisas de papai.

Fi-la sentar-se novamente e curvei-me sobre a mesa.

- Eu teria cuidado de tudo. Mas não sabia... pensei que você estivesse longe daqui.

- Voltei há um mês.

- Você estava com o Dr. Fuller quando... ?

Ela assentiu, evitando propositadamente olhar para as coisas que havia reunido sobre a mesa.

Eu não devia ter abordado o assunto neste momento. Mas não queria deixar passar a oportunidade.

- O seu pai... Ele parecia aborrecido ou preocupado?

Ela olhou firmemente para mim.

- Não, não notei nada disso. Por que?

- Acontece que... - Resolvi mentir para não preocupá-la. - Estávamos trabalhando em algo muito importante. Estive fora. Queria saber se ele resolveu o problema.

- Tem alguma coisa que ver com... controle de funções?

Examinei sua expressão.

- Não. Por que pergunta?

- Oh, não sei. Não é nada.

- Mas deve haver alguma razão para a pergunta.

Ela hesitou.

- Bem, Ele andava um pouco preocupado com alguma coisa. Acho eu. Passava muito tempo estudando. E eu vi alguns livros sobre este assunto em sua mesa.

Não sei por que, ela me dava a impressão de estar escondendo alguma coisa.

- Se você não se incomoda, gostaria de ir à sua casa examinar as notas do seu pai. Talvez encontre o que estou procurando.

Isso, pelo menos, era mais hábil do que dizer a ela que a morte do seu pai não havia sido um acidente.

Ela apanhou uma sacola de plástico e começou a enchê-la com os objetos pessoais de Fuller.

- Pode ir quando quiser.

- Outra coisa. Sabe se Morton Lynch visitou seu pai recentemente?

Ela franziu a testa.

- Quem?

- Morton Lynch - o outro "tio" que você tinha.

Ela olhou espantada para mim.

- Não conheço nenhum Morton Lynch.

Escondi minha perplexidade atrás de um silêncio sombrio. Lynch trabalhara na universidade, no setor de manutenção. Deixara a faculdade com o Dr. Fuller e comigo, quando Fuller decidira abandonar o magistério e trabalhar em pesquisas. Além do mais, Ele havia morado com Fuller durante mais de dez anos, e só recentemente se mudara para um apartamento mais próximo do edifício da RESA.

- Você não se lembra de Morton Lynch? - Revivi a lembrança de um homem mais velho construindo casas de bonecas para ela, consertando brinquedos, passeando com ela nos ombros.

- Nunca ouvi falar.

Não insisti e folheei pensativamente a pilha de papéis. Parei quando cheguei ao desenho do guerreiro grego, mas não por muito tempo.

- Jinx, posso fazer alguma coisa por você?

Ela sorriu. E com isso voltaram todo o calor e displicência do seu entusiasmo juvenil. Por um momento, tive pena de que ela fosse apenas uma criança quando ficou "gamada" por mim.

- Não há problemas - assegurou-me. - Papai deixou alguma coisa. E pretendo trabalhar - afinal sou formada em estimativas de opinião pública.

- Você vai ser uma pesquisadora de opinião pública?

- Oh, não vou trabalhar no setor de colheita de dados. Sou formada em estimativas.

Havia uma certa ironia no fato de que ela havia passado quatro anos estudando para uma profissão que seria tornada obsoleta pelo que o pai havia feito durante o mesmo período.

Mas não era a hora de simpatias. Foi o que eu dei a entender quando disse:

- Além disso, você tem participação na Reações.

- Os vinte por cento de papai? Não posso tocar neles. Oh, são meus. Mas Siskin usou uma manobra legal. Ele ficou como meu procurador. As ações e dividendos ficam sob custódia até eu completar trinta anos.

Siskin previra tudo. E não era preciso muita imaginação para encontrar o motivo. Fuller não fôra o único a insistir para que parte do trabalho da Reações fosse dedicado a pesquisas para melhorar o nível da sociedade. Ele tinha a seu lado um número suficiente de votos para causar problemas a Siskin em qualquer assembléia. Mas agora, que Siskin tinha em seu poder os vinte por cento de Fuller, eu podia apostar que o simulador não seria usado em empreendimentos idealistas, não-lucrativos.

Ela fechou a sacola.

- Sinto ter sido rude com você, Doug. Mas eu estava magoada. Quando li sobre a festa de Siskin, tudo o que pensei é que você estava todo satisfeito de ocupar o lugar de papai. Mas eu devia ter compreendido que não é bem assim.

- Claro que não é. De qualquer forma, as coisas não estão correndo de acordo com os desejos do Dr. Fuller. Não me incomodo com a organização. Acho que só vou ficar até ver o simulador funcionando. Acho que seu pai merece pelo menos isso.

Ela sorriu cordialmente, colocou a sacola debaixo do braço e estendeu a mão para a pilha de notas, agora desarrumada. Um canto da folha que continha o desenho em tinta vermelha estava à mostra, e eu tive a sensação de que o guerreiro grego estava olhando sarcasticamente para mim.

- Você deve estar ansioso para examiná-las - disse ela, encaminhando-se para a porta. - Apareça lá em casa quando quiser.

Depois que ela saiu, voltei rapidamente para a mesa e apanhei os memorandos. Mas levei um choque.

O guerreiro não estava mais olhando para mim. Examinei freneticamente a pilha de notas. O desenho não estava ali.

Examinei várias vezes toda a pilha. Procurei nas gavetas, olhei no chão e embaixo do mata-borrão.

Mas o desenho tinha desaparecido - tão completamente como se nunca tivesse existido.

3

Vários dias se passaram antes que eu pudesse penetrar mais profundamente no enigma Lynch-Fuller-Guerreiro grego. Não que não estivesse preocupado com ele. É que estava ocupado demais com a tarefa de dar os últimos retoques no simulador de ambiente e integrar todas as suas funções.

Siskin continuava fazendo estalar seu chicote. Ele queria o sistema pronto para demonstração dentro de três semanas, a despeito do fato de que era preciso ainda incorporar à máquina mais de mil circuitos subjetivos para aumentar sua "população" para os dez mil previstos.

Como nossa simulação de um ambiente social deveria representar uma "comunidade" completa, era preciso usar milhares de circuitos para simular o ambiente de uma cidade. Esses circuitos simulavam coisas como meios de transporte, escolas, casas, clubes, animais de estimação, organizações do governo, empresas comerciais, parques, e todas as outras instituições de que uma cidade dispõe. Naturalmente tudo tinha que ser feito *simuletronicamente* - gravações em fita magnética, correntes em transistores, dígitos em núcleos de memória magnética.

O resultado era o análogo eletro-matemático de uma cidade "comum", vivendo despreocupadamente no seu mundo de mentira. A princípio eu achava impossível que no interior de quilômetros de fios, milhões de transdutores e potenciômetros de precisão, milhares de transistores e geradores de funções - dentro de todos esses componentes - vivesse toda uma comunidade, pronta para responder a qualquer estímulo programado nos dispositivos de entrada.

Só quando liguei um dos circuitos de supervisão e o vi funcionar é que fiquei convencido.

Exausto depois de um dia de intensa atividade, eu descansava com os pés apoiados no tempo da mesa quando meus pensamentos se afastaram do simulador.

E Eles só poderiam tomar outro rumo - o de Morton Lynch, Tonnon J. Fuller, o guerreiro grego, a tartaruga, e uma adolescente chamada Jinx, que se havia transformado, aparentemente da noite para o dia, em uma jovem atraente mas com uma memória muito fraca.

Curvei-me para a frente e escolhi um botão no intercomunicador. A tela respondeu imediatamente com a imagem de um homem de cabelos brancos e rosto abatido pelo cansaço.

- Avery - disse eu. - Preciso conversar como você.

- Pelo amor de Deus... agora não, filho. Estou exausto. É urgente?

Avery Collingsworth - há um PhD depois do nome - reservava-se o privilégio de chamar-me de "filho", embora fizesse parte da minha equipe. Mas eu não me incomodava, pois havia sido seu aluno em psico-eletrônica. Em consequência desta ligação, Ele era agora consultor de psicologia da Reações S.A.

- Não tem nada a ver com a RESA - assegurei-lhe. Ele sorriu.

- Nesse caso, acho que posso atendê-lo. Mas vou impor uma condição. Você terá que me encontrar no Limpy's. Depois do trabalho de hoje eu preciso de uma boa... - Ele abaixou a voz -... tragada.

- No Limpy's daqui a quinze minutos - concordei.

Não gosto de infringir a lei. No caso da Emenda Trinta e Três, entretanto, não tenho convicção formada. As ligas de temperança, a meu ver, têm suas razões. Pelo menos, a afirmação de que a nicotina é, nociva para a saúde do indivíduo e para a moral da nação é confirmada por todas as estatísticas.

Mas não acho que a Trinta e Três vai durar. É tão impopular como a Lei Seca há um século atrás. E não vejo por que um sujeito não pode fumar um cigarrinho de vez em quando, se ele tomar cuidado para não soprar a fumaça na direção de um membro da Sociedade Protetora dos Pulmões.

Quando combinei encontrar Collingsworth em uma sala de fumo dentro de quinze minutos, não havia pensado nos pesquisadores. Não que eu encontrasse dificuldade em passar pelos piquetes que continuavam a desfilar na frente do prédio. Oh, eles fizeram um bocado de barulho quando eu passei. E ouvi até algumas ameaças. Mas Siskin havia usado sua influência e havia um contingente de polícia de prontidão nas proximidades.

O que realmente me atrasou foi o exército de pesquisadores que invariavelmente escolhe o fim da tarde para um esforço final, caindo sobre as multidões que deixam os escritórios e as lojas.

O Limpy's fica a apenas alguns quarteirões da Reações.

Assim, eu havia tomado a calçada rolante de baixa velocidade, o que me tornou presa fácil para qualquer pesquisador que aparecesse. E como eles apareceram!

O primeiro, por coincidência, queria saber exatamente a minha opinião sobre a Emenda Trinta e Três e se eu teria alguma objeção a um cigarro sem fumaça e sem nicotina.

Pouco depois uma senhora idosa se aproximou, de bloco na mão, para perguntar o que eu achava sobre o aumento das passagens para a excursão à Lua da agência McWorther. O fato de eu nunca haver pretendido tomar parte em uma excursão desse tipo não parecia importar-lhe a mínima.

Quando ela terminou, eu já havia passado três quarteirões do Limpy's e tive que continuar mais dois até chegar à primeira plataforma de baldeamento.

Outro pesquisador me apanhou na viagem de volta. Recusou polidamente minhas tentativas de escapar, baseando-se na Lei dos POP. Impacientemente, assegurei-lhe que eu não achava que o palmito de Marte, uma amostra do qual ele havia introduzido quase à força na minha boca, encontraria boa receptividade por parte do público.

Havia ocasiões - e esta era certamente uma delas em que eu antecipava quase com alívio a era em que a *Simuletrônica* varreria das ruas os ativos POP.

Cheguei quinze minutos atrasado, identifiquei-me e atravessei a loja de curiosidades que servia de fachada para a casa de fumo.

Uma vez lá dentro, esperei que meus olhos se acostumassem à névoa azulada. O cheiro acre porém agradável de tabaco queimado enchia o ar. Dos alto-falantes embutidos na parede saíam os "acordes de uma velha canção, "Fumaça nos Teus Olhos".

Chegando ao bar, examinei as mesas e reservados. Nem sinal de Avery Collingsworth. E imaginei a cena engraçada, mas de certo modo patética, de Avery tentando desvencilhar-se de um pesquisador.

Limpby se aproximou, do outro lado do balcão. Era um homenzinho nervoso e atarracado, com um tique na pálpebra esquerda, que compunha sua aparência caricatural.

- Bebida ou cigarro? - perguntou.

As duas coisas

- Viu o Dr. Collingsworth?

- Não hoje. Que vai ser?

Scotch-asteróide – duplo. Dois cigarros - mentolados.

Os cigarros chegaram primeiro, bem acondicionados em uma caixinha de plástico. Tirei um, bati-o no balcão e levei-o aos lábios. Imediatamente, um dos ajudantes de Limpby colocou um isqueiro aceso na minha frente.

A fumaça queimava ao descer pela garganta, mas consegui reprimir a vontade de tossir. Outra tragada ou duas e eu havia passado pelo período durante o qual o fumante ocasional geralmente se trai. Então veio a tontura agradável, o ataque forte mas gostoso ao paladar e ao olfato.

Pouco depois, minha euforia foi completada por um bom gole de Scotch. Bebi com prazer, apreciando a sala quase vazia. A luz era mortiça, os fumantes falavam baixinho, de modo que um leve sussurro se misturava com a música arcaica.

Outra música antiga estava saindo dos alto-falantes:

"Dois Cigarros no Escuro". E me surpreendi pensando em Jinx, em que acharia ela da Trinta e Três, em como seria estar com ela em um jardim e observar a luz de um cigarro refletida em sua pele de cetim.

Pela centésima vez repeti a mim mesmo que ela não podia ter nada a ver com o desaparecimento do desenho de Fuller. Rememorei mais uma vez a cena. Eu havia visto o desenho enquanto a levava até a porta. Quanto eu voltei para a mesa, Ele não estava mais lá.

Mas se ela não estava envolvida, por que fingira não se lembrar de Morton Lynch?

Bebi o resto do Scotch, pedi outro e fumei o cigarro enquanto esperava. Como seria simples se eu pudesse me convencer de que não havia nenhum Morton Lynch - nem nunca tinha havido! Nesse caso, não havia nenhuma suspeita quanto à morte de Fuller, e Jinx estaria dizendo a verdade ao afirmar que não o conhecia. Mas nem assim seria possível explicar o desaparecimento do desenho.

Alguém se sentou no banco ao lado do meu e uma mão pousou no meu ombro.

- Malditos "metidos!"

Olhei para Avery Collingsworth. - Pegaram você também?

- Quatro deles. Um me apanhou com um levantamento dos hábitos pessoais dos membros da Associação Médica. Preferia ter arrancado um dente.

Limpby trouxe o cachimbo de Collingsworth, já abastecido com a mistura especial da casa, e Avery pediu um uísque puro com gelo

- Avery - disse eu, pensativamente, enquanto Ele acendia o cachimbo. - Gostaria de lhe mostrar um quebra-cabeças. É um desenho. Mostra um guerreiro grego com uma lança, olhando para a direita e no ato de dar um passo. A frente está uma tartaruga, movendo-se na mesma direção. Primeiro: Que é que isso lhe sugere? Segundo: Viu recentemente algo parecido?

- Não. Eu... ei, que idéia é essa? A essa hora eu já podia estar debaixo do chuveiro.

- O Dr. Fuller deixou um desenho assim para mim. Vamos começar com a suposição de que ele queria revelar algo importante. Só que não consigo compreender o que.

- Muito estranho.

- Sim, é estranho. Mas você tem alguma idéia do que seja?

Ele ficou silencioso por alguns instantes, fumando pensativamente o seu cachimbo.

- Talvez.

Como Ele permanecesse em silêncio, perguntei:

- Talvez, o que?

- Zeno.

- Zeno?

- O paradoxo de Zeno. Aquiles e a tartaruga.

Estalei os dedos, dizendo mentalmente: "Naturalmente!". Aquiles perseguindo a tartaruga, sem nunca conseguir alcançá-la, pois cada vez que Ele vencia metade da distância, a tartaruga já havia andado mais um pouquinho.

- Pode pensar em alguma relação entre o paradoxo e o nosso trabalho? - perguntei ansioso.

Avery franziu a testa.

- Não imediata. Mas eu sou apenas o responsável pela parte de *psicoprogramação*. Não poderia falar com autoridade dos outros setores.

- A finalidade do paradoxo, se bem me lembro, é mostrar que todo movimento é ilusório.

- Basicamente

- Mas isto não significa nada para nós, pelo menos ao que eu saiba.

Evidentemente o desenho de Fuller não tinha nada a ver com o Paradoxo de Zeno.

Estendi a mão para o copo, mas Avery me segurou pelo braço.

- Não daria muita importância a nada que Fuller fez durante as últimas semanas. ele andava muito esquisito, você sabe.

- Talvez tivesse motivos.

- Não bastariam para explicar todas as esquisitices.

- Por exemplo?

Ele molhou os lábios.

- Joguei xadrez com ele duas noites antes do acidente. Ele bebeu a noite inteira. E não gostava de bebida.

- Então ele estava preocupado com alguma coisa?

- Se estava, não me disse. Mas notei que ele estava meio fora de si. Só falava de teorias filosóficas.

- Sobre pesquisas e melhoria das relações sociais?

- Oh, não - nada disso. Mas... bem, para ser franco, Ele achava que seu trabalho na Reações estava a ponto de resultar em algo que ele chamava de "descoberta fundamental".

- Que tipo de descoberta?

- Ele não disse.

Ali estava um fato. Lynch também havia falado do "segredo" de Fuller, que este pretendia passar para mim. Agora eu estava certo de que Lynch realmente havia estado na festa de Siskin, que nós havíamos conversado no jardim.

Acendi meu segundo cigarro.

- Por que está tão interessado em tudo isto, Doug?

- Porque acho que a morte de Fuller não foi um acidente.

Depois de alguns instantes Ele disse seriamente:

- Olhe, filho. Estou a par de todas as divergências entre Siskin e Fuller - uso do simulador para pesquisas sociais, e tudo o mais. - Mas você acha mesmo que Siskin ficaria desesperado a ponto de...

- Não foi o que eu disse.

- Claro que não. E é melhor não dizer - nunca. Siskin é um homem poderoso e vingativo.

Coloquei meu copo vazio sobre o balcão.

- Por outro lado, Fuller poderia caminhar de olhos vendados por entre seus geradores de funções. Ele seria o último a esbarrar em um fio de alta tensão.

- Fuller em seu estado normal, sim. Não o Fuller que eu conheci nas últimas semanas.

Collingsworth finalmente terminou sua bebida. Então colocou o copo sobre o bar e tornou a acender o cachimbo. A luz do cachimbo tornava suas feições menos nítidas.

- Acho que posso imaginar qual foi a "descoberta fundamental" de Fuller.

Contraí-me.

- Pode?

- Sim. Aposto que tem muito a ver com sua atitude em relação às unidades subjetivas no simulador. Você se lembra que ele muitas vezes se referia a elas como "gente de verdade".

- Mas ele estava apenas brincando.

- Estava mesmo? Lembro-me muito bem de ouvi-lo dizer: "Bolas! Não vamos colocar nenhum pesquisador analógico nesta cidade!"

Expliquei:

- Ele achava que não era preciso recorrermos a pesquisadores para conhecermos as reações das unidades subjetivas. Usamos um sistema diferente: estímulos audiovisuais, tais como cartazes, anúncios de televisão etc. Examinamos as reações através dos circuitos de observação.

- Mas por que não há pesquisadores no mundo criado por Fuller?

- Porque nosso processo é mais eficiente. E obteremos informações mais fiéis do comportamento social sem a presença perturbadora dos pesquisadores.

- Isso na teoria. Mas quantas vezes você ouviu Fuller dizer: "Não quero que o meu povinho seja amolado por esses malditos metidos"?

Ele tinha uma certa razão. Eu mesmo suspeitava de que Fuller estava considerando as unidades ID, que estava programando, como algo demasiado real.

Collingsworth abriu as mãos e sorriu.

- Acho que a "descoberta fundamental" de Fuller era o fato de que suas, unidades subjetivas não eram apenas circuitos engenhosos em um complexo Simuletrônico, mas sim personalidades reais, vivas e pensantes. Em sua opinião, estou certo, elas

realmente existiam. Em um mundo de mentira, talvez, mas nunca suspeitando que sua experiência passada é sintética. Que seu universo não é um universo de verdade, sólido, material.

- Você não acha que isso pode ser...

Seus olhos divertidos refletiram a luz de um isqueiro que foi aceso perto de nós.

- Meu amigo. eu sou apenas um psicólogo - da escola behaviorista. Minha filosofia segue esta linha de pensamento. Mas você. Fuller e outros *simuletrônicos* pensam diferente. Quando alguém começa a misturar psicologia com *Simuletrônica* e junta um pouco de condicionamento probabilístico, é quase certo que dessa confusão saiam algumas conclusões estranhas. É difícil colocar pessoas dentro de uma máquina sem começar a pensar sobre a natureza básica das pessoas e das máquinas.

A discussão estava nos levando longe demais. Tentei voltar ao assunto.

- Não concordo com a sua suposição sobre a "descoberta fundamental" de Fuller. Acho que era sobre essa descoberta que Lynch pretendia me falar.

- Lynch? Quem é Ele?

Levei um susto. Depois sorri, percebendo que ele devia ter ouvido Jinx Fuller dizer que nunca tinha ouvido falar de Lynch. E agora estava querendo brincar comigo.

- Estou falando sério - prossegui. - Se eu não tivesse acreditado na história de Lynch acerca do "segredo" de Fuller, não teria ido à polícia.

- Lynch? A polícia? Que história é essa?

Comecei a suspeitar que ele estava falando sério.

- Avery. não é hora de brincadeiras. Estou falando de Morton Lynch!

Ele sacudiu a cabeça. - Não conheço.

- Lynch! - eu estava quase gritando. - O encarregado da segurança da RESA!

Apontei para uma taça de bronze atrás do bar.

- Aquele Lynch! O Lynch cujo nome está naquele troféu, o Lynch que ganhou de você no torneio de *jato-boliche* no ano passado!

Collingsworth se curvou para a frente de Limpy e se aproximou.

- Quer dizer ao Sr. Hall quem foi o chefe da segurança interna da Reações durante os últimos cinco anos?

Limpy apontou para um homem de meia-idade sentado no banco da ponta.

Joe Gadsen.

Agora, Limpy, passe ao Sr. Hall aquele troféu.

Li a inscrição: Avery Collingsworth - Junho de 2033.

A sala começou a girar e o cheiro acre de tabaco pareceu envolver-me como uma névoa. A música foi diminuindo aos poucos e a última coisa que me lembro é que tentei agarrar-me ao balcão.

Não devo ter perdido completamente os sentidos, entretanto. Pois a próxima coisa de que me lembro é que levei um esbarrão de alguém na calçada fixa ao lado da calçada de baixa velocidade. Parei e encostei-me a um edifício a vários quarteirões da sala de fumo.

Deve ter sido outro desmaio - mas durante o qual eu permanecera aparentemente normal. Avery provavelmente não havia notado nada. E ali estava eu, subitamente consciente, trêmulo e confuso, olhando para o céu estrelado.

Pensava sem parar em Lynch, na inscrição do troféu, no desenho de Fuller. Seria tudo isso verdade? Ou teria eu imaginado tudo? Por que a ordem e a razão estavam

fazendo brincadeiras comigo?

Confuso, atravessei a plataforma de baldeação e me encaminhei para o outro lado da rua. O trânsito era pequeno, e não havia nenhum carro aéreo partindo da ilha central mais próxima. Isto é, não havia até que cheguei a cinco metros da ilha.

Então um veículo surgiu da escuridão, a sireia de emergência soando insistentemente. Aparentemente fora de controle, Ele se libertou completamente do feixe-guia, rumando diretamente para mim.

Saltei para a calçada de alta velocidade. O súbito impacto quase me atirou novamente na direção do carro. Mas consegui firmar-me, e depois de alguns instantes sentei-me e olhei para trás.

O carro parou finalmente com um jato de ar de freio de emergência que o deteve a centímetros do meio-fio.

Se eu não tivesse escapado a tempo, as turbinas inferiores ter-me-iam reduzido a pedaços.

4

Uma sucessão de pesadelos em que tudo que eu segurava se reduzia a pedaços perturbou o meu descanso até de madrugada. Em consequência, dormi demais e tive que sair sem o café.

Voando para a cidade, entretanto, evitei as vias mais congestionadas, mesmo aumentando meu atraso, enquanto pensava no quase acidente da noite anterior. Seria mais um enigma? O carro teria sido posto propositadamente fora de controle?

Rejeitei minha própria suspeita. O acidente não podia ser intencional. Por outro lado, o Dr. Fuller havia sofrido um acidente fatal que também não podia ter sido planejado. E havia o desaparecimento de Lynch. Haveria também uma intenção desconhecida por trás disso? E como é que três dos amigos mais íntimos de Lynch pareciam nunca terem ouvido falar dele?

Todos estes fatos incríveis estariam ligados de alguma forma a alguma informação que Fuller havia passado a Lynch? Este segredo havia condenado primeiro Fuller, e depois, Lynch?

Tentei reunir as peças do quebra-cabeça em alguma configuração lógica, mas não consegui. A inscrição alterada do troféu continuava a prender a minha atenção, trazendo com ela um desenho agora desaparecido e um homem sentado em um banco da sola de fumo enquanto Limpy afirmava que ele era chefe da segurança da RESA.

Tudo cheirava a... sobrenatural. Eu tinha evitado até agora recorrer a esta explicação. Mas que me restava?

De qualquer forma, uma coisa parecia certa: Fuller e Lynch haviam conhecido uma "informação secreta" ou "descoberta básica" - ou o que quiserem. - Que aconteceria se EU descobrisse esse segredo? Ou mesmo continuasse a demonstrar interesse em conhecê-lo? Seria o incidente com o carro apenas um aviso?

Parei o carro no estacionamento da RESA. Assim que desliguei o motor, ouvi um tumulto na frente do edifício.

Ao dobrar a esquina, esquivei-me de um pedaço de cano arremessado contra uma das janelas do primeiro andar. Mas ele perdeu velocidade em uma chuva de centelhas, e caiu ao solo no limiar da barreira de repulsão.

O número de piquetes havia triplicado. Mas eles ainda se mantinham em ordem. A confusão estava sendo criada por uma multidão ululante que se reunira em frente ao destacamento policial.

Mais adiante, na plataforma de baldeação, um sujeito de rosto afogueado estava berrando em um megafone:

- Abaixo a Reações! Há trinta anos que não temos uma depressão! A pesquisa automática trará o colapso econômico!

O sargento do destacamento se aproximou. - O senhor é Douglas Hall?

Quando assenti, Ele disse:

- Vou escoltá-lo até lá dentro.

Ele ligou o gerador portátil de repulsão e senti o abraço confortador do campo de repulsão à medida que ele se formava em torno de nós.

- Vocês estão sendo muito complacentes - queixei-me, enquanto o seguia em direção à entrada.

- Vocês estão bem protegidos. Além disso, se gente não deixa a multidão extravasar suas emoções, a coisa pode ficar pior ainda.

No interior do edifício, tudo corria normalmente. Não havia nenhum sinal de que a menos de trinta metros uma multidão vociferava contra a RESA. Mas a urgência do trabalho a ser feito exigia este grau de indiferença.

Fui diretamente para o Departamento de Pessoal. Nos "L" do arquivo não havia nenhuma entrada para Morton Lynch.

Nos "G" encontrei: "Gadsen, Joseph M. - Diretor, Segurança Interna". A admissão estava datada de 11 de setembro de 2029 - cinco anos atrás. E o arquivo mostrava que ele fora promovido para o cargo atual há duas semanas.

- Algo errado, Sr. Hall?

Voltei-me para a encarregada do arquivo.

- As fichas estão em dia?

- Sim, senhor - disse-me ela, com orgulho. - Atualizo-as toda semana.

- Temos alguma queixa de... Joe Gadsen?

- Oh, não, senhor. Apenas elogios. Ele se dá muito bem com todo mundo. Não é verdade, Sr. Gadsen?

E ela sorriu para alguém atrás de mim.

Virei-me. O sujeito que eu conhecera na sala de fumo estava ali.

Ele sorriu.

- Alguém reclamou de mim, Doug?

Fiquei em silêncio por um momento. Então consegui murmurar um débil "Não".

- Ótimo - replicou ele, encarando evidentemente o fato como coisa superficial. - A propósito, Helen mandou agradecer pelas trutas que você mandou do lago. Se não tem nada para sexta-feira à noite, vá jantar lá em casa. O Junior está doido para conversar mais com você sobre Simuletrônica. Você o deixou fascinado pelo assunto.

Joe Gadsen, Helen, Junior - essas palavras para mim eram tão destituídas de significado como os nomes exóticos dos nativos de um planeta desconhecido do outro lado da galáxia. E essa história das trutas... bolas, eu não havia apanhado um único peixe o mês inteiro que passei no lago! Pelo menos, não me lembrava de haver apanhado nenhum.

Então me ocorreu uma prova decisiva. Deixei Gadsen e a encarregada do arquivo olhando espantados um para o outro e corri para a sala de Chuck Whitney, no Departamento de Geração de Funções. Encontrei-o com a cabeça mergulhada nas entranhas do integrador principal. Bati-lhe no ombro e Ele se pôs de pé.

- Chuck, eu....

- Sim, Doug, o que é?

Seu rosto bronzeado refletiu espanto, e depois incerteza ante minha hesitação.

Ele passou a mão pelos cabelos negros abundantes, relíquia de uma moda há

muito extinta. Então preocupado, perguntou:

- Algum problema?
- É sobre... Morton Lynch - disse, relutantemente. - Já ouviu falar dele?
- Quem?
- Lynch - repeti, subitamente desanimado. - Morton, o chefe... oh, não tem importância. Esqueça.

Um momento depois eu estava na entrada da minha sala de recepção e era saudado com um alegre "Bom dia, Sr. Han".

Olhei de novo para a recepcionista. Não era mais a Srta. Boykins. Em seu lugar estava sentada Dorothy Ford, em toda a sua exuberância, encarando-me com uma expressão divertida.

- Surpreso? - murmurou. - Onde está a Srta. Boykins?

- O Sr. Siskin mandou e ela obedeceu. Agora está nos confortáveis aposentos do Escritório Central - satisfeita, espero, com a proximidade do Pequeno Grande Homem.

Insisti.

- Trata-se de uma modificação permanente?

Ela afastou da testa uma mecha de cabelo prateado. Mas de certo modo não parecia tão frívola e ineficiente como na festa de Siskin. Olhou para as mãos e disse sugestivamente:

- Oh, estou certa de que não se importará com a mudança, Doug.

Mas eu me importava. E provavelmente demonstrei o que pensava quando entrei no escritório com um pouco hábil "Acabo me acostumando". Não apreciava o fato de que Siskin estava movimentando seus peões no tabuleiro e eu era um deles. Era evidente agora que ele pretendia impor sua vontade quando chegasse a hora de escolher as missões do simulador de ambiente. E eu não tinha dúvida de que ele rejeitaria minha recomendação de usar o sistema durante parte do tempo em pesquisas sociológicas. Ele que estivera a ponto de dar a Fuller um decidido "não" para a mesma questão.

No meu caso, porém, Ele precisava usar de habilidade - habilidade, e, evidentemente, algumas formas de distração supostamente interessantes. A Srta. Boykins, reconhecidamente, não era a antítese da dona de casa, mas era eficiente e agradável. A versátil Dorothy Ford, por outro lado, poderia servir a uma infinidade de propósitos - inclusive, sem dúvida, o de me "manter de olho" em benefício dos Estabelecimentos Siskin.

Este exercício mental, entretanto, não prendeu por muito tempo minha atenção, pois o enigma de Lynch me atraía como um ímã.

Liguei o videofone e dentro de segundos o Tenente McBain apareceu na tela.

Depois de me identificar, disse:

- A respeito de minha queixa do desaparecimento de Morton Lynch...
- Com que departamento o senhor quer falar?
- O de Pessoas Desaparecidas, naturalmente. Eu...
- Quando o senhor fez esta queixa? Qual foi a queixa?

Engoli em seco. Mas de certo modo eu já previra esta reação.

- Morton Lynch - disse, decididamente. - Na festa de Siskin. O desaparecimento. O senhor veio à Reações e...

- Sinto muito, Sr. Hall, mas deve estar me confundindo com outra pessoa. Este departamento não recebeu nenhuma queixa deste tipo.

Minutos depois eu estava ainda olhando para a tela apagada.

Então dei um salto na cadeira e abri a gaveta de cima.

O exemplar da folha da Tarde ainda estava lá. Procurei ansiosamente a página de espetáculos e li o último tópico da coluna de Stan Walters.

Era uma crítica sarcástica da última peça do Teatro da Cidade.

Nem uma palavra a respeito de Morton Lynch e da festa de Siskin.

A campainha do intercomunicador tocou várias vezes até que finalmente apertei o botão sem ao menos olhar para a tela.

- Sim, Srta. Ford?

- O Sr. Siskin está aqui.

E desta vez também não estava só. Com Ele estava um homem vestido impecavelmente e cujas proporções faziam o "bonequinho simpático" de Dorothy parecer ainda menor.

- Doug - disse Siskin apressadamente. - Quero que conheça alguém que não está aqui! Compreende? Ele nunca esteve aqui. Depois que partirmos, para você é como se ele nunca tivesse existido.

Levantei-me, quase derrubando a cadeira ao perceber a semelhança entre o que ele havia dito e o que ocorrera com Lynch.

- Douglas Hall. Wayne Hartson - apresentou ele. Estendi uma mão trêmula, que foi imediatamente apertada com força.

Vou trabalhar com Hall? - perguntou Hartson.

- Só se tudo ficar acertado. Só se Doug compreender que o que estamos fazendo é para o bem de todos.

Hartson franziu a testa.

- Pensei que você já tivesse cuidado de tudo dentro da sua organização.

- Oh, mas é verdade! - Siskin assegurou-lhe.

Então veio o estalo. Wayne Hartson, um dos maiores figurões políticos do país.

- Sem Hartson - prosseguiu Siskin quase num sussurro - a administração não funciona. Naturalmente, suas ligações são todas subterrâneas, já que para todos os efeitos ele é apenas o elo entre seu partido e o governo.

Dorothy fez soar a campainha e seu rosto apareceu no intercomunicador.

- Pesquisador de Opinião Pública Número 3471-C no videofone para o Sr. Hall.

Os olhos de Siskin refletiam ódio quando ele se colocou na frente da tela.

- Diga...

Mas o rosto da moça já havia sido substituído pelo do pesquisador.

- Estou fazendo um levantamento das preferências masculinas em relação a presentes de Natal - recitou ele.

- Então resmungou Siskin - não se trata de uma pesquisa prioritária?

- Não, senhor. Mas...

- O Sr. Hall se recusa a responder. Pode usar a gravação desta conversa como prova.

Siskin desligou e a imagem sorridente do homem desapareceu gradualmente, os pesquisadores não se incomodam quando o interrogado se recusa a responder, contanto que possam provar isso a seus chefes.

Quanto ao Sr. Hartson - prosseguiu Siskin. - Eu estava afirmando que sem ele a administração não funciona.

Já ouvi falar do Sr. Hartson - disse eu, preparado para o que estava por vir.

Hartson puxou uma cadeira, cruzou as pernas, e adotou uma expressão paciente.

Siskin continuou, olhando de vez em quando para mim. - Já falamos sobre isso antes, Doug, e sei que não concorda comigo em alguns pontos. Mas com mil diabos, rapaz, a Reações pode se tornar a empresa mais importante do país! Então, depois que recuperarmos nosso investimento, *construirei* para você outro simulador que poderá usar apenas para pesquisas.

- Já é uma realidade, Doug - o sistema do partido único. Não podemos evitar que aconteça. E não acho que será tão mau para o país. Mas a questão é que a Reações pode naufragar na transição!

Hartson interrompeu:

- Podemos completá-la em dois ou três anos sufocando completamente o outro partido e tirando-lhe os principais expoentes - se fizermos um trabalho bem feito - disse ele com franqueza.

Siskin se curvou sobre a mesa.

- E você sabe quem vai dizer a Hartson quais os passos a tomar, em todas as eleições nacionais e estaduais, e em todos os outros assuntos? O simulador que eu construí para você!

Senti-me meio nauseado com o seu entusiasmo infantil.

- Que ganhará com isso?

- Que ganharemos com isso? - Ele começou a passear pelo aposento. - Vou dizer-lhe, filho. Não está longe o dia em que todo o complexo de pesquisa oral de opinião pública será considerado fora da lei como um incômodo intolerável para o público.

Hartson tomou a palavra.

- A posição da Reações será esplêndida. Ainda haverá necessidade de pesquisas de opinião pública, mas sacudiu a cabeça fingindo preocupação - não vejo como satisfazer essa necessidade a menos que a RESA receba apoio do governo federal.

- Não compreende, Doug? - Siskin apoiou-se na mesa.

Haverá um simulador "*Siskin-Hall*" em cada cidade! As suas unidades subjetivas darão as respostas! Teremos um novo mundo! E depois que passar a fase inicial, teremos todo um conjunto de organizações Simuletrônicas dedicadas à tarefa de melhorar o mundo, torná-lo mais justo e humano!

Talvez eu devesse ter dito a Siskin para procurar outro engenheiro Simuletrônico Mas que adiantaria? Se, como Fuller suspeitava, Siskin e o partido estavam planejando um golpe de enormes proporções, que lucraria eu renunciando a uma posição estratégica?

- Que quer que eu faça? - perguntei. Siskin sorriu.

- Continue com seu trabalho atual. Vamos primeiro cumprir alguns contratos comerciais. Assim poderemos testar o potencial do sistema. Enquanto isso, vá pensando em como reprogramar completamente a máquina para transformá-la em um simulador orientado para a política.

Dorothy interrompeu no intercomunicador.

- Sr. Hall o Sr. Whitney está programando um novo grupo de unidades subjetivas. Ele quer saber se o senhor pode ir até lá.

A caminho do Departamento de Geração de Funções, encontrei Avery Collingsworth no corredor.

- Acabo de dar a Whitney minha aprovação final para as características psicológicas de quarenta e sete novas unidades ID - disse Ele. - Aqui está um

resumo, para o caso de você querer conferir.

Recusei o caderno que Ele me oferecia.

- Não é necessário. Confio no seu julgamento.
- Posso cometer um engano, você sabe. - Ele sorriu.
- Não acredito.

Ele hesitou e tentei despedir-me sem que ele pensasse que eu estivesse preocupado com o que ocorreria na sala de fumo.

Ele tocou no meu braço solicitamente. - Sente-se bem agora?

- Claro. - Forcei uma risada casual. - A noite passada no Limpy's... acho que bebi demais enquanto esperava por você.

Ele sorriu aliviado, e prosseguiu seu caminho.

Fora do departamento de Whitney, encostei-me à parede. Havia começado de novo - ouvidos zumbindo, têmporas latejando. Mas lutei contra a inconsciência. Finalmente as paredes se firmaram e fiquei ali parado, tenso e assustado. Depois de observar o corredor para ver se ninguém testemunhara o ataque, entrei na sala de geração de funções.

Chuck Whitney estava exultante.

- Todas as quarenta e sete unidades ID integradas com sucesso! - exclamou.
- Tudo correu bem?
- Nenhum problema. População atual do simulador: nove mil, cento e trinta e seis unidades.

Tomamos o elevador para um dos "postos de observação" do segundo andar. Encaminhei-me para a fila mais próxima de unidades de armazenamento. Chegando ao trecho em que estavam as unidades recém-acrescentadas, parei impressionado.

Cada painel de controle nos dava a certeza, através do sussurro dos tambores de memória, do estalar dos relés sinápticos, do ritmo dos servomecanismos, que aquele ser de mentira estava funcionando em perfeita ordem, que seus circuitos cognitivos haviam sido corretamente estimulados.

Observei a miríade de pequenas luzes que piscavam em dois dos painéis. As lâmpadas correspondentes pareciam estar piscando em perfeita harmonia. E imaginei aquele par de unidades subjetivas em uma relação análoga. Um homem e uma mulher, talvez. Passeando de braço dado em uma calçada. Talvez imersos em pensamentos semelhantes, à medida que construía sua própria estrutura da experiência opcional a partir dos fundamentos de realidade que lhes havíamos dado.

E compreendi perfeitamente como Fuller havia sido levado a falar das unidades do simulador como "meu pequeno povo".

Chuck interrompeu meus pensamentos.

- Posso colocá-lo em ligação direta ou em um circuito de observação - sugeriu ele - se você quiser fazer uma verificação.

Mas a voz de Dorothy Ford soou abruptamente no alto-falante da parede.

- Sr. Hall, o Capitão de Polícia Franstock está aqui para vê-lo. Está esperando na sala de funções.

Descemos de elevador e Franstock, com as credenciais na mão, encaminhou-se para nós.

- Hall? - perguntou, dirigindo-se a Whitney.
- Não - corrigiu Chuck. - Sou Whitney. Este é Hall.

Fiquei chocado, mas apenas momentaneamente, quando Franstock não me reconheceu. Afinal o Tenente McBain, há apenas uma hora atrás, também não havia

agido como se nunca tivesse ouvido falar em mim?

Chuck saiu da sala e o capitão disse:

- Gostaria de fazer-lhe algumas perguntas a respeito da morte do Dr. Fuller.
- Por que? - levantei as sobrancelhas. - A investigação não revelou que foi um acidente?

O rosto impassível do capitão assumiu uma expressão complacente.

- Não estamos tão certos. Vou ser franco, Sr. Hall. É possível que o que aconteceu com Fuller não tenha sido um acidente. O senhor declarou que estava fora na ocasião, não é?

Fiquei perplexo. Não porque eu estava sendo interrogado a respeito do que agora a polícia considerava como um possível assassinato, e sim porque me parecia que as peças do quebra-cabeça estavam-se encaixando de uma maneira totalmente imprevista.

Fuller estava morto; Lynch, desaparecido. Desaparecido e esquecido. Tudo por causa de um "segredo" que eu agora estava tentando descobrir. Há poucos dias eu fôra quase assassinado. Agora isto - uma investigação policial subitamente revitalizada. Seria uma manobra tática para afastar-me do cenário? Mas como? E quem poderia ser o responsável?

- Então? - insistiu Franstock
- Já lhe disse: Eu estava em minha cabana no lago.
- Já me disse?

Engoli em seco,

- Nada. Eu estava em minha cabana.
- Alguém com o senhor?
- Não.

- Então não pode provar que estava fora quando Fuller morreu. Ou que estava em sua cabana.

- Por que precisaria provar? Fuller era o meu melhor amigo.

Ele sorriu cinicamente.

- Como um pai?

Ele olhou em volta, como para abranger todo o edifício, e não apenas a sala de funções.

- O senhor está muito bem agora, hein? Diretor-técnico. A oportunidade de participar de um dos maiores empreendimentos do século vinte e um.

Eu disse calmamente:

- Há um armazém a um quilômetro da cabana aonde eu ia quase diariamente buscar suprimentos. As fitas gravadas com a minha bio-capacitância particular comprovarão minha presença lá.

- Veremos - disse Ele, incredulamente. - Enquanto isso, mantenha-se onde possamos encontrá-lo com facilidade.

5

Passaram-se alguns dias antes que eu tivesse tempo para fazer uma verificação do *Simulacron-3*. Além de estar cheio de serviço, eu tinha que tranquilizar Siskin fazendo alguns planos preliminares para a transformação do complexo *Simuletrônico* em uma máquina de previsões políticas.

Enquanto isso, meus pensamentos se voltavam de vez em quando para a investigação policial. Seria um acontecimento independente? Ou estaria Siskin mexendo seus pauzinhos para mostrar o que poderia acontecer se eu não concordasse com seus planos?

Em certa ocasião, durante uma conversa de videofone com Siskin, cheguei mesmo a mencionar a visita do Capitão Franstock. E senti que minhas suspeitas eram fundamentadas quando ele não mostrou a mínima surpresa pelo súbito interesse na polícia na morte de Fuller.

Dando a entender sutilmente que eu só teria a ganhar se permanecesse a seu lado, Ele disse:

- Se Eles começarem a incomodar você, fale comigo.

Decidi atacar outro ponto.

- Não se pode censurar a polícia -- disse, casualmente. - Afinal de contas, Lynch afirmou que a morte de Fuller não foi acidental.

- Lynch? Lynch?

Prossegui de modo ousado mas ambíguo:

- Morton Lynch. O homem que sumiu na sua festa.

- Lynch? Sumiu? De que está falando, filho?

Sua reação era sincera. E isto queria dizer que Siskin, como todo mundo exceto eu, havia esquecido completamente o homem que havia desaparecido do seu jardim de inverno. Ou então era um grande ator.

- Lynch - menti -- era um sujeito que vivia brincando comigo a respeito de liquidar Fuller e tomar o seu lugar.

Quando finalmente arranjei tempo para fazer o teste que Whitney havia sugerido, surpreendi-me encarando a experiência com uma certa ansiedade.

Chuck me acompanhou à "sala de observação" e me indicou uma poltrona reclinável.

- Que espécie de prova? Circuito de observação?

- Não. Apenas uma ligação empática.

- Alguma unidade em particular?

- Pode escolher.
- Evidentemente Ele já tinha escolhido.
- Que tal "D. Thompson" - ID-7412?
- Está ótimo.
- Qual a profissão?
- Piloto de carga. Vamos apanhá-lo em um serviço de entrega. Pronto?
- Pode começar.

Ele encaixou o capacete de transferência na minha cabeça e brincou:

- Chegou a hora da vingança. Vou lhe dar uma descarga de alta tensão.

Não achei graça. Pelos cálculos de Fuller, um defeito do modulador poderia causar um pico de tensão, ocasionando uma transferência recíproca. Do mesmo modo como o ego do observador ficava temporariamente plantado na unidade de armazenamento da ID, a última poderia impressionar o cérebro do observador em uma troca instantânea.

Não que a transferência recíproca não pudesse ser desfeita. Mas se algo acontecesse à imagem da unidade ID durante esse intervalo, isto seria o fim do ego do observador.

Sentado na poltrona, observei Chuck se dirigir ao painel de transferência, fazer alguns ajustes finais, e acionar a chave do ativador.

Houve uma breve distorção de todos os meus sentidos - um clarão caleidoscópico, um som ensurdecedor, um assalto de cheiros e sensações táteis impossíveis.

Então eu estava do outro lado. E houve aquele momento de medo e confusão enquanto meus processos de percepção se ajustavam às características de D. Thompson - ID- 7412.

Eu estava dirigindo um avião de transporte enquanto apreciava a cidade analógica lá embaixo. Era capaz até de sentir a minha respiração (a de Thompson) e o calor do sol que atravessava o teto de plástico.

Mas era uma associação passiva. Eu podia apenas ver, ouvir, sentir. Não tinha nenhuma autoridade motora. Nem a unidade subjetiva tinha consciência alguma de ligação empática.

Mergulhei ao nível subvocal e encontrei sua linha de pensamentos conscientes: eu estava aborrecido porque estava atrasado. Mas, diabos, eu (ID-7412) era miseravelmente pago! Poderia ganhar o dobro em qualquer outra companhia de transportes.

Satisfeito com a perfeição da ligação, eu (Doug Hall) passei de novo para o nível das sensações e olhei com os olhos de Thompson para o homem no assento ao lado.

E imaginei se o ajudante seria uma unidade ID real, ou apenas um dos "bonecos". Havíamos criado centenas de milhares de "bonecos" para compor o ambiente simulado. Esperei impacientemente que Chuk introduzisse o estímulo de prova. Queria chegar cedo em casa, pois tinha um encontro com Jinx para jantar e dar uma olhada nas notas do Dr. Fuller.

Finalmente chegou o estímulo. Thompson olhou para ele durante uns dez segundos antes que eu percebesse de que se tratava.

No telhado de um dos edifícios lá em baixo, um anúncio de vapor de xenônio repetia insistentemente:

UISQUE QUEEN MARY - LEVE E SABOROSO TRADIÇÃO E QUALIDADE

Era um artifício para levar nossas unidades subjetivas a expressarem sua opinião. Thompson, que havia provado o equivalente *Simuletrônico* do uísque Queen Mary durante o que para Ele parecia ser vários anos, reagiu instantaneamente

Bebida ordinária - pensei eu (ID-7412) - Não seria tão ruim se fosse um pouquinho mais velha. Mas uísque em uma garrafa em forma de bola de boliche?

Enquanto isso, outros anúncios repetiam a mensagem por toda a cidade.

E as reações de milhares de unidades ID eram analisadas, canalizadas para o registro principal. Mais tarde seriam classificadas, armazenadas e arquivadas. Apenas apertando um botão teríamos uma estatística completa em termos de idade, sexo, profissão, filiação política etc.

Em apenas alguns segundos, o simulador de Fuller havia conseguido o que de outra forma teria representado um mês de trabalho de um batalhão de pesquisadores de opinião pública.

O que aconteceu em seguida me tomou de surpresa. Ainda bem que a ligação empática só funcionava em um sentido, ou D. Thompson teria sabido que não se encontrava só no seu espanto.

Um enorme relâmpago cortou o céu azul. Três gigantescas bolas de fogo explodiram no espaço. Nuvens surgiram do nada, expandindo-se rapidamente até bloquearem a luz do sol, e delas a água desceu em torrentes. Dois edifícios menores foram envolvidos por chamas espontâneas.

Perplexo, rejeitei a possibilidade de que Chuck estivesse brincando com o cenário. Embora um fenômeno desses pudesse ser encarado pelas unidades ID como uma "catástrofe natural", Whitney não se arriscaria a perturbar o delicado equilíbrio da nossa comunidade analógica.

Só havia outra possibilidade: algum defeito no complexo *Simuletrônico*! Um transistor queimado, energia insuficiente, um simples curto-circuito... tudo isso poderia ser automaticamente traduzido pelo sistema como um equivalente mais ou menos "natural" de correntes eletrônicas espúrias. Devia haver algum defeito, mas Chuck não me havia retirado porque a retirada de uma ligação empática tinha que ser voluntária ou ao final de um prazo preestabelecido. De outra forma, uma parte importante do ego da ID poderia ser irremediavelmente perdida.

Então os olhos de Thompson se fixaram novamente no anúncio de xenônio e percebi sua reação de espanto ao ver a estranha mensagem que aparecera no cartaz:

DOUG! VOLTE! EMERGÊNCIA!

Imediatamente, rompi a ligação empática e passei de novo pela estranha transição até voltar à minha própria orientação subjetiva. A "sala de observação" era uma confusão de gritos e correrias, e pairava no ar o cheiro de isolante queimado.

Chuck, trabalhando desesperadamente com um extintor de incêndio no painel de controle, olhou para minha poltrona.

- Você está de volta! - gritou Ele. - Graças a Deus! Poderia ter recebido uma sobrecarga de tensão a qualquer momento!

Então ele desligou a chave principal. O ruído da máquina cessou bruscamente. Mas uma luz trêmula continuou a sair das aberturas de ventilação do painel.

Tirei o capacete.

- Que aconteceu?

- Alguém colocou uma bomba incendiária no modulador!

- Há pouco?

- Não sei. Fui um instantinho lá fora. Se não tivesse voltado a tempo, você teria sido reduzido a cinzas!

Siskin recebeu o episódio da bomba incendiária com uma calma surpreendente - calma excessiva, pensei. Em questão de minutos Ele estava na Reações observando os estragos e tranquilizando-se com a nossa afirmação de que o atraso não seria maior que um dia ou dois.

Quanto ao responsável pelo atentado, Ele tinha uma explicação pronta e sublinhou-a com um soco na palma da mão.

- Esses malditos pesquisadores! Um deles conseguiu entrar aqui!

Joe Gadsen negou veementemente esta possibilidade.

- Nossas medidas de segurança são perfeitas, Sr. Siskin.

Siskin ficou furioso.

- Então foi feito por alguém de dentro! Faça uma investigação completa!

De volta a meu escritório, fiquei passeando em frente à janela, observando a rua agora tranquila. Apenas os piquetes dos pesquisadores. Nada de multidões ululantes. Mas por quanto tempo? E qual seria o denominador comum entre os pesquisadores, a bomba incendiária e todas as outras coisas impossíveis que haviam acontecido?

Eu estava certo de que devia haver uma relação fundamental entre todos os fatos estranhos ocorridos na última semana - a morte de Fuller, o desaparecimento de Lynch, o fato de Lynch ter sido "esquecido" pelos seus amigos, o desenho de Aquiles, agora desaparecido, a inscrição modificada no troféu, a investigação policial encerrada e reiniciada.

Por exemplo, a bomba incendiária: Aparentemente, tratava-se de uma reação da Associação dos Pesquisadores contra uma instituição que constituía uma ameaça a seus interesses Mas seria mesmo? Ou seria um atentado dirigido contra mim, em particular?

Quem seria o responsável? Eu podia excluir Siskin logo de saída. Embora ele talvez tivesse motivos para querer afastar-me, poderia consegui-lo através da investigação policial que estava manipulando. .

Então, quando parei para olhar pela janela, ocorreu-me outra possibilidade: muitos dos estranhos acontecimentos poderiam ser dirigidos indiretamente contra o próprio simulador!

A morte de Fuller, o desaparecimento de Lynch, a bomba incendiária, meus quase-acidentes... uma campanha planejada para eliminar os dois únicos engenheiros *simuletrônicos* capazes de assegurar o sucesso da RESA?

Este raciocínio levava uma vez mais à Associação dos Pesquisadores. Mas novamente a lógica mostrava que não podia ser a Associação; tinha que ser alguém com poderes sobrenaturais ou com meios para simulá-los de modo convincente.

Não consegui tirar a sucessão de enigmas do pensamento nem mesmo depois de um agradável jantar com Jinx àquela noite.

Havíamos comido em silêncio durante dez minutos quando me ocorreu que não havia motivo para que ela estivesse tão mergulhada em seus pensamentos.

- Jinx.

Ela deixou cair o garfo, que bateu com ruído no prato.

Sorriu desajeitadamente, e depois riu.

- Você me assustou.

Mas eu havia apenas murmurado o seu nome.

- Algo vai mal?

Ela usava um belo vestido creme que lhe deixava os ombros nus. Com isso, uma considerável extensão de pele morena servia de moldura para os cabelos negros.

- Não, disse ela. - Estava pensando em papai.

Ela olhou para o escritório e escondeu o rosto entre as mãos. Eu estava a ponto de contornar a mesa e confortá-la, mas parei, percebendo que alguma coisa ali não estava certa. Eu podia compreender sua tristeza, já que ela e o pai eram sozinhos no mundo. Mas esta demonstração de emoção era quase como uma volta ao passado.

As coisas têm sido bem diferentes desde que o progresso modificou a atitude em relação à morte e acabou com a convenção sádica dos funerais. Antigamente, a prova da morte tinha que ser estabelecida em bases concretas. As pessoas que compareciam a um funeral viam e acreditavam. E partiam convencidas de que o ser amado havia realmente deixado esta vida e que não havia o perigo de enterrar por engano uma pessoa viva. O fato de que os parentes próximos recebiam um violento choque traumático parecia não ter a menor importância.

Assim que a humanidade progrediu um pouco, entretanto, foi possível constatar a morte mesmo através de técnicas rudimentares como medida da bio-capacitância e análise de ressonância cortical. E o maior choque que a família recebia era saber que a morte havia ocorrido e o corpo fôra cremado.

O que estou tentando explicar é que como eu sabia que Jinx era uma moça normal, não via motivos para o estado emocional em que se encontrava.

E quando ela me levou para a biblioteca momentos depois, ocorreu-me subitamente que ela estava apenas fingindo que sua perturbação fôra causada pela morte do pai. Estaria ela ocultando uma causa muito mais profunda?

Ela apontou para a mesa de Fuller.

- Fique à vontade enquanto vou retocar a pintura.

Pensativo, observei-a deixar o aposento, alta, graciosa e adorável apesar dos olhos inchados.

Ela demorou o suficiente para que eu examinasse as coisas de Fuller. Mas apenas duas coisas me impressionaram. Em primeiro lugar, entre as poucas notas que estavam espalhadas sobre a mesa e guardadas em duas gavetas, alguns memorandos estavam faltando. Como eu sabia? Bem, Fuller me dissera diversas vezes que estava trabalhando em casa em um artigo a respeito das consequências da *Simuletrônica* em termos da compreensão humana. Não encontrei uma palavra a respeito.

Em segundo lugar, uma das gavetas da mesa - aquela em que Ele guardava as anotações mais importantes havia sido arrombada.

Quanto às notas que encontrei, não havia nada digno de interesse. Não que eu esperasse realmente encontrar algo.

Jinx voltou e sentou-se contraída, na ponta da cadeira, com os braços finos colocados sobre os joelhos. O rosto havia recuperado a frescura habitual. Mas parecia haver uma certa determinação oculta nas linhas finas de sua boca.

- Está tudo como o Dr. Fuller deixou? - perguntei.

- Não toquei em nada.

- Faltam algumas notas - disse eu, observando sua reação.

Ela arregalou os olhos. - Como é que você sabe?

- Ele me falou sobre um artigo que estava escrevendo.

Não encontrei nada a respeito.

Ela olhou para o lado - inquieta - e depois novamente para mim.

- Oh, joguei fora alguns papéis, na semana passada.

- Onde?

- Queimei-os.

Apontei para a gaveta arrombada. - E como explica isso?

- Eu...

Então ela sorriu e se aproximou da mesa.

- Isto é um interrogatório?

Acalmando-me, disse:

- Estou apenas tentando completar algumas pesquisas.

- Não pode ser tão importante assim, não é? - Mas antes que eu pudesse responder, ela sugeriu impulsivamente:

- Vamos dar uma volta de carro, Doug.

Levei-a de volta para o sofá e ficamos sentados um ao lado do outro.

- Apenas mais algumas perguntas. A gaveta arrombada?

- Papai perdeu a chave. Há umas três semanas. Ele arrombou a gaveta com uma faca.

Eu sabia que ela estava mentindo. Um ano atrás eu havia ajudado Fuller a instalar um dispositivo de bio-capacitância na fechadura para que ele pudesse abrir a gaveta sem a chave, que esquecia frequentemente no escritório.

Ela se levantou.

- Se vamos dar o passeio, vou apanhar um agasalho.

- E o desenho que seu pai fez...

- Desenho?

- O desenho de Aquiles e a tartaruga, em tinta vermelha... no seu escritório. Não foi você que apanhou, foi?

- Nem ao menos o vi.

Não apenas ela havia visto o desenho, mas o havia examinado antes de notar minha presença atrás dela.

Decidi adotar a tática de choque.

- Jinx, o que estou tentando realmente é descobrir se a morte do seu pai foi mesmo um acidente!

Jinx abriu a boca e se retesou.

- Oh, Doug, está falando sério? Acha que alguém poderia tê-lo... assassinado?

- Acho que sim. Também pensei que talvez suas notas revelassem o assassino e o motivo.

- Mas ninguém queria mal a papai!

Ela ficou em silêncio por um momento.

- E se você tem razão, também pode estar em perigo! Oh, Doug, esqueça o assunto!

- Não quer que o culpado seja punido?

- Não sei - ela hesitou. - Estou assustada. Não quero que nada aconteça com você.

Notei com interesse que ela não me havia sugerido procurar a polícia.

- Por que acha que vai acontecer alguma coisa comigo?
- Eu... oh, Doug. Estou confusa e com medo.

A luz do luar transformava o teto plástico do carro em uma cúpula prateada e banhava a figura da jovem sentada a meu lado.

Reticente e distante, os olhos mergulhados na estrada que se desenrolava à frente do colchão de ar que sustentava o carro, ela parecia um frágil bibelô que poderia despedaçar-se sob o assédio suave do luar.

Ela agora estava imersa em seus pensamentos. Mas minutos atrás havia rogado, quase com desespero, que eu parasse de investigar a morte de seu pai.

E eu estava cada vez mais confuso. Era quase como se ela fosse uma barreira entre mim e o que havia matado seu pai. E eu não podia evitar a impressão de que ela estava tentando proteger o assassino.

Segurei-lhe a mão.

- Jinx, algum problema?

Sua reação normal seria perguntar o que me dera essa impressão. Mas ela apenas disse:

- Não, claro que não.

As palavras eram resolutas, estavam de acordo com a atitude que ela havia assumido. E resolvi não insistir. Teria que me valer de outros meios, embora Jinx representasse um caminho direto para o objetivo.

Então, recolhi-me a meus próprios pensamentos, ligando o piloto automático e deixando o carro prosseguir pela estrada deserta. Só havia duas explicações capazes de cobrir todas as incongruências. Primeira: Um ser poderoso e implacável, de capacidade desconhecida, perseguindo objetivos desconhecidos. Segunda: Nada de extraordinário havia ocorrido - fora da minha mente.

Mas eu não conseguia me libertar da sensação insidiosa de que uma força poderosa e desconhecida estava decidida a desencorajar-me de investigar a causa da morte de Fuller, ao mesmo tempo que me acenava com a promessa de que se eu deixasse de desafiar sua autoridade, fazendo assim tanto a sua vontade como a de Jinx, tudo correria bem.

Eu queria que tudo corresse bem. Olhando para Jinx, percebi quão febrilmente eu ansiava pela normalidade. Ela estava linda à luz do luar, como um anjo convidando-me a abandonar minha loucura e aceitar a realidade.

Mas ela para mim não era uma moça qualquer. Era algo de muito especial.

Parecendo conhecer meus pensamentos, ela se aproximou de mim, segurou-me a mão e apoiou a cabeça no meu ombro.

- Há tanta coisa na vida, não é, Doug? - disse ela, com uma estranha mistura de melancolia e esperança na voz.

- Tanto quanto voce queira encontrar - respondi.

- E o que que você quer encontrar?

Pensei nela, explodindo, em minha existência em um momento em que eu precisava tão desesperadamente de alguém como ela.

- Quando eu estava fora nunca deixei de pensar em você - disse ela. Senti-me sempre como uma criança tola e frustrada.

Esprei que ela prosseguisse, mas ouvi apenas o som de uma respiração profunda.

Ela havia adormecido. E dos seus olhos corriam dois fios de lágrimas.

Ela estava fugindo de alguma coisa, exatamente como eu. Mas eu sabia que embora talvez participássemos das mesmas apreensões, não podíamos ajudar-nos mutuamente porque, por alguma razão incompreensível, ela se recusava a confiar-me suas preocupações.

O carro começou a subir uma colina, iluminando a encosta com os faróis e revelando uma parte do campo que eu nunca havia visto.

Chegamos ao cume e um arrepio de terror me percorreu a espinha. Apertei o freio e paramos suavemente.

Jinx estremeceu mas não acordou.

Fiquei ali parado durante uma eternidade, olhando incredulamente para a frente.

A estrada terminava cem metros à frente.

De cada lado da estrada, a própria terra dava lugar a uma impenetrável barreira de profunda escuridão.

Ali não havia estrelas, nem luar - apenas o nada.

6

Mais tarde, arrependi-me de não ter acordado Jinx naquele instante. Então, por sua reação, eu saberia se metade de criação havia subitamente deixado de existir ou se eu havia apenas imaginado o fenômeno. Mas fiquei ali parado, lutando contra ouro lapso parcial de consciência. Quando finalmente o ataque passou e pude olhar novamente para a frente, a estrada ali estava, desaparecendo normalmente a distância ladeada por campos serenos e colinas arredondadas que se destacavam à luz do luar.

Lá estava de novo - um acontecimento impossível. A estrada havia desaparecido. Mas não podia ter desaparecido, porque ali estava. Do mesmo modo, Lynch havia desaparecido. Mas todas as provas indicavam que ele nunca existira. E eu não podia provar a ninguém que havia visto um desenho de Aquiles e da tartaruga. Mas havia a possibilidade de que esse desenho nunca tivesse existido.

Foi apenas na tarde seguinte que Chuck Whitney apareceu com um problema de *Simuletrônica* suficientemente importante para afastar meus pensamentos do remoinho em que se encontravam.

Ele entrou em meu escritório pela porta interna, sentou-se em uma cadeira e apoiou os pés no tampo da mesa.

- Bem, finalmente conseguimos consertar o modulador. Voltei-me da janela, onde me encontrava observando os piquetes dos pesquisadores.

- Você não parece muito satisfeito com isso.

- Perdemos dois dias inteiros.

- Terminaremos no prazo.

Claro que sim. - Ele sorriu debilmente. - Mas aquelas modificações no ambiente deixaram nossa Unidade de Contato apavorada. Cheguei a pensar que P. Ashton ficaria louco e teria que ser eliminado.

Olhei para o chão, pouco à vontade.

- Ashton é o único ponto fraco do sistema de Fuller.

Nenhuma mentalidade analógica pode suportar o conhecimento de que é apenas complexo de correntes eletrônicas em uma realidade simulada.

- Não gosto disso também. Mas Fuller tinha razão. Nós temos que dispor de um observador lá dentro. Muitas coisas erradas poderiam ocorrer durante vários dias sem que tomássemos conhecimento a não ser por acaso.

Era um problema que me havia preocupado durante semanas a fio, levando-me finalmente a pedir um mês de férias para curar minha insatisfação. De certo modo eu

não podia me libertar de idéia de que permitir que a Unidade de Contato soubesse que não passava em um ser simulado eletrônico. Era o cúmulo da maldade.

Decidindo-me subitamente, disse:

- Chuck, vamos acabar com a Unidade de Contato o mais cedo possível. Em lugar dela usaremos um grupo de observadores. Faremos todas as nossas observações através de projeção direta no simulador. Não haverá mais nenhum P. Ashton.

Sua expressão mudou para um sorriso de alívio.

- Vou começar a agir. A propósito, temos outro problema. Vamos ter que passar sem Cau No.

- Quem?

- Cau No. Ele é o "imigrante" de nossa população. Um birmanês. ID-4313. Ashton comunicou há meia hora que ele tentou suicidar-se.

- Pelo que eu soube, por ordem dos astros. Aquela perturbação do ambiente convenceu-o de que estava próximo o dia do juízo Final.

- Isso é fácil de resolver. Basta remotivá-lo. Se ele desenvolveu uma tendência suicida, retire-a do programa.

Chuck se levantou e foi até a janela.

- Não é tão simples assim. Falando sobre os meteoros, a tempestade e o incêndio, Ele atraiu uma pequena multidão. Conseguiu convencê-los de que esses fenômenos naturais não poderiam ocorrer todos ao mesmo tempo. Ashton disse que muitas unidades ID estão preocupadas com o assunto.

- Oh. Isso é mau.

Ele franziu a testa.

- Por si mesmo, o acontecimento em breve seria esquecido. Mas se acontecer algo semelhante, acabaremos com um monte de unidades descontroladas. É melhor desligar o *Simulacron-3* durante mais uns dias e remover completamente das memórias a tempestade e os meteoros. E acabar com Cau No. Sua "obsessão" é profunda demais.

Depois que Ele saiu, sentei-me à mesa, apanhei distraidamente um lápis e tentei reproduzir o desenho de Fuller.

Mas logo abandonei a tarefa, irritado com a falta de significado do desenho. Minha descrição do desenho havia sugerido algo a Avery Collingsworth: o Paradoxo de Zeno. Mas eu estava certo de que o desenho de Fuller não se referia nem ao paradoxo nem à proposição resultante de que o movimento é impossível.

Repeti para mim mesmo a frase: "Todo movimento é uma ilusão".

Então percebi que havia um sistema de referência no qual todo movimento é uma ilusão - o próprio simulador! As unidades subjetivas pensam que estão vivendo em um ambiente real. Entretanto, ao se moverem não vão a lugar nenhum. Tudo que acontece quando uma unidade como Cau No "anda" de um edifício para outro, por exemplo, é que as correntes *Simuletrônicas* polarizam um transistor e os transdutores gravam as "experiências" correspondentes em um núcleo de memória.

Será que Fuller queria que eu reconhecesse este princípio em seu desenho? Mas

que estaria tentando me dizer?

Então eu quase caí da cadeira. Cau No!

Cau No era a chave! Agora estava claro. O desenho tinha sido feito apenas para sugerir a palavra "Zeno"!

Ao nos referirmos às unidades do simulador, havíamos adotado a prática informal de identificá-los pela inicial e sobrenome.

Assim, Cau No passava a ser "C.No" - quase o equivalente fonético de "Zeno"!

Naturalmente! Fuller queria me transmitir uma informação vital. E havia adotado o meio mais secreto de fazê-lo. Havia gravado a informação nos núcleos de memória de uma unidade subjetiva. E havia deixado uma mensagem em código identificando a unidade!

Atravessei correndo a sala de recepção, deixando Dorothy Ford olhando espantada para mim, paralisada no ato de ajeitar uma mecha de cabelo.

Desci as escadas de dois em dois degraus, amaldiçoando-me por não saber em que cabina estava o painel de controle de Cau No.

Depois de procurar nos índices de duas cabinas, corri para a terceira - esbarrando com Whitney e atirando-o no chão. A caixa de ferramentas que ele carregava espalhou seu conteúdo pelo chão.

- A cabina de Cau No! - perguntei. Qual é? Ele fez um gesto por sobre o ombro.

- A última da esquerda. Mas está desligada. Acabo de limpar todos os circuitos.

De volta ao escritório, deitei a cabeça na mesa e lutei contra outro ataque. Com a cabeça pesada, suando do frio, com mil tambores reboando nos ouvidos, fiz tudo para manter-me consciente. Quando o aposento finalmente se estabilizou, sentia-me exausto e desapontado.

Era uma coincidência incrível que Cau No tivesse sido desprogramado minutos antes que eu pudesse resolver o enigma do desenho. Por um momento parecia que até Chuck Whitney fazia parte da conspiração geral.

Impulsivamente, chamei-o pelo intercomunicador.

- Você disse que nossa Unidade de Contato conversou com Cau No, pouco antes de este tentar suicidar-se?

- Sim. Foi Ashton que impediu que o suicídio se consumasse. Ei, por que pergunta?

- Apenas uma idéia. Quero que você me coloque no simulador em um circuito de observação para um encontro pessoal com Phil Ashton.

- Levará alguns dias, com a re-orientação que estamos fazendo.

Suspirei.

- O mais depressa possível.

Desliguei o intercomunicador no mesmo instante em que a porta se abriu para deixar passar Horace P. Siskin, imaculado em um terno cinza e com o sorriso mais cordial de seu repertório facial.

Ele contornou a mesa.

Então, Doug, que achou dele?

- Ele quem?

- Wayne Hartson naturalmente. Que sujeito! O partido não faria nada sem ele.

- Assim dizem - disse, secamente - Mas eu não daria um níquel pelo privilégio de conhecê-lo,

Siskin riu - um riso agudo mas forte que me deixou espantado. Apossou-se de minha cadeira e virou-a para olhar pela janela.

- Eu não me preocupo muito com Ele, filho. Duvido que ele tenha realmente uma grande influência política.

Isso me apanhou de surpresa.

- E suponho que o senhor vai fazer algo a respeito? Ele olhou para o teto e disse incisivamente:

- Claro que sim. Com sua ajuda, naturalmente.

E esperou um minuto inteirinho. Como permaneci calado, prosseguiu:

- Hall, acho que você é suficientemente observador para saber que sou um homem ambicioso. E tenho orgulho de minhas realizações. Você gostaria de ver estas mesmas qualidades aplicadas à administração deste país?

- Em um sistema de partido único? - perguntei, cautelosamente.

- Um partido ou dez partidos - que importa? O que queremos é que o país seja governado por pessoas competentes! Você conhece algum império financeiro maior que o que eu criei? Haverá alguém mais credenciado para ocupar a presidência?

Quando sua expressão interrogou meu sorriso paciente, expliquei:

- Não consigo imaginar o senhor tomando o lugar de pessoas como Hartson.

- Não será difícil - assegurou-me Ele. Não com o simulador comandando as operações. Quando programarmos a nossa comunidade *eletro-matemática* para fazer previsões políticas, haverá uma importante unidade ID chamada Horace P. Siskin. Não uma réplica exata, talvez. Talvez seja melhor fazer alguns retoques.

Parou um instante para pensar.

- De qualquer forma, quero que quando consultarmos o *Simulacron-3*, a imagem de Siskin seja o tipo ideal de candidato.

Fiquei calado. Era bem possível. Senti que seu plano daria certo, quando mais não fosse porque era ousado - e lógico. Agora eu estava mais satisfeito do que nunca por haver continuado na Reações e estar em condições de intervir na aliança entre Siskin e o partido.

Dorothy Ford interrompeu no intercomunicador ..

- Estão aqui dois representantes da Associação dos Pesquisadores, que...

A porta se abriu e os POP entraram, impacientes e indignados.

- Você é Hall? - perguntou um deles.

Quando assenti, o outro rugiu:

- Então, diga a Siskin que...

- Diga-lhe você mesmo - apontei para a cadeira.

Siskin se voltou para encará-lo.

- Sim?

Os dois ficaram surpresos.

- Representamos a Associação de Pesquisadores disse o primeiro. - E aqui está, sem rodeios: ou vocês param o projeto do simulador ou todos os pesquisadores da cidade entrarão em greve!

Siskin parecia que ia responder à ameaça com uma gargalhada. Mas de repente seu rosto assumiu uma expressão séria. E não era difícil compreender porque. Os estabelecimentos Siskin baseavam suas vendas em pesquisas de opinião pública. Com a cessação dessas pesquisas, os lucros fatalmente sofreriam uma queda brusca. Siskin, naturalmente, poderia apelar para suas reservas. Mas estas não eram eternas. A destruição final da Associação era, na verdade, parte da estratégia de Siskin, mas não antes que seu império financeiro estivesse preparado para as consequências.

Sem esperar por resposta, os dois se retiraram.

- Bem, disse eu, divertindo-me de certa forma com a situação - que faremos agora?

Siskin sorriu.

- Não sei o que você vai fazer. Mas eu vou apanhar uma porção de fios e começar a puxá-los.

Dois dias depois eu me instalei em outra poltrona do departamento de observação e deixei Whitney colocar um outro tipo de capacete de transferência em minha cabeça. Desta vez não houve brincadeiras, pois minha impaciência era visível.

Chuck acionou a chave principal.

A projeção foi imediata. Em um instante eu estava sentado na poltrona. No instante seguinte eu estava de pé em uma cabina videofônica analógica. Como não se trata de ligação empática, eu não estava aprisionado na mente de uma unidade ID. Em vez disso, eu estava lá - em um sentido pseudo-físico

Um homem alto e magro saiu da cabina do lado, Aproximou-se de mim e reparei que estava tremendo,

- Sr. Hall? - perguntou, indeciso.

Fiz que sim com a cabeça, examinando um salão típico de hotel.

- Algo errado?

- Não - disse ele humildemente. - Nada que Possa interessar ao senhor.

- Que há, Ashton? - estendi a mão para ele mas ele recuou, tremendo.

Então encontrou palavras para sua desgraça.

- Suponha que no seu mundo um deus descesse do céu e começasse a conversar com o senhor.

Compreendi o que ele estava querendo dizer. Mesmo assim, coloquei a mão no seu ombro.

- Esqueça. Nesse instante, eu sou exatamente como você - um conjunto de correntes eletrônicas.

Ele virou o rosto.

- Vamos acabar logo com isso. Assim o senhor poderá ir embora.

- Não pensei que um contato direto fosse tão penoso para você .

- Que esperava? - perguntou Ele, sarcasticamente. - Um piquenique?

- Ashton, estamos pensando no seu caso. Talvez possamos dispensá-lo da função de Unidade de contato.

- Acabem comigo. Limpem meus circuitos. Não quero continuar a existir, sabendo o que eu sei.

Pouco à vontade, apressei-me em entrar no assunto.

- Queria conversar com você a respeito de Cau No.

- Um felizardo, foi desprogramado - comentou Ele.

- Você conversou com ele pouco antes de ele tentar suicidar-se?

Ele assentiu.

- Já estava de olho nele há algum tempo. Senti que estava para ter um colapso nervoso.

Olhei-o bem nos olhos.

- Phil, não foi apenas a tempestade e os meteoros o o que o deixou fora de si, não é?

Ele reagiu instantaneamente - Como é que o senhor sabe?

- Então havia outra causa?

- Sim. - Ele deu de ombros. - Não falei com ninguém a respeito. Queria que Cau No completasse o serviço. Que contagiasse a comunidade. Assim vocês teriam que acabar com todos nós e começar tudo de novo.

- Que foi que o deixou fora de si?

O homem hesitou, e tomou uma decisão.

- Ele sabia. Descobriu de alguma forma quem ele era, que representava toda esta cidade de mentira. Ele sabia que era apenas parte de um mundo falso, que sua realidade era apenas o reflexo de um processo eletrônico.

Senti um calafrio. Qualquer que fosse a informação que Fuller havia gravado na memória de Cau No, seu impacto havia sido terrível - suficiente para convencer Cau No que ele não passava de uma entidade analógica.

- Como foi que Ele descobriu? - perguntei.

- Não tenho a mínima idéia.

- Ele falou sobre alguma informação secreta que tivesse sido armazenada em sua memória?

- Não. Ele estava apenas obcecado pela idéia de que era... nada.

Olhei para o relógio. E me lamentei por haver reservado apenas dez minutos para o encontro.

- Está na hora - disse eu, encaminhando-me para a cabina videofônica. - Mas voltarei breve.

- Não! - gritou Phil Ashton. - Pelo amor de Deus, não volte nunca mais!

Entrei na cabina, fechei a porta, e observei o ponteiro de minutos do meu relógio analógico.

Quando faltavam dois segundos para a hora marcada, olhei casualmente para o salão, e o que vi quase me fez gritar.

Desesperado por não poder deter o processo de volta, vi a figura familiar de Morton Lynch - um Morton Lynch analógico - atravessar o salão.

7

Passei o resto da tarde quase que com medo do simulador. Agora para mim ele era algo perigoso e assustador um ogre eletrônico com propósitos inconfessáveis, que havia invadido o meu mundo para matar Fuller e raptar Lynch,

Finalmente, ocorreu-me que o Morton Lynch que eu havia avistado no saguão do hotel analógico poderia ser apenas uma unidade subjetiva que se parecesse com ele. Foi apenas na manhã seguinte, entretanto, que me lembrei de que poderia verificar isso com facilidade. Com este objetivo em mente, dirigi-me ao departamento de arquivo das ID.

No arquivo de "Profissão" procurei "Segurança". Nenhuma entrada. Imaginando que a vocação *Simuletrônica* de Lynch poderia ser semelhante à sua vocação real, procurei em "Polícia". Não encontrei nada.

Então, resolvi adotar uma tática mais direta e passei para as fichas nominais.

A última ficha da letra L dizia: "LYNCH, Morton - ID- 7683".

Minha mão tremia enquanto eu examinava as indicações da ficha. A ID-7683 havia sido programada três meses atrás pelo próprio Dr. Fuller!

De repente, lembrei-me do incidente que havia esquecido por me parecer tão insignificante na época. De brincadeira, Fuller havia programado uma unidade com todas as características físicas de Lynch. Então havia convidado o diretor de segurança a examinar o simulador através de um dos circuitos de observação. Lynch levava um susto ao ver - Ele mesmo.

Eu estava exultante. Havia provado, pelo menos para mim mesmo, que Morton Lynch existia!

Existia mesmo?

Desconsolado, tive que aceitar a outra alternativa, embora não me agradasse: não poderia o conhecimento do "Morton Lynch" analógico me haver levado a acreditar na existência real de um personagem semelhante?

Deixei o edifício, entregue a meus pensamentos. Passei pelos piquetes de Pesquisadores, mantendo-me na calçada estática, em que podia sentir a solidez do concreto sob meus pés. Meu único desejo era andar até sair da cidade e me ver em campos desertos e silenciosos. Mas a lembrança de minha última aventura no campo me fez mudar de idéia.

Na esquina um pesquisador me abordou.

- Estou investigando a reação do público à moda de roupas de homem para o outono - anunciou Ele.

Apenas olhei para Ele.

- O senhor gosta de lapelas largas? - começou.

Mas quando tirou o bloco do bolso eu continuei a andar. - Ei, volte! - gritou ele. - Vou processá-lo!

Na plataforma de baldeação mais próxima uma banca de jornais automática anunciava: "Pesquisadores de Opinião Pública em Dificuldades! Nova Lei Acabará com as Pesquisas de Opinião!"

Mesmo isto - o fato de que Siskin já havia começado a puxar suas cordinhas contra os pesquisadores - não me causou a menor impressão.

Enquanto eu estava ali parado outro pesquisador se aproximou. Falou baixinho, com o canto da boca:

- Pelo amor de Deus - para o seu próprio bem, Hall - pare de se meter!

Alertado pela propriedade do aviso, tentei agarrá-lo pelo braço, mas fiquei apenas com a sua braçadeira de POP enquanto Ele se desvencilhava e desaparecia na multidão.

Não podia ter acontecido - repeti várias vezes para mim mesmo. Eu havia apenas imaginado a presença do pesquisador. Mas a minha falta de convicção era compreensível quando coloquei a tira de pano no bolso.

Um carro aéreo se destacou dos outros e desceu junto ao meio-fio.

- Doug! disse Jinx, animadamente. - Eu ia ver se você podia almoçar comigo!

Então notou a palidez do meu rosto.

- Entre, Doug.

Entrei obedientemente no carro e ela manobrou para uma ilha de decolagem. Instantes depois estávamos subindo.

Ultrapassamos o nível mais elevado de trânsito e ela ajustou o sistema de compensação automática. Ficamos ali parados, muito acima da cidade.

- Agora diga-me: qual é o problema? Teve uma discussão com Siskin?

Ela abriu o teto plástico e o vento fresco ajudou a varrer as teias de aranhas dos meus pensamentos. Mas ainda havia pensamentos incoerentes demais para me deixarem tranquilo.

- Doug? - insistiu ela, enquanto o vento apanhava uma mecha de seus cabelos macios e os espalhava contra a nacele.

De uma coisa eu estava certo: era a hora de acabar com os subterfúgios. Eu tinha que saber se ela havia mentido para mim ou se isso também não passava de uma fantasia. - Jinx - perguntei-lhe incisivamente - que é que você está escondendo?

Ela olhou para o lado. E minhas suspeitas ficaram mais fortes.

- Preciso saber! - exclamei. - Algo está acontecendo comigo. Meu Deus, não quero que você também seja envolvida!

Seus olhos se umedeceram e os lábios tremeram imperceptivelmente.

- Está bem - prossegui teimosamente. - Vou direto ao ponto. Seu pai foi assassinado porque conhecia alguma informação secreta. O homem a quem ele passou essa informação desapareceu. Sofri dois atentados. Vi uma estrada desaparecer. Um pesquisador que nunca vi mais gordo me disse para não me meter.

Ela começou a chorar francamente. Mas não senti a mínima pena. O que eu dissera havia calado fundo. Isso eu tinha certeza. Agora só lhe restava admitir que, de certo modo, também estava envolvida nos acontecimentos.

- Oh, Doug - rogou ela. - Você não pode simplesmente esquecer tudo isso?

Não era exatamente o que o pesquisador havia proposto?

- Você não percebe que não pode continuar assim? continuou. - Não percebe o mal que está fazendo a si mesmo?

O que eu estava fazendo a mim mesmo?

Então eu compreendi. Ela não estava escondendo nada!

O que eu havia interpretado como fingimento não passava de compaixão. Ela estava apenas tentando me libertar de minhas suspeitas desconexas, de minhas obsessões!

Ela havia percebido a confusão em que eu me encontrava. Talvez Collingsworth houvesse contado a ela a respeito do incidente no Limpy's. E a sua profunda solicitude estava baseada em sonhos ameaçados de irem por terra. A sua "paixonite" de adolescente continuara até a maturidade, apenas para ver seus sonhos desfeitos pela minha instabilidade mental.

- Sinto muito, Doug - disse ela, desanimada. - Vou levá-lo para baixo.

Não me ocorreu nada para dizer.

Passei a tarde no Limpy's, fumando cigarros suficientes para deixarem minha boca com gosto de cabo de guarda-chuva, mas refrescando-a mais que frequentemente com um Scotch-asteróide.

Ao entardecer comecei a caminhar ao acaso pelo centro da cidade, agora quase deserto. Depois passei para a calçada automática, embarcando em uma calçada expressa cujo destino eu nem havia reparado.

Finalmente o frio da noite me deu uma vaga consciência de para onde minha viagem indefinida estava me levando. Quando cheguei à plataforma terminal, descobri que me encontrava em uma zona residencial não muito distante da residência de Avery Collingsworth. Que me restava a fazer, nas circunstâncias atuais, senão consultar um psicólogo?

Naturalmente, Avery ficou surpreso.

- Ei, por onde você andou? - perguntou ele. - Procurei-o a tarde inteira para dar o visto em mais uma batelada de unidades subjetivas.

- Tive que resolver alguns negócios fora do escritório. Naturalmente, ele havia notado minha aparência perturbada. Mas teve o tato suficiente para não dizer nada.

A casa de Collingsworth demonstrava claramente a sua condição de solteirão. O escritório aparentemente não era arrumado há semanas. Mas de certa forma eu me senti à vontade ao ver aquela confusão de livros, a mesa atulhada e o chão coberto de papéis amassados.

- Quer beber alguma coisa? - disse ele, depois que afundei em uma cadeira.

- Uísque. Puro.

O auto-bar não demorou em atender ao meu pedido, e Avery passou o copo. Sorri e passou a mão pelos cabelos grisalhos.

- Junto com isso vai a oferta de um banho e uma camisa limpa.

Sorri e tomei um grande gole. Ele puxou uma cadeira.

- Agora podemos começar.

Não será fácil.

- Zeno? Alguém chamado Morton Lynch? Coisas desse tipo?

Assenti.

- Foi bom você ter vindo, Doug. Muito bom. Há outras coisas além de Lynch e do desenho, não há?

- Muito mais. Mas não sei como começar.

Ele se ajeitou na cadeira.

- Lembro-me de que, há mais ou menos uma semana, no Limpy's. eu disse alguma coisa a respeito de misturar psicologia com *Simuletrônica* e começar a tirar conclusões estranhas. Vou repetir minhas palavras: "É difícil colocar pessoas dentro de uma máquina sem começar a pensar sobre a natureza básica das pessoas e das máquinas" Acho que podemos começar daqui.

Foi o que fiz. Conte-i-lhe tudo. E durante o meu relato ele se manteve impassível. Quando terminei, levantou-se e começou a passear pelo aposento.

- Em primeiro lugar - disse ele - pare de se censurar. Encare os fatos objetivamente. Fuller também tinha seus problemas. Oh. não tão sérios como os seus. Mas o simulador ainda não se encontrava em um estágio tão adiantado.

- Que está tentando dizer?

- O tipo de trabalho que você está fazendo leva fatalmente a certas consequências psicológicas.

- Não compreendo.

- Doug, você é um deus. Você tem poderes onipotentes sobre toda uma cidade de pessoas de mentira - um mundo analógico. As vezes você é obrigado a tomar medidas que vão de encontro às suas convicções morais, como desprogramar uma unidade ID. Resultado?

Dor de consciência. Assim, em resumo, que é que nós temos? Altos e baixos. Períodos de exaltação, seguidos por períodos de depressão profunda. Já experimentou este tipo de reação?

- Sim. - Só então percebi que era verdade.

- E você sabe qual é o estado que acabei de descrever?

Assenti e murmurei:

- Paranoia

Ele sorriu.

- Mas apenas uma falsa paranoia - uma situação induzida. Oh, os sintomas são válidos, convincentes: ilusões de grandeza, perda de contato, complexo de perseguição, alucinações. - Ele fez uma pausa. Depois, mais sinceramente ainda:

- Você não vê o que está acontecendo? Você desprograma uma unidade subjetiva e imagina que alguém de seu próprio mundo desapareceu. Reprograma as experiências passadas de uma população de mentira e acha que o seu próprio ambiente está sendo modificado.

Mesmo confuso como eu me encontrava, pude apreciar a lógica da explicação.

- Suponhamos que você esteja certo. Que devo fazer?

- Você já fez noventa por cento do que era preciso. O mais importante é reconhecer que o problema existe e encará-lo de frente.

Ele se levantou de um salto. - Peça você mesmo outro drinque enquanto eu dou um videofonema.

Quando Ele voltou eu já havia terminado o drinque e estava fazendo a barba no banheiro ao lado do escritório.

- Isso mesmo! - encorajou-me ele. - Vou buscar a camisa.

Mas quando Ele voltou eu estava novamente preocupado.

- E aqueles desmaios? Pelo menos Eles são reais.

- Oh, estou certo de que sim, em um sentido psicossomático. O seu ego se revolta contra a idéia da psicose. Então você procura inconscientemente uma desculpa. Os

desmaios colocam a coisa no terreno físico. Você não se sente tão humilhado.

Quando acabei de me vestir ele me levou até à porta e sugeriu:

- Faça bom uso desta camisa.

Não compreendi a observação até que avistei Dorothy Ford parada em frente à casa. Então compreendi a finalidade daquele videofonema. A velha Dorothy - pronta para me dar o "empurrão" de que eu precisava, segundo Avery. Para ela, era a oportunidade de vigiar um dos empregados de Siskin.

Mas eu não me incomodava nem um pouquinho.

Mergulhamos na escuridão da noite e ficamos ali suspensos, entre a abóbada de estrelas e o tapete de luzes da cidade. Recortando-se contra a curva graciosa da nacele, Dorothy era uma figura cheia de vitalidade e calor. Seus cabelos, refletindo o brilho etéreo do painel de controle, serviam de moldura para um sorriso vívido e ansioso ..

- Bem - disse ela, mexendo com os ombros bem torneados - quer que eu sugira um programa? Ou já tem alguma idéia?

- Foi Collingsworth que chamou você?

Ela assentiu.

- Achou que você precisava de um estimulante - ela riu - e acho que sou a pessoa indicada.

- Parece uma terapêutica interessante.

- Oh, e é mesmo! - Seus olhos assumiram uma expressão maliciosa.

Então, subitamente, ela ficou séria.

- Doug, nós dois temos o nosso trabalho. Está mais do que óbvio que o meu é garantir que você permaneça fiel ao Pequeno Grande Homem. Mas isso não impede que a gente se divirta ao mesmo tempo. Certo?

- Certo. - Aceitei sua mão. - Então qual será o programa?

- Que tal uma coisa - excitante?

- O que, por exemplo? - perguntei cautelosamente.

- Uma corrente cortical.

Sorri tolerantemente para ela.

- Não seja tão quadrado - disse ela. - Não é contra a lei, você sabe.

- Não pensei que você fosse do tipo que precisa de EEC.

- Não sou. - Ela me deu um tapinha na mão. - Mas, querido, o Dr. Collingsworth acha que voce está precisando.

O Centro Cortical era um modesto edifício de dois andares, encravado entre dois reluzentes edifícios de concreto e vidro na orla setentrional do centro da cidade. Do lado de fora, um bando de adolescentes trocava empurrões, esbarrando de vez em quando em seus jato-ciclos estacionados e recuando frequentemente até a rua quase deserta. Acabariam fatalmente por juntar seus recursos e financiar uma sessão de correntes corticais para um membro favorecido do grupo.

Lá dentro, na sala de espera, os clientes esperavam pacientemente, ouvindo música e bebendo. A maior parte era constituída de mulheres mais velhas, um pouco embaraçadas mas não menos ansiosas. Poucos fregueses, inclusive os homens,

tinham menos de trinta e poucos anos. O que confirmava o fato de que os adultos jovens não precisavam recorrer ao EEC.

Esperamos apenas o tempo suficiente para Dorothy explicar à recepcionista que estávamos interessados no circuito duplo.

Imediatamente fomos admitidos em uma alcova luxuosamente decorada. Uma música suave sussurrava entre as tapeçarias antigas. Um perfume exótico impregnava o ar.

Sentamo-nos em um sofá de veludo e Dorothy encostou-se a mim, com a cabeça apoiada no meu peito.

A funcionária abaixou os capacetes e colocou o painel de controle à frente de Dorothy.

- Fique calmo e deixe tudo comigo - disse ela, estendendo a mão para os seletores.

Impulsos de correntes imediatamente se lançaram dos eletrodos, procurando e envolvendo os centros corticais apropriados. A sala, as tapeçarias, o perfume - tudo desapareceu como que por um passe de mágica.

Um radiante céu azul se estendeu por sobre nossas cabeças, envolvendo um mar tranquilo, cor de esmeralda, cujas ondas se quebravam preguiçosamente contra a areia alva de uma praia. A água fazia meu corpo balançar lentamente, até que meus pés tocaram o fundo.

Não era uma ilusão. Era a realidade. Não havia como duvidar de minhas sensações, embora elas fossem causadas unicamente pela excitação de certos centros do cérebro. O estímulo cortical era assim mesmo.

Ouvi uma risada cristalina perto de mim, e voltei-me, unicamente para receber no rosto uma chuva de espuma.

Dorothy afastou-se. Fui atrás dela e ela se pôs de pé, seu corpo nu brilhando ao sol.

Mergulhamos, e uma vez consegui aproximar-me o suficiente para segurá-la pelo tornozelo, mas ela se desvencilhou e afastou-se novamente, como uma graciosa criatura do mar.

Voltei à superfície e sacudi a água dos olhos.

E lá estava Jinx Fuller, de pé na praia, tensa e preocupada enquanto examinava o cenário paradisíaco. O vento colava sua blusa ao corpo e brincava-lhe com os cabelos.

Dorothy emergiu, deu com Jinx e resmungou: "Vamos para outro lugar".

A escuridão envolveu novamente meus sentidos, e eu e Dorothy estávamos esquiando, descendo uma encosta gelada e rindo dos flocos de neve que nos queimavam a pele.

Diminuímos a velocidade e tentamos contornar uma pequena elevação. Ela caiu e eu parei e voltei, sentando-me do lado dela.

Ela riu, ajeitou os cabelos e me abraçou.

Mas eu estava olhando para o outro lado - para Jinx, Meio escondida por uma árvore coberta de neve, ela era uma testemunha silenciosa e pensativa.

E foi nesse instante que eu percebi a presença sutil dos pensamentos de Dorothy Ford, explorando, juntamente com as correntes de excitação, camada após camada do meu tecido cortical.

Eu me havia esquecido dos efeitos de ressonância de uma circuito duplo de EEC;

esquecido que o estímulo duplo poderia causar uma transferência involuntária de pensamentos.

Endireitei o corpo o tirei o capacete.

Dorothy, voltando comigo à realidade, deu de ombros. - Pelo menos eu tentei, não foi?

Olhei-a com apreensão. Teria ela penetrado suficientemente no meu subconsciente para saber que eu estava trabalhando com Siskin apenas para sabotar a sua conspiração com o partido?

Pela primeira vez em semanas eu estava finalmente livre do fantasma da morte de Fuller. E os incidentes imaginários que haviam ocorrido após o acidente eram como um pesadelo que perde consciência à luz do dia. Eu havia despertado de um sonho terrível, graças a Avery Collingsworth.

Pseudo-paranoia. Era tão lógico que me admirei de nunca haver ocorrido a mim nem a Fuller que nossa estreita ligação com o simulador e seu "povo" quase real nos trariam problemas psicológicos.

Era preciso ainda resolver certas complicações, naturalmente. Dorothy Ford, por exemplo, tinha que compreender que a nossa ida ao Centro Cortical nada significara para mim. Embora eu tivesse gostado do mergulho, por assim dizer, não ia deixar que isso se transformasse em hábito. Não depois de a experiência haver demonstrado tão claramente minha preocupação com Jinx Fuller.

Dorothy, entretanto, já havia compreendido. Descobri isso na manhã seguinte, quando parei em frente à sua mesa.

- A respeito da noite passada, Doug - disse ela, com ar distante. - Como eu disse, nós dois temos nosso trabalho. E pretendo cumprir o meu com lealdade. Não tenho alternativa.

Imaginei qual seria o trunfo de que Siskin dispunha contra ela. No meu caso, eram dois - a ameaça de acabar como bode-expiatório na investigação sobre a morte de Fuller, e a de Siskin afinal não usar o simulador para pesquisas sociológicas.

- Agora que sabemos em que pé estamos - acrescentou Dorothy, com mais calor - não haverá enganos. - Ela tocou minha mão. - E Doug, ainda podemos nos divertir juntos.

Permaneci indiferente, entretanto, pois não sabia até que ponto ela havia conseguido ler meus pensamentos durante a sessão de EEC.

A minha preocupação a respeito do que ela poderia ter descoberto e contado a Siskin aumentou quando, dois dias depois, fui chamado ao Escritório Central.

O táxi aéreo aterrisou na plataforma do centésimo trigésimo terceiro andar do edifício do Escritório Central. Siskin estava esperando pessoalmente na entrada do escritório.

Ele colocou a mão no meu ombro e atravessou comigo a sala atapetada. Quando chegamos à sua enorme mesa, Ele parou e olhou pela ampla janela. Lá em baixo, a cidade era como um quadro difuso obscurecido pela neblina e meio escondido por tufos de algodão.

De repente, Ele disse:

- Algo saiu errado com nossa lei para os pesquisadores. Foi engavetada. Não será votada na próxima sessão.

Contive-me para não sorrir ante a afirmação de Siskin.

Era apenas a ameaça de colocar fora da lei as pesquisas de opinião pública que estava contendo as investidos da POP.

- Parece que os pesquisadores têm mais força do que o senhor imaginava.

- Mas isto não faz sentido. Hartson assegurou-me que havia conseguido o apoio de toda a comissão.

Franzi a testa.

- Bem, lá se vai nossa arma. Agora nada poderá conter os pesquisadores.

- Não esteja tão certo - de repente Ele estava sorrindo. - Em que ponto está você na sua idéia de usar o *Simulacron-3* para melhorar as relações humanas?

Respondi, intrigado:

- Tenho minhas convicções. Mas acho que não estou preparado para fazer um discurso sobre elas.

- Melhor assim. Você falará com mais sinceridade. Ele falou rapidamente pelo intercomunicador :

- Mande-os entrar.

Eles entraram - um bando de fotógrafos, repórteres. cinegrafistas. Reuniram-se em torno da mesa, comprimindo-nos em um estreito semicírculo.

Siskin levantou as mãos pedindo silêncio.

- Como vocês sabem - disse ele - a Reações está sendo pressionada pela Associação dos Pesquisadores de Opinião Pública. Eles nos ameaçaram de entrar em greve a menos que renunciemos ao nosso empreendimento, privando o país da conquista social mais importante de nossa era.

Ele subiu em uma cadeira e gritou, acima do coro de exclamações de ceticismo:

- Está bem - eu sei o que vocês estão pensando: que se trata de um golpe de publicidade. Pois é mentira! Estou lutando para salvar o nosso simulador - o simulador de vocês - porque não se trata apenas de um empreendimento lucrativo. Trata-se também do instrumento que trará consigo um novo futuro para a raça humana! Levará a humanidade a um novo nível, muito acima do lodo primitivo em que está mergulhada desde o nascimento!

Deixou suas palavras calarem fundo, e depois prosseguiu:

Vou deixar que o responsável por esta grande conquista explique pessoalmente os pormenores. Senhores, este é Douglas Hall.

A estratégia de Siskin era clara. Se ele conseguisse convencer o público de que sua maravilha *Simuletrônica* representaria um enorme benefício para a humanidade em geral, ninguém mais poderia deter a RESA - nem mesmo. os pesquisadores.

Encarei as câmaras pouco à vontade.

- O simulador oferece grandes oportunidades para pesquisas no campo das relações humanas. Esta possibilidade ocupava lugar de destaque no pensamento do Dr. Fuller.

Parei, reconhecendo subitamente algo que não havia: ocorrido antes: se a opinião pública poderia conter a ofensiva da APOP, também poderia assegurar o uso exclusivo do sistema para pesquisas sociais! O povo se levantaria irado contra Siskin quando eu lhes dissesse que a máquina seria usada apenas para satisfazer a

ambição política!

Prossegui, agora mais calmo.

- Temos um instrumento cirúrgico capaz de dissecar a própria alma! Ele pode examinar o ser humano, motivo por motivo, instinto por instinto. Pode investigar as nossas emoções básicas, nossos temores e aspirações. Pode descobrir, analisar, classificar todas as características de um indivíduo, e nos ensinar como melhorá-las. Pode explicar e revelar as causas dos preconceitos, intolerâncias, ódios, sentimentos perversos. Estudando seres analógicos em um sistema simulado, poderemos revelar todo o espectro das relações humanas. Através das unidades analógicas, poderemos observar não apenas o início, mas também cada passo no desenvolvimento das tendências anti-sociais!

Siskin deu um passo à frente.

- Podem ver, senhores, que o Sr. Hall fala do assunto com um verdadeiro fanatismo. Mas os Estabelecimentos Siskin não fazem por menos.

Prossegui.

- No ambiente condicionado do Simulacron-3, esperamos isolar vários tipos de personalidade, desde crianças análogicas até pessoas de idade avançada. Vamos submetê-las aos mais diversos estímulos. Esperamos adiantar de milhares de anos o estudo do comportamento humano.

O que eu estava dizendo não era original. Limitava-me a repetir o que Fuller me dissera com entusiasmo incontido através dos anos. E só podia esperar que minhas palavras soassem com a mesma sinceridade que as de Fuller.

- O simulador - resumi - apontará o caminho para a Idade de Ouro das relações humanas. Ele nos mostrará como libertar nosso espírito dos últimos vestígios de nossa origem animal.

Siskin interrompeu:

- Antes de começarem as perguntas. quero esclarecer alguns pormenores menos elevados. Em primeiro lugar. nosso estabelecimento entrou para este negócio com a idéia de obter lucros. Entretanto, há muito tempo que recusei este incentivo. Hoje, tudo o que queremos é usar todas as forças de nossa organização para tornar realidade as coisas maravilhosas que o simulador do Sr. Hall tornará possível.

Deixei-o comprometer-se. Quando chegasse a hora, bastaria eu denunciar as verdadeiras intenções de Siskin.

- A Reações - disse ele, gravemente - também desempenhará uma função comercial. Embora não seja do meu agrado, não há outro remédio. Oh, poderíamos tentar obter verbas do governo Mas, senhores, têm que reconhecer que esta grande conquista da ciência não pode ser negada a ninguém. Deve operar acima de todos os níveis.

Um dos repórteres perguntou:

Que quer dizer o senhor com "funções comerciais"?

- Simplesmente que teremos que usar o simulador para obter os fundos consideráveis necessários para realizarmos nosso propósito humanitário. A Reações aceitará contratos comerciais. Mas será apenas o mínimo possível. Apenas os necessários para cobrir as despesas anuais, que serão consideráveis mesmo levando em conta que acabo de doar à Fundação que administrará o simulador a soma de um trilhão.

Houve um murmúrio entre os repórteres. E eles se comprimiram ainda mais em torno de Siskin.

Passamos a meia hora seguinte respondendo a perguntas. Era evidente, entretanto, que os repórteres estavam convencidos de nossa sinceridade. Depois que

os repórteres saíram, Siskin começou a dançar pela sala e acabou me abraçando.

- Você esteve formidável. filho - formidável! - exclamou ele. - Eu não teria conseguido falar tão bem!

No dia seguinte as portas da imprensa se abriram para deixar passar uma avalanche de opiniões a respeito do pronunciamento de Siskin. Entre todas as reportagens e programas de televisão, comentários e editoriais, não havia uma única palavra desfavorável. Eu nunca tinha visto nada captar a admiração geral como o "grande esforço humanitário" de Siskin.

Antes do meio-dia, havíamos recebido votos de louvor do Conselho da Cidade e da Assembléia Estadual. No plano nacional; uma medida semelhante estava em estudo.

Da noite para o dia, muitas organizações se ofereciam para participar do "nobre empreendimento". Duas reuniões naquela noite levaram à formação de grupos de entusiastas, que adotaram os nomes imponentes de "*Samaritanos simuletrônicos*" o "*Amanhã - o Homem Completo*". Acho que seria difícil encontrar alguém que não tivesse sido contagiado por essa febre de idealismo. O logro havia sido perfeito.

Sentindo que a opinião pública tomara o partido da RESA, a Associação dos Pesquisadores diminuiu prudentemente para apenas dez o número dos piquetes. Mas assim mesmo o destacamento policial teve que ser reforçado para protegê-los da ira dos simpatizantes de Siskin.

Quanto a mim, estava exultante por haver conseguido sair de um mar de dúvidas. Não apenas meus problemas pessoais haviam desaparecido, graças aos conselhos de Collingsworth, como a vitória sobre Siskin e o partido parecia inevitável.

Confiantemente armado com a prova bem conhecida de meu retorno à normalidade, dei um videofonema para Jinx depois do almoço, convidando-a para jantar. Embora ela não parecesse muito impressionada com os propósitos humanitários que Siskin havia atribuído à Reações, aceitou prontamente o meu convite. Mas tive a impressão de que não estava perfeitamente à vontade.

Decidido a começar minha nova vida com o pé direito, levei-a ao "1960", um restaurante que cobrava preços exorbitantes por uma atmosfera que, segundo os anúncios, não fôra modificada durante duas gerações.

O cheiro agradável de comida (comida natural. não sintética) em preparação na cozinha terminou por atrair a atenção de Jinx. E enquanto esperávamos nossos pratos, ela aos poucos se deixou envolver pela beleza das antiguidades que nos cercavam - as cadeiras e mesas pouco funcionais, as últimas cobertas de "tecido"; as lâmpadas incandescentes; um conjunto de cordas que estava executando com mestria, penso eu, seleções de "rock and roll",

A garçonete que recebeu nossos pedidos e depois voltou com a encomenda completava tão bem a atmosfera antiga do restaurante que Jinx não pôde deixar de admirar-se.

- Que idéia fascinante! - exclamou ela, enquanto provava sua salada de verduras de verdade.

- Ótimo. Então não há motivo para não voltarmos aqui outras vezes.

- Não, claro que não.

Teria eu percebido uma leve hesitação? Estaria ela ainda com medo de mim?

Segurei-lhe a mão.

- Já ouviu falar de Pseudo-paranoia? Ela olhou para mim, espantada.

- Eu também nunca tinha ouvido - prossegui - até falar com Collingsworth. Ele me

explicou que meus problemas se deviam apenas aos efeitos psicológicos de trabalhar com o simulador. O que estou tentando dizer, Jinx, é que andei meio fora de mim por uns tempos. Mas já voltei ao normal.

A sua expressão, embora atenta, era de certo modo fria e abstrata - bela, gentil, mas ao mesmo tempo distante.

- Fico muito satisfeita - disse, simplesmente.

As coisas não estavam correndo como eu planejava.

Comemos em silêncio durante algum tempo. Finalmente, consegui vencer minha hesitação.

Inclinei-me para jinx.

- Collingsworth disse que minha perturbação foi apenas temporária.

- Estou certa de que sim. - Mas suas palavras eram frias e formais.

Tentei segurar-lhe a mão. Mas ela retirou-a disfarçadamente.

Desencorajado, disse:

- Na noite em que demos aquele passeio - lembra-se? - você me perguntou o que eu queria encontrar na vida.

Ela assentiu, mecanicamente

- Esta noite não está saindo como eu pretendia queixei-me.

Ela apenas olhou para mim, o belo rosto refletindo indecisão.

Irritado, perguntei:

- Você não disse que nunca deixou de pensar em mim?

- Oh, Doug. Não vamos falar sobre isso. Agora. não.

- Agora, não? Por que?

Ela não respondeu.

A princípio eu pensara que ela estava fugindo de algo importante e misterioso. Depois havia imaginado que era apenas a mim que ela temia. Agora, não sabia mais o que pensar.

Ela apontou para o nariz, supostamente brilhante, pediu licença e atravessou a sala em movimentos graciosos, atraindo olhares de admiração.

Então cerrei os pulsos e tombei para a frente. Meu corpo todo tremia, enquanto eu lutava para não mergulhar na escuridão. A sala começou a girar, e mil rios de fogo atravessaram minha cabeça.

- Doug! Você está bem?

A voz solícita de Jinx e o toque de sua mão macia me trouxeram de novo à realidade.

- Não é nada - menti. - Apenas uma dor de cabeça.

Mas enquanto apanhava seu casaco, pensava na afirmação de Collingsworth de que os ataques eram apenas de ordem psicossomática. Talvez, por um efeito de retardo, durassem mais alguns dias, mesmo depois de o resto do problema já ter sido resolvido.

Minha confusão apenas contribuiu para o silêncio que reinou entre nós enquanto eu levava Jinx para casa. Quando chegamos, tomei-a nos braços e puxei-a para mim. Mas ela virou o rosto. Era como se naquela noite tivesse um único propósito - desencorajar-me.

Virei-me para voltar para o carro.

Então, para completar minha confusão, ela chamou, em uma voz trêmula e incerta.

- Voltaremos a ver-nos, não é, Doug?

Quando olhei para trás, entretanto, ela já havia entrado.

Eu não podia deixar a noite terminar com aquela nota completamente ilógica. Só havia uma coisa a fazer - voltar e obrigá-la a explicar por que estivera tão distante.

Estendi a mão para a campainha. Antes que pudesse tocá-la, entretanto, a porta se abriu. Foi então que me lembrei que o Dr. Fuller a ajustara para a minha bio-capacitância

Fiquei parado na entrada.

- Jinx!

Nenhuma resposta.

Procurei na sala e no escritório.

- Jinx!

Examinei os quartos e depois toda a casa, olhando atrás das portas, dentro dos armários, debaixo das camas.

- Jinx! Jinx!

Corri para a porta dos fundos e apalpei o servo mecanismo. Frio. A porta não era aberta há pelo menos meia hora.

Mas Jinx havia desaparecido. Era como se eu houvesse apenas imaginado que ela havia entrado na casa.

9

De novo duas alternativas igualmente desagradáveis.

Ou Collingsworth estava errado em sua convicção de que a cura da pseudo-paranoia consistia simplesmente em reconhecê-la, ou Jinx Fuller havia realmente desaparecido.

Horas depois de minha busca frenética pela casa de Jinx, estacionei o carro na garagem e comecei a andar sem rumo pelas vizinhanças. Sem ao menos perceber que havia embarcado na calçada de baixa velocidade, vi-me em breve atravessando uma região deserta da cidade.

Tentava desesperadamente resolver o dilema. Os desaparecimentos eram fatos reais. O que eu vira há pouco acontecer com Jinx não deixava margem a dúvidas. E o mesmo acontecera com Morton Lynch, com um desenho de Aquiles e a tartaruga, com a placa de um troféu com o nome de Lynch, e com um trecho da estrada e do campo.

No caso de Lynch e do desenho, era como se nunca houvessem existido. A estrada e o campo haviam reaparecido. E Jinx? Apareceria novamente - deixando-me a pensar se ela estava realmente na casa e eu não a havia encontrado? Ou eu descobriria em breve que ninguém mais se lembrava dela?

De madrugada, saí duas vezes da calçada móvel para chamá-la pelo videofone. Mas não houve resposta. Passeando novamente pelas ruas desertas, eu podia quase sentir a presença ameaçadora de uma Força Desconhecida - um Ser poderoso e maligno que me espreitava.

Antes do amanhecer, chamei mais três vezes. E cada chamada inútil reforçava minha convicção de que nunca mais ouviria falar de Jinx. Mas por que? O desaparecimento de Lynch era de certo modo lógico. Ele havia desafiado a Força Desconhecida. Jinx, por outro lado, sempre considerara a morte do pai como um acidente.

Mas agora ela havia sumido.

Pouco depois do alvorecer, tomei café em um automático e encaminhei-me sem pressa para a Reações. Lá encontrei um grupo apreensivo de piquetes da APOP, protegidos pelo destacamento policial contra os irritados partidários de Siskin.

Alguém apanhou um pedaço de cano para atirá-lo nos pesquisadores. Mas um dos

guardas sacou a pistola de laser. Um feixe de luz vermelha atravessou o ar e o homem caiu, temporariamente paralisado. Os outros recuaram.

Em meu escritório, passei a hora seguinte caminhando em torno da mesa. Finalmente, Dorothy entrou, mostrou-se surpresa por eu haver chegado tão cedo, e continuou em direção ao lavatório.

- Estou tendo um trabalho danado para controlar você - disse, enquanto retirava com cuidado o pequeno chapéu, procurando não desmanchar o penteado. - E isso é mau, porque provavelmente o Pequeno Grande Homem pensa que a essa altura já estamos dormindo juntos.

Ela abriu a porta do lavatório.

- Tentei falar com você durante a noite. Não estava em casa.

- Eu...

- Não precisa explicar. Eu não estava procurando você por conta própria. Siskin queria que chegasse cedo hoje.

- Cheguei cedo. Qual é o caso?

- Ele não conta tudo para mim. - Ela se dirigiu para a sala de recepção, mas parou no meio do caminho. - Doug, você esteve com a filha de Fuller?

Voltei-me, tenso. Então, pelo menos até agora, Jinx não estava seguindo as pegadas de Lynch. Pelo menos até o momento, as provas de sua existência ainda não haviam sido apagadas.

Antes que eu pudesse responder, Siskin entrou no escritório, franziu a testa para mim e exclamou:

- Parece que você passou a noite em um centro de EEC!

Então Ele viu Dorothy e sua expressão mudou. Ficou olhando alternadamente para mim e para ela. Para mim, com uma expressão calculista, as sobrancelhas levemente levantadas. Para ela, com um ar de sutil aprovação, não sem implicações sensuais - um agradecimento por serviços prestados com eficiência.

Colocando-se atrás dele, ela franziu a testa e me enviou um olhar de está-vendo-só-o-que-ele-pensa?

Quando ela abriu a porta Siskin disse:

- Deixei um senhor na sala de recepção. Quer fazê-lo entrar?

Outro político? - perguntei.

Não. Alguém do seu campo. Vai reconhecê-lo.

Reconheci-o imediatamente. Era Marcus Heath. Um homem baixo, embora não tanto quanto Siskin Corpulento, mas de constituição sólida. Os óculos de lentes grossas apenas realçavam a agitação dos olhos cinzentos.

- Olá Hall. - disse Ele. - Há quanto tempo, hein? Ele tinha razão. Não o via desde o caso na universidade. Mas eu sabia que ele não ia passar a vida inteira na prisão. Então, lembrei-me de que fôra condenado a apenas dois anos.

- Heath será seu assistente - explicou Siskin.

Lancei sobre o homem um olhar crítico.

- Você está a par dos progressos da *Simuletrônica*?

- Estou na vanguarda, Hall. Trabalhei durante algum tempo para Barnfeld.

- Tirei-o de lá - interrompeu Siskin. - Agora vai trabalhar conosco.

Barnfeld era a única companhia particular que podia rivalizar com a Reações no

campo da Simuletrônica

Encostei-me na mesa.

- Heath, o Sr. Siskin sabe de tudo a seu respeito?

- A respeito do que aconteceu na universidade? interrompeu Siskin. - Naturalmente que sim. O suficiente para saber que Heath foi escolhido para bode-expiatório.

-O Dr. Heath - lembrei-lhe - foi acusado de fraude e malversação dos dinheiros públicos.

- Você não acredita nisso, não é, Doug? - perguntou Heath.

- Você mesmo confessou.

Siskin se interpôs entre nós.

- Não sou tolo de contratar um homem sem investigar o seu passado. E nesse caso fui extremamente cuidadoso. Heath estava protegendo... alguém.

- Mentira! - protestei. - Fuller não tinha um centavo quando deixou a faculdade!

Siskin sorriu.

- Eu disse que estou satisfeito com as credenciais de Heath. E é o que basta.

E retirou-se com Heath. No mesmo momento compreendi tudo. Dorothy Ford havia realmente descoberto telepaticamente, através do circuito duplo de EEC, que eu pretendia sabotar a conspiração de Siskin e atrapalhar suas ambições políticas.

E agora Siskin estava se preparando para me dispensar.

Heath estava aqui para aprender o máximo possível. Então Siskin mexeria suas cordinhas e eu seria preso pela morte de Fuller.

Nessa mesma manhã a campanha do intercomunicador soou e o rosto de uma mulher velha e corpulenta apareceu na tela. Dorothy na certa havia saído um instante e ligado as chamadas de fora diretamente para o escritório.

- POP 10421-C - começou a mulher. - Quero saber sua opinião a respeito...

- Pago a multa - interrompi bruscamente, desligando.

A campanha tocou de novo e liguei o intercomunicador. - Eu já disse que... Jinx!

- Bom dia, Doug - saudou-me ela. - Eu tinha que falar com você. Sei que me comportei de forma um tanto... estranha, a noite passada.

- Jinx! Que aconteceu? Onde esteve? Como... ? Ela fez uma expressão de espanto. Ou seria medo?

- Entrei na casa pouco depois de você - expliquei. - E você não estava lá. Não consegui encontrá-la!

Ela sorriu.

- Você devia ter procurado melhor. Eu estava exausta, atirei-me no sofá e dormi até de manhã.

- Mas eu olhei na sala!

- Naturalmente você se enganou. - Ela afastou o assunto com uma risada. - Quanto à noite passada: eu estava preocupada com você. Mas não estou mais. Não depois de pensar sobre o assunto. Você compreende, eu esperei tanto tempo! E nos últimos dias fiquei tão desapontada!

Eu não sabia o que dizer.

- O que estou tentando dizer - acrescentou ela - é que estou apaixonada por você.

Depois de um instante, perguntou:

- Posso vê-lo esta noite?

- Vou trabalhar até tarde - menti.

- Então vou buscá-l o no escritório.
- Mas...
- Não discuta. Esperarei toda a noite se for preciso.

Não discuti. Desliguei, tentando desesperadamente compreender o que estava acontecendo. A noite passada, ela me havia feito pensar que estava preparada para nunca mais me ver, porque tinha medo de mim. Mas agora estava pronta a aceitar-me, a despeito do fato de que eu acabara de lhe dar mais um motivo para preocupar-se com a minha sanidade mental!

Por outro lado, se ela realmente havia desaparecido, para onde tinha ido? Que havia feito durante essas doze horas?

Além do mais, era evidente que não estivera fugindo de nada. Porque se a Fôrça Desconhecida a houvesse raptado por algumas horas, ela não estaria tão despreocupada.

Nessa tarde passei meia hora olhando para uma xícara de café frio no automático da RESA e tentando reconciliar-me com a idéia de que o desaparecimento de Jinx não passara de mais uma alucinação.

- Você hoje está muito preocupado.

Surpreso, olhei para Chuck Whitney, percebendo que ele já estava ali há algum tempo.

- Problemas de rotina - expliquei.
- Esse tal de Heath esteve no meu departamento. Não vou com a cara dele.
- Não adianta nem tentar. Mas se ele interferir no seu trabalho, fale comigo.
- Estou falando agora. Daqui a pouco vou entrar em ligação empática com nossa Unidade de Contato. Heath quer observar de perto o processo.
- Então acho que terá que fazer-lhe a vontade.

Ele perguntou, espantado:

- Você quer que eu ensine a Ele como funciona o sistema?
- Querer, não quero. Mas não vejo como evitá-lo, Por que vai entrar com contato com Ashton?
- Quero ver se ele está mais calmo.

Dez minutos depois, eu estava de volta ao escritório.

Olhando distraidamente para o mata-borrão, apanhei um lápis e comecei a reproduzir mecanicamente o desenho de Aquiles e da tartaruga.

Finalmente larguei o lápis e examinei o produto dos meus desajeitados esforços. O fato de que o nome "Zeno" devia sugerir "C. No" era mais do que óbvio. Especialmente porque Cau No havia sido desprogramado no momento em que eu me preparava para pesquisar-lhe a memória.

O Paradoxo de Zeno representava, fundamentalmente, a proposição de que todo movimento é ilusório. E eu não havia levado muito tempo para reconhecer que todo movimento é realmente ilusório - em um sistema Simuletrônico.

Teria o desenho outro significado secreto? Ali estava Aquiles, a dez metros da tartaruga, ambos em movimento. No instante em que o guerreiro grego tivesse corrido dez metros, a tartaruga teria avançado, digamos, dez centímetros. Quando Aquiles andasse mais dez centímetros, a tartaruga teria percorrido mais um milímetro. O corredor transporta esta distância, apenas para descobrir que, nesse ínterim, a tartaruga havia andado mais um centésimo de milímetro. E assim por

diante, *ad infinitum*.

Aquiles nunca alcançaria a tartaruga.

Fuller teria tentado, com o desenho, sugerir uma regressão ao infinito? Então lembrei-me de algo que Fuller havia dito meses atrás:

- Não seria interessante se uma de nossas unidades ID de repente resolvesse construir um simulador total do ambiente?

A porta se abriu e chocou-se com força contra o batente.

Voltei-me para ver o responsável.

Whitney estava parado na soleira, ofegante, olhando apreensivo para o corredor.

- Chuck! - exclamei. - Que aconteceu?

Ele deu um pulo ao ouvir o som da minha voz. Então, em um supremo esforço para controlar-se, normalizou a respiração e olhou para mim.

- Nada, Sr. Hall - e encaminhou-se para a porta da sala de recepção.

Mas Whitney nunca me chamava de "Sr. Hall".

Aproximei-me e vi o terror em seus olhos quando correu para a porta. Consegui chegar primeiro. Ele tentou atingir-me com um soco, mas esquivei-me. Agarrei-o pelo pulso e torci-lhe o braço atrás das costas.

- Largue-me! - gritou desesperado. Tudo se tornou claro.

- Você é Phil Ashton! - sussurrei.

- Sim. - Ele estava quase chorando. - Quase consegui. Meu Deus, eu quase consegui!

Ele conseguiu libertar-se e atacou-me novamente com toda a fúria. Atingi-o com força. Então, levantei-o do chão e coloquei o corpo inerte no sofá.

Fui até à mesa e liguei para o departamento de observação.

Um dos assistentes de Whitney apareceu na tela. Eu podia ver ao fundo a poltrona e o capacete de ligação empática recentemente usados.

- Sim, Sr. Hall?

- Algum problema aí?

Ele pensou um pouco.

- Não, senhor. Por que?

- O Sr. Whitney está? - olhei para Chuck - o corpo de Chuck - ainda inconsciente no sofá.

- Não. Mas Ele se comunicou há poucos instantes com Ashton.

- Notou alguma coisa de estranho em Whitney depois disso?

- Não, senhor. Ei, Ele não gravou o relatório!

- Houve algum problema durante a ligação?

Ele pareceu confuso.

- Tivemos um pequeno problema com Heath. Andou mexendo no painel do modulador.

- O problema foi mais sério do que vocês pensam. Ele aumentou demais o ganho e houve uma transferência recíproca. Estou com Ashton no escritório. Whitney está preso no simulador. Apanhe dois rapazes e venha para cá... depressa!

Aproximei-me de Ashton, estudando a fisionomia de Whitney, rezando para que o processo de reinversão desse certo. Tinha havido uma alteração cataclísmica na estrutura molecular das células cerebrais de Whitney. As configurações ali gravadas tinham sido extraídas e depositadas nas fitas magnéticas e tambores de memória da

Unidade de Contato. Ao mesmo tempo, todas as informações contidas nos circuitos de Ashton haviam passado para as células cerebrais de Whitney.

Para trazermos Chuck de volta, teríamos que inverter o processo.

Ashton estremeceu e abriu os olhos - os olhos de Whitney.

- Quase consegui - soluçava ele. - Quase consegui dar o primeiro passo.

Levantou-se trêmulo.

- Vocês não podem me mandar de volta para lá! Segurei-o pelos ombros.

- Não se preocupe, Phil. Vamos acabar com a Unidade de Contato. Vamos reprogramar você. Você nem saberá que o seu mundo não é o mundo de verdade.

- Oh, Meu Deus! - gritou Ele. - Não quero isso!

- Não quero ignorar! Mas também não quero saber.

Forcei-o a sentar-se. Mas Ele levantou-se de novo.

- Aqui em cima - gritou - estou mais próximo do mundo real! Você tem que me deixar prosseguir e descobrir a realidade!

- Que quer dizer com isso - perguntei, tentando acalmá-lo. Se eu não tivesse cuidado, Ele poderia ficar totalmente louco e ter que ser desprogramado.

Ele riu histericamente.

- Você é um tolo! Está pior do que eu! Eu pelo menos conheço a situação!

Sacudiu-o.

- Seja razoável, Ashton!

- Não. Você é que precisa ser razoável! Você é que precisa acordar do seu sonho orgulhoso! Eu menti. Cau No me contou muita coisa antes de ser desprogramado. Mas eu não disse nada porque temia que vocês ficassem desesperados e destruíssem o simulador.

- Que foi que Cau No contou para você?

- Você não sabe como foi que ele descobriu que seu mundo era apenas uma farsa, sabe? - Ashton deu uma gargalhada. - Foi Fuller quem lhe contou. Oh, não diretamente. Apenas colocou informações no subconsciente de Cau No, para que você mais tarde as encontrasse. Mas não permaneceram nos tambores secundários. Passaram para o nível consciente. E Cau No aplicou-as ao seu mundo.

- Que informações? - perguntei, sacudindo-o.

- De que o mundo de vocês também não existe! De que é apenas um complexo de correntes eletrônicas em um simulador - nada mais que o reflexo de um processo *Simuletrônico*!

Fiquei paralisado, enquanto Ashton ria e soluçava ao mesmo tempo.

- Nada! Nada! - bradava ele. - Não somos nada, nem eu nem você. Apenas produtos de uma feitiçaria eletrônica, sombras *Simuletrônicas*!

Levantou-se novamente.

- Não me mande de volta para lá! Vamos trabalhar juntos. Talvez seja possível atingir a realidade absoluta! Eu consegui transpor uma barreira, não consegui?

Atingi-o com um soco. Não porque tentasse fugir. Apenas pela zombaria abjeta do que dissera. Então, enquanto observava a figura imóvel de Chuck Whitney estendida no tapete, uma voz gritou dentro de mim que era verdade.

Tudo que Ashton dissera correspondia exatamente à verdade.

Eu, tudo que me cercava, cada molécula do meu universo - nada mais que um arremedo de realidade. Um ambiente simulado, construído por um mundo real que

estava além da nossa imaginação.

10

A terrível idéia abalava os próprios fundamentos da razão. Todas as pessoas e objetos, as paredes que me cercavam, as estrelas do céu - nada mais que falsificações engenhosas. Um ambiente analógico. Uma máquina Simuletrônica Um mundo de ilusão. Um sistema equilibrado de cargas eletrônicas magnetizando fitas e núcleos, polarizando transistores, atravessando diodos.

Trêmulo diante de um universo subitamente horrível e hostil, vi com indiferença quando os assistentes de Whitney entraram e levaram o corpo inconsciente de Chuck. Fiquei ali, como que paralisado, enquanto eles completavam com sucesso a operação de reinversão.

Voltei para o escritório, imerso em um mar de conceitos espantosos. Fuller e eu havíamos construído um mundo analógico tão perfeito que nossas unidades subjetivas nunca saberiam que seu universo não era real. E tudo isso enquanto nosso próprio universo não passava do produto *Simuletrônico* de um Outro Mundo!

Esta era a descoberta fundamental de Fuller. Fora esta a causa de sua morte. Mas ele havia deixado um desenho para mim e comunicara seu segredo a Lynch.

E tudo que havia acontecido desde então não passara de manobras do Operador para ocultar a descoberta de Fuller!

Agora eu podia compreender o comportamento de Jinx.

Ela havia descoberto a verdadeira natureza do nosso mundo nas notas do pai, que mais tarde destruíra. E percebera imediatamente que era preciso, a todo custo, ocultar do Operador o fato de que ela sabia. Mais tarde, entretanto, juntamente com todas as outras unidades ID, sua memória a respeito de Morton Lynch fôra completamente apagada.

Então, ontem, Eles haviam descoberto que ela sabia.

Então tinham desligado temporariamente seus circuitos, durante a noite, para reprogramá-la!

Por isso ela parecia tão despreocupada esta manhã!

Não estava mais aterrorizada pela perspectiva de ser desprogramada.

Mas havia ainda uma questão sem resposta: por que eles me haviam poupado da reorientação geral que se seguira ao desaparecimento de Lynch?

Passei a mão pelos cabelos e olhei para o meu mundo de mentira. Ele, me respondeu que o que atingia meus olhos era apenas uma ilusão Simuletrônica. Procurei algo que atenuasse o impacto desta impressionante revelação.

Mesmo que nosso mundo fosse um mundo material, tangível, mesmo assim não

seria pouco mais do que nada? Ao longo de bilhões de anos-luz, até a estrela mais remota da galáxia mais distante estende-se um vasto mar, quase completamente vazio, semeado aqui e ali de porções infinitesimais do que chamamos de "matéria". Mas a própria matéria é tão intangível quando o vácuo sem fim que cerca as estrelas e os planetas. A matéria é composta, em última análise, de partículas "subatômicas" que não passam, na realidade, de "cargas" imateriais. Seria este conceito tão incompatível assim com a descoberta do Dr. Fuller - de que a matéria e o movimento eram apenas reflexos do movimento de cargas eletrônicas em um simulador?

Virei-me quando a porta, interna se abriu.

Collingsworth entrou.

- Observei você hoje à tarde enquanto salvava Chuck do *Simulacron-3*.

- Hoje à tarde? Olhei pela janela. Já estava ficando escuro. Eu havia passado horas mergulhado em meus pensamentos.

Ele atravessou o aposento e me perguntou, solicitamente:

- Doug, você está de novo em dificuldades, não está?

Assenti automaticamente. Talvez eu desejasse inconscientemente o apoio de Avery, que já me havia ajudado antes. Mas controlei-me. Não podia contar-lhe nada! Se não, Ele seria o próximo candidato a desaparecer ou sofrer um acidente.

- Não! - quase gritei. - Tudo vai bem! Não se preocupe.

- Está bem, mas vamos conversar um pouquinho. - Ele puxou uma cadeira. - Quando conversamos naquela noite cheguei à conclusão de que você sofria de um complexo de culpa - remorso por manipular aquelas unidades subjetivas demasiadamente realísticas. Desde então andei pensando nas possíveis consequências deste complexo.

A luz brincava com seus cabelos grisalhos, emprestando-lhe um ar paternal.

- Deduzi que. tipo de obsessão provavelmente surgiria se é que ainda não surgiu - nessas circunstâncias

- Qual? - perguntei, apenas remotamente interessado

- A consequência lógica do complexo seria você começar a acreditar que assim como manipula as suas unidades ID, existe um Outro *Simuletrônico* em um mundo maior manipulando você - todos nós.

Meu coração deu um pulo.

- Você sabe! Como descobriu?

Mas Ele sorriu complacentemente.

- A questão, Doug, é: como foi que você descobriu?

Embora eu soubesse que estava colocando Avery em perigo, repeti-lhe exatamente o que Ashton dissera ao entrar em meu escritório no corpo de Chuck Whitney. Eu tinha que contar a alguém.

Quando terminei, Ele piscou para mim.

- Muito engenhoso. Eu não teria inventado um melhor meio de autopunição.

- Quer insinuar que Ashton não me disse que este mundo é simulado?

- Você tem alguma testemunha para provar que ele disse? Não acha estranho que o único denominador comum em todas as suas experiências seja a falta de testemunhas para comprová-las?

Por que estava ele tentando derrubar toda a estrutura lógica que eu havia construído? Conheceria também a "descoberta fundamental" de Fuller? Estaria tentando proteger-me de um conhecimento tão perigoso?

Mas nesse caso, se tanto ele como Jinx haviam descoberto a terrível verdade, por que Jinx havia sido reprogramada e, Avery, não?

Então percebi a verdade: Collingsworth apenas conhecia minhas suspeitas a respeito da verdadeira natureza de nosso universo. Ele não acreditava nelas. Assim, não havia necessidade de reprogramá-lo.

Mas eu não rejeitara o segredo fatal E, no entanto, ali estava, sem que o Operador tivesse feito nenhuma tentativa para reprogramar-me. Por que?

Collingsworth juntou as mãos pensativamente.

- Os seus processos de racionalização são lentos, Doug. Eu mesmo vou acrescentar mais uma peça à sua obsessão , pseudo-paranóica.

Olhei para Ele interrogativamente.

- Você se esqueceu de racionalizar os ataques.

Pensei nas diversas ocasiões em que havia lutado contra a inconsciência.

- Qual é a explicação?

Ele franziu a testa.

- Se eu estivesse tentando alimentar a sua fantasia, diria que os desmaios são os efeitos secundários de uma ligação empática entre você e o Operador do mundo superior. Uma ligação defeituosa. Você já viu isso acontecer no seu simulador. A unidade ID percebe que algo está ocorrendo.

Engoli em seco.

- É isso, Avery! Tem razão! É a única explicação para o fato de que não fui ainda desprogramado!

Ele sorriu, com uma expressão superior no rosto. Então disse, pacientemente:

- Sim, Doug? Prossiga.

- É simples! A última vez em que eu tive um desmaio foi a noite passada. Sabe o que eu estava pensando na ocasião? Estava plenamente convencido de que você tinha razão, e tudo não passava de uma alucinação.

Collingsworth concordou, mas pude sentir o seu sarcasmo.

- O Grande *Simuletrônico* então achou que não precisava mais se preocupar com você?

Exatamente. Se eu não desconfiava mais da verdade, não havia perigo!

- E qual é a conclusão lógica dessa cadeia de afirmações arbitrárias, Doug?

Pensei por um momento, e depois disse com ar preocupado:

- Estarei em segurança até que ele resolva examinar-me de novo e descubra que minhas suspeitas voltaram!

Ele exclamou, triunfante:

- Pronto! E agora você já deve estar suspeitando de que esta é apenas a parte ainda racional de Douglas Hall admitindo que ele precisa controlar-se antes que essas obsessões se tornem perigosas!

- Eu sei o que vi! - protestei. - Sei o que ouvi!

Ele não tentou esconder sua piedade.

- Pense como quiser. Não posso fazer mais nada.

Andei até à janela e olhei para o céu noturno, coalhado de estrelas

Eu estava olhando para centenas de anos luz de espaço, bilhões e bilhões de quilômetros. Mas suponhamos que eu pudesse avaliar as verdadeiras dimensões do meu universo, como na realidade ele existia dentro dos limites dos aparelhos *simuletrônicos* que o criavam. Descobriria eu que toda a criação estava comprimida em um edifício da Realidade Superior, com, digamos, sessenta metros de

comprimento por trinta de largura, pela unidade de medida do Mundo Superior?

Ali estava a Ursa Maior. Se eu pudesse vê-la de modo objetivo, encontrar-me-ia diante de um simples gerador de funções? E mais além... Cassiopeia? Ou um volumoso processador de dados?

Collingsworth apoiou suavemente a mão no meu ombro. - Você ainda pode ficar bom, Doug. Basta compreender como são impossíveis suas obsessões.

Ele tinha razão, é claro. Tudo o que eu tinha a fazer era convencer-me de que havia apenas imaginado as palavras sarcásticas de Phil Ashton, sua insistência irônica de que meu próprio mundo era uma farsa Simuletrônica

- Não posso, Avery - disse, finalmente. - Tudo se encaixa tão bem! Ashton realmente falou comigo. E este é realmente o segredo que Fuller escondeu no simulador.

- Está bem, meu filho. - Avery encolheu os ombros, desanimado. - Se não consegui convencê-lo, o remédio é completar o seu processo obsessivo o mais depressa possível.

Quando olhei para ele, espantado, prosseguiu:

- Não é difícil prever o que você fará agora. Mas como levará provavelmente três ou quatro dias para chegar ao próximo passo, vou poupar-lhe tempo. Você acabará por levar ainda mais longe a analogia que seu cérebro criou. Se este mundo é uma criação *Simuletrônica*, pensará você, então deve haver alguém aqui com conhecimento da situação e em permanente contato com o Mundo Superior.

- Do mesmo modo como temos Phil Ashton em nosso simulador!

- Exato. E você chegará à conclusão de que o único meio de confirmar suas suspeitas será descobrir o Phil Ashton do nosso mundo.

Compreendi imediatamente o que ele estava insinuando. A Realidade Superior teria que manter uma unidade subjetiva especial entre nós para estar sempre a par da situação. Se eu conseguisse encontrar a Unidade de Contato, poderia obrigá-la a confessar a verdade.

E depois? Que fazer com ela? Deixá-la livre para contar ao Operador o que eu sabia? E vi que localizar a Unidade de Contato seria apenas metade do trabalho. No momento em que a encontrasse, teria que matá-la para salvar-me.

- Muito bem - disse Collingsworth -, então vá procurar a Unidade de Contato. E felicidades, filho.

- Mas por ser qualquer um!

- Naturalmente. Entretanto, se existe tal pessoa, você deve conhecê-la bem de perto, não é?

- Por que?

- Porque todos os fatos estranhos que você afirma que ocorreram foram presenciados apenas por você.

Mesmo assim, havia vários suspeitos. Siskin? Dorothy Ford? Ela estava perto de mim quando Lynch desapareceu! E depois passara a vigiar-me declaradamente! Chuck Whitney? Por que não? Não era a única pessoa capaz de ter colocado aquela bomba incendiária no modulador? E Marcus Heath, que queria tomar o meu lugar na RESA? E Wayne Hartson? Os dois haviam aparecido em uma época em que talvez o Operador julgasse necessário colocar-me sob severa vigilância.

Jinx? Claro que não. Ela havia passado pela mesma rotina que eu.

Que tal Avery Collingsworth? Quando olhei desconfiado para ele, adivinhou logo o que eu estava pensando.

- Sim, Doug - disse ele. - Eu também sou suspeito, se você deseja fazer uma investigação completa.

Estaria sendo sincero? Teria realmente previsto minhas reações paranoicas? Ou estaria apenas procurando ganhar tempo?

- Você também - repeti seriamente.

Ele se encaminhou para a porta, mas parou e disse:

- Naturalmente, você já percebeu que sua investigação deve ser a mais discreta possível. Você não pode sair por aí acusando as pessoas de serem a Unidade de Contato. Porque se você acertar, será imediatamente desprogramado. Certo?

Fiquei calado enquanto ele fechava a porta atrás de si.

Mas Ele tinha razão. Eu estava razoavelmente seguro enquanto o Operador não resolvesse observar-me novamente através de uma ligação empática - mas isso se eu não atraísse a Sua atenção antes disso.

Fora do edifício, senti o frio da noite enquanto passava pelos piquetes dos pesquisadores e me encaminhava para o estacionamento. Estava em completa confusão. Os edifícios, as estrelas no céu. O simples apertar de um botão, e tudo isto desaparecia em uma súbita neutralização de cargas elétricas. O Universo inteiro, e eu com ele.

Enquanto caminhava para o carro pensei com desprezo no ser humano e em suas mesquinhas ambições, esperanças, prazeres. Em Siskin querendo conquistar um mundo de mentira. Nos pesquisadores, dispostos a combater o simulador de Siskin até a morte, sem saberem que eles próprios não tinham maior existência física que as unidades subjetivas da máquina.

Mas pensava principalmente no Grande *Simuletrônico*, o Ser Onipotente que trabalhava, seguro e arrogante, no imenso centro de processamento de dados do seu *Super-Simulador*, criando e integrando estímulos e manobrando suas criaturas analógicas.

Deus ex machina.

Tudo era ilusão. Tudo era fútil e inconsequente diante da Realidade desconhecida.

- Doug!

Voltei-me, olhando para o carro aéreo de onde vinha a voz.

- Doug, sou eu, Jinx!

Então, lembrei-me de que ela insistira para vir buscar-me. Aproximei-me, hesitante. Ela abriu a porta e acendeu as luzes internas.

- Você parece que viu um fantasma - disse ela, rindo.

O que me lembrou que eu não dormia há dois dias. E senti um terrível cansaço dominar até mesmo as revelações terríveis daquele dia impossível.

- Foi um dia duro - disse, sentando-me ao seu lado. Contemplei-lhe o rosto e fiquei instantaneamente impressionado com a transformação por que ela passara. Nos últimos dias eu havia apenas imaginado que era atraente. Agora podia ver a verdadeira Jinx Fuller. Porque até então suas feições haviam estado transtornadas pelo conhecimento da terrível verdade. Agora era claro que ela havia sido aliviada deste peso. Em lugar de sua expressão preocupada estava um adorável sorriso.

- Nesse caso - disse, com um ar infantil que me lembrou a Jinx adolescente -

vamos cancelar o plano número um e adotar o plano de reserva.

O carro subiu suavemente.

- Vamos jantar de novo naquele restaurante - explicou-me ela. - Mas não hoje. Você precisa descansar. Vamos para minha casa.

Eu não podia despertar suspeitas. Se por acaso o Operador resolvesse observar-me, era preciso convencê-lo de que eu não suspeitava da verdade. Agora mesmo ele podia estar me observando através dos olhos de Jinx, escutando-nos através dos seus ouvidos.

- Boa idéia - concordei, com um entusiasmo talvez exagerado. - Em sua simplicidade doméstica, esta noite pode ser um prenúncio de coisas que estão por vir.

- Ei, Sr. Hall! - Exclamou ela - isto parece uma proposta de casamento!

Segurei-lhe a mão e comecei a acariciá-la. Se o Operador estivesse observando a cena, eu tinha certeza de que não suspeitaria de nada.

Ela preparou uma refeição leve - nem elaborada, nem convencional - e comemos na cozinha como velhos amigos.

Apenas uma vez durante a refeição deixei-me envolver por meus pensamentos. Uma dúvida ainda me atormentava:

Por que Eles não haviam alterado meu programa no instante em que o Operador descobriu que eu conhecia a "descoberta fundamental" de Fuller? Eles haviam reprogramado Jinx com perfeição, varrendo de seus registros de memória tudo que se referia ao segredo proibido. Mas não a haviam impedido de entrar em contato com a única unidade ID que poderia revelar-lhe novamente toda a verdade - eu mesmo.

- Doug, você está exausto, não está?

Voltei à realidade.

- Acho que sim.

Ela me tomou pela mão e me levou até a biblioteca, até o convidativo sofá forrado de couro. Deitei a cabeça no seu colo e ela me acariciou a testa.

- Posso cantar alguma coisa bonita - propôs, sorrindo.

- Você canta - disse eu, pensando no Operador que poderia estar observando aceno; - toda a vez que fala.

Então, subitamente, esqueci que estava representando, ao ver seus olhos vívidos e profundos. Beijei-a, e durante um momento que foi uma eternidade, esqueci-me de todas as bobagens *Simuletrônicas*, da Realidade Superior, do Operador Onipotente. Ali estava algo tangível, uma boia de esperança em um mar de incerteza.

Finalmente adormeci. Mas atormentado pelo medo de que o Operador resolvesse observar-me antes que eu pudesse descobrir sua Unidade de Contato.

Na manhã seguinte, a caminho da Reações, mudei subitamente de idéia e marquei um novo rumo no painel de controle do carro. O veículo fez meia volta e rumou para o vulto gigantesco do edifício do Escritório Central, semi-oculto pelas nuvens que o envolviam como um manto.

Senti uma espécie de orgulho pelo fato de não haver ainda perdido a razão, como ocorrera com Cau No em seu mundo de mentira. Quando acordei na casa de Jinx, havia ficado surpreso por conseguir manter a descoberta de Fuller oculta em minha mente... tão bem oculta que talvez não fosse descoberta nem por uma ligação empática.

Mas eu poderia viver normalmente, sabendo o que eu sabia? Poderia resignar-me e aceitar o destino que o Operador programasse para mim? Claro que não. Eu tinha que encontrar a Unidade de Contato, se é que ela existia. E podia muito bem começar com Siskin.

O carro começou a voar em círculos enquanto esperava que dois veículos aterrissassem na plataforma do Escritório Central.

Meu olhar se dirigiu distraidamente para o campo a leste da cidade. E lembrei-me da noite em que havia estado no limiar no "nada" - apenas para testemunhar a criação de metade do universo. Ali estava outro fato que desafiava qualquer explicação. A menos que...

Naturalmente! Um mundo *Simuletrônico* depende do princípio do Gestalt para ser verossímil - a presença de um número suficiente de partes de uma configuração para sugerir toda a configuração. O todo cognoscível é maior que a soma de suas partes sensíveis. A visão do "nada" fôra apenas uma das "falhas" da simulação. Falha que não seria normalmente percebida por uma unidade subjetiva.

Mesmo no simulador de Fuller, havia a possibilidade de que uma unidade ID chegasse a um "cenário" inacabado. Tal descoberta, entretanto, ligaria automaticamente circuitos especiais que não apenas "criariam" a parte necessária do ambiente, mas também apagariam da memória da unidade subjetiva toda e qualquer lembrança do incidente.

A estrada e o campo haviam sido "criados" por um mecanismo semelhante. Mas por que eu não havia sido reprogramado para acreditar que sempre haviam existido?

O carro aterrissou e encaminhei-me para uma entrada que levava diretamente ao

escritório de Siskin. A recepcionista me examinou com o ar superior que os funcionários do Escritório Central reservavam para os de fora e anunciou-me.

Siskin apareceu, segurou-me pelo braço e levou-me para dentro. Parecia muito satisfeito.

- Ia mesmo chamá-lo - disse ele.

- Talvez você não tenha que retocar tanto o Siskin analógico, afinal de contas. Fui aceito como membro do Comitê Central do partido!

Ele pareceu levemente desapontado quando não demonstrei admiração pelo fato. Mas isso não lhe tirou o entusiasmo.

- E o que é mais, Doug, já se fala em mim para governador!

E acrescentou, pensativamente:

- Naturalmente, não basta para mim. Estou com sessenta e quatro anos, você sabe. Não vou viver para sempre. Preciso andar depressa.

Tomando uma brusca decisão, encarei-o.

- Agora basta, Siskin. Chega de fingimento, eu já sei! Siskin recuou, assustado com o que via nos meus olhos.

Olhou para o intercomunicador, para o teto, para mim novamente.

- Você sabe? - A voz dele era trêmula, como eu sabia que seria a da Unidade de Contato quando finalmente descoberta.

- Você não calculou que eu acabaria por descobrir?

- Como soube? Foi Heath quem lhe contou? Dorothy? Eles também sabem? Se não foram Eles, quem foi?

Meu cérebro trabalhava sem parar. Era preciso identificá-lo sem sombra de erro. Então eu teria que matá-lo, antes que ele comunicasse ao Operador que eu estava a par da verdade.

- Você quer dizer - perguntei - que existem três Unidades de Contato?

Ele levantou uma sobrancelha. - De que está falando?

Eu agora não estava tão certo.

- Conte-me tudo.

- Doug, eu tinha que agir assim - para minha própria proteção. Você tem que compreender. Quando Dorothy me contou que você pretendia trair a mim e ao partido, fui obrigado a tomar minhas precauções.

Toda a tensão me abandonou. Afinal tudo não passara de um mal-entendido.

- Por isso chamei Heath - continuou. - Para o caso de você ficar intratável e ter que ser substituído. Você não pode me censurar por tentar proteger meus interesses.

- Não - consegui dizer.

- Fui sincero quando disse que gosto de você. É uma pena que não concorde totalmente comigo. Mas ainda podemos nos entender. Como eu disse, Heath é apenas um trunfo que eu guardo para qualquer emergência. Mas prefiro não usá-lo.

Desinteressado, encaminhei-me para a porta, percebendo que localizar a Unidade de Contato não seria tão simples como eu havia imaginado.

- Que vai fazer, filho? -. perguntou-me Siskin em voz baixa. - Não tente nenhuma bobagem. Tenho muitos recursos... mas não gostaria de usá-los contra você.

Voltei-me e encarei-o. Agora era mais que evidente que ele não era a Unidade de Contato. A ambiguidade inicial da nossa conversa teria sido o suficiente para fazê-lo desmascarar-se. Além disso, a Unidade de Contato devia ser profundamente frustrada. Não poderia dar grande importância a nada do seu mundo. Seria humilde, reservado. Siskin? Nunca. Ele tinha um interesse muito grande pelas coisas materiais - dinheiro, poder.

- Ainda confio em você, Doug. Você pode reabilitar-se Se quiser, eu despeço Heath. Até mesmo Dorothy. Basta que me prove que mudou de idéia a meu respeito.

- Como? - perguntei, mecanicamente

- Vamos juntos ao meu psico-tabelião para um exame completo.

Mais como um meio de encerrar a conversa do que por outro motivo, eu disse:

- Vou pensar no assunto.

No caminho de volta para a RESA, recapitulei o que ocorrera no escritório de Siskin. Era óbvio que ele estava apenas contemporizando. Acenava-me com a promessa de perdão apenas para que eu não denunciasses publicamente suas manobras políticas.

Mas se eu constituía uma ameaça, por que ele simplesmente não fazia com que a polícia me prendesse pela morte de Fuller? É verdade que isto privaria o simulador de alguns aperfeiçoamentos que eu e Fuller havíamos planejado. Mas ele já devia saber que mesmo sem esses aperfeiçoamentos, o sistema o levaria fatalmente à vitória política.

Então, quando o carro começou a descer ao longo do feixe de controle mais próximo da Reações S.A., uma nova suspeita me assaltou. Estaria Siskin manobrando a polícia para impedir que eu o traísse? Ou seria a polícia um mero instrumento nas mãos do Operador, preparada para prender-me pela morte de Fuller no instante em que o Ser Superior tivesse certeza de que eu sabia da verdade?

Afundi desanimado no assento. Eu estava irremediavelmente confuso, imprensado entre a maldade de dois mundos, tão miseravelmente confuso que não sabia nem mesmo se um dos perigos que me ameaçava vinha de um mundo ou do outro.

E ao mesmo tempo eu tinha que proceder como se nada me preocupasse. Porque a simples demonstração de que eu conhecia a existência do Mundo Real poderia significar a minha "morte" - a limpeza total dos meus circuitos.

Chegando à Reações, encontrei Marcus Heath sentado à minha mesa, examinando duas pilhas de memorandos que havia tirado das gavetas.

Bati com a porta e ele levantou a cabeça. Não pareceu perturbar-se. Era claro que ele não achava que tivesse sido apanhado em flagrante.

- Sim? - disse, impacientemente.

- Que está fazendo aqui?

- Este agora é o meu escritório. Ordens diretas do Escritório Central. Você poderá ficar por enquanto com o Sr. Whitney no Departamento de Geração de Funções.

Indiferente a uma consequência tão óbvia da situação, dirigi-me para a porta. Chegando lá, entretanto, hesitei. Não custava nada verificar se ele era a Unidade de Contato.

- Que deseja? - perguntou, irritado.

Aproximei-me novamente e examinei-lhe a expressão, imaginando se chegara realmente a hora de provar que eu não existia. Então, revoltei-me contra a idéia. Eu tinha que existir! A filosofia de Descartes não deixava margem a dúvidas:

Cogito ergo sum: Penso, logo existo:

- Não tenho tempo a perder - disse Heath, aborrecido. - Preciso preparar este simulador para uma demonstração dentro de uma semana.

Resolvi entrar direto no assunto:

- Não precisa mais fingir. Sei que você é um agente do outro simulador.

Ele não disse nada, mas minhas palavras o haviam atingido profundamente, como

eu podia ver pela súbita ferocidade dos seus olhos. Então eu me dei conta de que naquele exato momento ele podia estar ligado empaticamente ao Operador da Realidade Superior!

Perguntou, calmamente:

- Que foi que você disse?

Agora Ele queria que eu repetisse para o Operador!

Não havia tempo a perder!

Mergulhei desesperadamente sobre Ele. Mas Heath se esquivou e tirou de uma das gavetas uma pistola de laser.

O raio vermelho me atingiu nos braços, no peito, no abdômen e esbarrei na mesa, paralisado da cintura até o pescoço. Foi fácil para ele agarrar-me e obrigar-me a sentar em um cadeira. Então atirou em minhas pernas com a pistola de Ia ser.

Fiquei ali sentado, só podendo mexer com a cabeça.

Concentrei meus esforços nos músculos do braço, para verificar até que ponto ia a paralisia. Só consegui mover o dedo indicador. Isso significava que eu ficaria imóvel durante horas. E ele só precisava de alguns minutos. Eu seria desprogramado antes de recuperar os movimentos.

- Quando vai ser? - perguntei, desanimado.

Ele não respondeu. Depois de alguns instantes, trancou as duas portas. Então se encostou na mesa.

- Como foi que descobriu, Hall?

Eu havia passado o dia inteirinho imaginando como me comportaria se me encontrasse em uma situação como esta. E agora não sentia medo algum.

- Fuller me contou - disse.

- Mas como foi que Ele soube?

- Ele foi o primeiro a descobrir. Você devia saber disso.

- Por que devia saber?

- Então existe mais de um agente?

- Se existe, não me contaram nada!

Ele olhou para o intercomunicador e de novo para mim. Era evidente que estava preocupado com alguma coisa. Mas eu não conseguia imaginar o que. Ele havia cumprido muito bem sua missão, do ponto de vista do Operador.

Então ele sorriu e segurou-me pelos cabelos, forçando-me a levantar a cabeça. Apontou a arma para a minha garganta e apertou o gatilho.

Fiquei novamente perplexo. Se eu ia ser desprogramado a qualquer momento, para que paralisar minhas cordas vocais?

Ele passou um pente pelo cabelo e ajeitou o paletó.

Sentou-se e falou no intercomunicador:

- Srta. Ford, quer ligar-me por favor com o Sr. Siskin? Ponha a conversa no circuito de segurança.

De onde eu estava, não podia ver a tela. Mas a voz de Siskin era inconfundível quando Ele perguntou:

- Algum problema, Marcus?

- Não. Tudo vai bem. Horace, você me deu uma ótima posição e nós vamos progredir muito porque concordamos perfeitamente... em todos os assuntos. Heath hesitou.

- Sim?

- Isto é importante, Horace... o fato de estarmos de acordo. A respeito do partido e de tudo o mais. Estou dizendo isso porque amanhã quero ir com você a um psico-tabelião

Eu estava ficando cada vez mais confuso. Além de ainda não ter sido desprogramado, esta conversa era totalmente irrelevante.

- Espere aí - protestou Siskin, - Não vejo por que preciso submeter-me a um detetor de mentiras.

Você, não. - A expressão de Heath era de sinceridade e subserviência. - Eu é que preciso convencê-lo de que da agora em diante serei o membro mais leal de sua organização. Não apenas porque sei apreciar uma boa oportunidade, mas também porque eu e você pensamos do mesmo modo.

- Não estou entendendo nada, Marcus. Que está querendo dizer?

- Simplesmente isto: Vim para cá com o espião de outra companhia de Simuletrônica

- Barnfeld?

Heath assentiu.

- Trabalhei para eles até agora. Minha missão era roubar todos os segredos da Reações, para que Barnfeld pudesse construir um simulador igual ao seu.

Mesmo sob os efeitos dos raios laser, eu finalmente compreendi. Mais uma vez havia cometido um engano. Heath era um espião, sim, mas espião de outra companhia do nosso mundo.

- E você fez isso? - perguntou Siskin, interessado.

- Não, Horace. E nem pretendo fazê-lo. Não depois que você me contou seus planos. O psico-tabelião confirmará isso.

Siskin permaneceu calado.

- Não compreende, Horace? Eu quero ser leal a você. Há muito tempo que seus projetos me empolgaram. Mas eu estava criando coragem para confessar-lhe a verdade.

- E quando se decidiu?

- Quando Hall entrou aqui há alguns minutos dizendo que sabia de minhas ligações com Barnfeld e ia denunciar-me.

A voz de Siskin traía seu contentamento quando ele disse:

- E você está pronto a confirmar tudo isso diante de um psico-tabelião?

- Quando quiser. Agora mesmo, se preciso.

- Amanhã está bem. - Então Siskin deu uma gargalhada. - Barnfeld colocando um agente aqui! Quem poderia imaginar? Está bem, Marcus. Você continua conosco se o psico-tabelião confirmar tudo, naturalmente. E dará informações falsas a Barnfeld. Oh, Ele nunca mais encontrará o caminho certo!

Heath desligou e se aproximou de mim.

- Agora, Hall, você não pode fazer nada contra mim, hem? E vai passar o diabo depois desse "banho" de laser. -

Ele fez uma pausa, saboreando seu triunfo. - Vou mandar Gadsen levá-la em casa.

A unidade de Contato não era Siskin nem Heath. Qual o próximo candidato? Francamente, eu não sabia. Podia ser qualquer um - até o funcionário mais insignificante da Reações. E eu estava convencido de que muito antes de terminar a busca seria inevitavelmente submetido ao impacto de mais uma ligação empática. E então o Operador descobriria que eu sabia tudo a respeito da Realidade Superior.

Rios de fogo líquido atravessaram minhas veias durante toda a noite; eram os efeitos da descarga de laser que eu recebera no escritório. Poderia ter sepultado a dor em uma onda de ódio contra Heath. Mas há muito tempo eu já tinha perdido todo o interesse pelas coisas materiais.

De manhã, o guarda que Gadsen havia destacado para cuidar de mim ajudou-me a sair da cama e me levou para a cozinha. Ele havia preparado um leve desjejum. Nada substancial. Meu estômago ainda estava quase paralisado.

Depois que ele saiu, mastiguei um pedaço de torrada e bebi um pouco de café. Então comecei a pensar se um dia conseguiria me acostumar com a terrível verdade.

Eu não era nada - apenas um conjunto de cargas Simuletrônicas adequadamente distribuídas. Mas mesmo assim eu tinha que existir. Era a lógica que me dizia. Penso, logo existo. Mas eu não era a primeira pessoa a ser atormentada pela dúvida a respeito da realidade objetiva. E os solipsistas, os berkeleyanos, os transcendentalistas? Durante toda a história da humanidade, a realidade objetiva fôra submetida a um exame crítico. Os subjetivistas não estavam sozinhos em suas opiniões a respeito da verdadeira natureza do mundo. E mesmo a ciência pura havia adotado o fenomenalismo, com o seu princípio de indeterminação, o seu conceito de que o observado é inseparável do observador.

Na realidade, a ontologia sempre prestara tributo ao conceitualismo. Para Platão, a realidade última existia apenas em um plano de ideias puras. Para Aristóteles, a matéria era uma substância passiva sobre as quais o pensamento atuava para produzir a realidade. Em essência, esta última definição não estava muito longe do conceito de capacidade subjetiva de uma unidade ID, polarizando e sendo polarizada pelo ambiente Simuletrônico.

Meu conhecimento recém-adquirido a respeito da realidade fundamental exigia apenas mais uma concessão: o Fim do Mundo, quando ocorresse, não seria um fenômeno físico, mas apenas o desligamento geral de circuitos simuletrônicos.

E de todos os conceitos metafísicos que haviam surgido durante a longa história da filosofia, o meu era o único que admitia comprovação. Eu poderia prová-lo, conclusivamente, simplesmente encontrando o agente teológico - a Unidade de Contato.

Ao meio-dia um chuveiro quente e uma massagem haviam ajudado a remover os últimos sintomas e eu voltei para a Reações.

No corredor central, Chuck Whitney saiu do departamento de gerações de funções e me segurou pelo braço.

- Doug! Que aconteceu? - perguntou. - Por que Heath está instalado no seu escritório?

- Digamos que eu e Siskin temos algumas divergências.

- Bem, se você não quer falar no assunto... - Ele entrou na sala de geração de funções. e fez um gesto para que o seguisse.

- Pediram-me para mostrar-lhe onde você vai ficar daqui em diante.

Passamos pelo grande integrador de dados e por uma fila de dispositivos de entrada, cada cabina como uma sentinela sombria com centenas de olhos piscando e discos girando.

Chegamos à outra extremidade da sala e ele apontou para uma divisão com paredes de vidro.

- Fique à vontade.

Entramos e fiquei por um momento examinando o que restava da minha autoridade. Uma mesa com uma máquina de ditar. Duas cadeiras de espaldares retos. Um arquivo.

Chuck puxou uma das cadeiras.

- Siskin esteve aqui esta manhã. Trouxe dois novos assistentes para Heath. Parece que deseja uma demonstração pública do simulador o mais cedo possível.

- Provavelmente quer garantir a simpatia do público com um grande espetáculo.

Chuck disse:

- Você foi rebaixado, Doug. Por que?

Afundei na outra cadeira.

- Siskin tem suas ideias a respeito da melhor utilização do simulador. Não concordo com Ele.

- Se precisar de mim, não pense duas vezes.

Whitney - a Unidade de Contato? Alguém que eu conhecia há anos? Meu melhor amigo? E por que não? Phil Ashton também tinha amigos em nosso simulador. E nenhum deles suspeitava da verdade.

- Chuck - perguntei, pensativamente - como você compararia os processos perceptuais que ocorrem quando vemos, digamos, uma cadeira, com os que têm lugar quando uma unidade ID vê o equivalente *Simuletrônico* de uma cadeira?

- Vai fazer um exame comigo? - perguntou, rindo.

- Falando sério, qual é a diferença?

- Bem, no nosso caso uma imagem bidimensional da cadeira é projetada na retina. Ali é varrida neurologicamente e dividida em uma série de impulsos sensoriais, que são enviados diretamente para o cérebro. Informação em código, Transferência linear.

- E na unidade ID?

- A cadeira analógica é na realidade um conjunto de impulsos armazenados. Quando a unidade entra *simuletronicamente* em contato "visual" com a cadeira, um dos seus circuitos de percepção é polarizado por esses impulsos. este circuito, por sua vez, transmite a informação para os núcleos de memória da unidade.

- Qual é a eficiência do sistema visual das ID?

- Comparável ao nosso. Cada tambor armazena sete milhões de bits e o tempo de leitura é de dois milésimos de segundo. Em consequência, os tempos de cognição e reação são mais ou menos equivalentes aos nossos.

Observei sua expressão, procurando descobrir algum sinal de preocupação pelo rumo que a conversa estava tomando.

- E que acontece quando uma unidade ID fica fora de controle?

- Torna-se irracional? - Ele abanou os ombros. - Um distribuidor fica fora de fase. Os circuitos perceptivos da ID recebem impulsos contraditórios. Coisas aparecem ou desaparecem sem a menor explicação. Desconfiado, funcionando com modulação defeituosa, ela começa a notar as falhas do ambiente simulado.

Subitamente animado, sugeri:

- Tais como uma estrada e um campo que terminam subitamente no nada?

- Sim. Coisas desse tipo.

A expressão de Chuck permanecia imperturbável. Ele havia passado pela prova.

Por outro lado, uma Unidade de Contato não estaria condicionada pelo Operador para comportar-se exatamente deste modo?

Então, quando olhei através da divisão de vidro para a sala de geração de funções, percebi que nesse exato instante estava diante de mais uma "falha do ambiente".

Acompanhando meu olhar, Whitney examinou espantado o aposento.

- Que foi?

Imediatamente vi a oportunidade de uma segunda prova, para estabelecer sem sombra de dúvida que ele não era a Unidade de Contato. Dei uma risada.

- Acabo de reparar em algo estranho no nosso integrador de dados.

Ele o examinou por alguns instantes. - Não vejo nada de anormal.

- A carcaça é inteiriça. Acho que me lembro das dimensões. Quatro metros por dois. Pouco mais de três metros de altura. Lembra-se quando o instalamos?

- Claro. Fui o responsável.

- Mas, Chuck, não há nesta sala uma porta ou janela suficientemente larga para ele ter passado.

Ele pareceu confuso por alguns instantes. Então riu e apontou com o braço:

- A menos que tenha sido por aquela porta dos fundos que dá para o estacionamento.

Olhei para a direção indicada procurando controlar-me.

Havia uma porta ali - suficientemente larga para dar entrada ao integrador, mas não havia nenhuma porta ali há alguns instantes!

A reação de espanto de Chuck havia disparado um circuito automático de correção. O fato de que eu era o único que sabia que a porta não estivera sempre ali era uma prova de que eu ainda estava sendo poupado, por algum motivo, à reorientação automática.

O intercomunicador chamou. Liguei-o e o rosto preocupado de Dorothy Ford apareceu na tela. Ela olhou desconfiada para Chuck.

- Preciso trabalhar - disse Chuck discretamente, encaminhando-se para a porta.

Dorothy estava corroída pelo remorso. Seus olhos estavam úmidos e ela torcia nervosamente as mãos.

- Adiantaria alguma coisa se eu dissesse que sinto muito?

- Você contou a Siskin que eu planejava traí-lo?

Ela concordou, envergonhada.

- Sim, Doug. Tive que fazê-lo.
E eu sabia, pela sinceridade de sua voz, que trair-me era a última coisa que ela desejaria fazer.
Ela prosseguiu, mais calma:
- Eu avisei você, não foi? Ficou bem claro que eu tinha que defender os interesses de Siskin.
- Seu trabalho merece nota dez.
- Sim, acho que sim. Mas não me orgulho nem um pouquinho do que fiz.
Então ela me havia denunciado a Siskin. Acabaria também por denunciar-me a um Poder muito maior?
Ri para ela.
- Não vamos deixar que isso nos separe, não é?
Ela franziu a testa, espantada.
- Bem, - prossegui - você disse uma vez que tínhamos nosso trabalho, mas que isso não devia impedir que nos divertíssemos juntos.
Ela se limitou a abaixar a cabeça.
- Oh, compreendo - fingi estar magoado. - A situação mudou. Agora que consegui o que queria, perdi todo o interesse por você.
- Não. Não é isso, Doug.
- Mas certamente você cumpriu sua missão a contento e não precisa mais me vigiar.
- Não preciso, não. Siskin está satisfeito.
Fingindo impaciência, estendi a mão para o intercomunicador.
Ela gritou, ansiosa: - Não, espere!
Uma pequena atrapalhada porque o sujeito com quem ela andava brincando resolvera levar a coisa a sério? Ou uma Unidade de Contato com medo de perder de vista uma unidade suspeita?
- Está bem - disse ela, sem entusiasmo. Podemos divertir-nos juntos.
- Quando? Ela hesitou.
- Quando você quiser.
No momento, eu não podia imaginar um suspeito mais provável. Mas teria que investigar pessoalmente.
- Hoje à noite - sugeri - No seu apartamento.

O apartamento de Dorothy Ford era um desses lugares luxuosos que são tradicionalmente associados aos privilégios libertinos dos homens de negócios. Percebi, logo na entrada, que deixar-me entrar ali fôra mais uma humilhação para a moça.

Murais animados em 3-D, cada qual com a sua música de fundo, apresentavam cenas sugestivas. Pan tocava flauta e batia com os cascos fendidos no chão, enquanto jovens desinibidas o cercavam com danças sensuais. Afrodite abraçava Adônis entre um par de colunas de mármore enfeitadas com rosas e emoldurando o Mar Egeu. Cleópatra, os cabelos negros iluminados pelos reflexos da lua cheia sobre o Nilo, levantava uma taça cravejada de joias para brindar a Marco Antônio, encostado à amurada da embarcação.

Mas o que dominava o ambiente era um imenso retrato em 3-D de Horace P. Siskin. Olhei espantado para o retrato, reconhecendo uma faceta do caráter de Siskin que eu não conhecia. Seus olhos, voltados para o mural de Afrodite e Adônis, tinha uma expressão lúbrica. Olhando para o retrato, não se poderia escapar a uma

impressão: satiríase.

O suave encantamento da sala foi quebrado quando Dorothy apertou um botão do auto-bar. Recebeu sua bebida, engoliu metade de um gole, e ficou olhando abstratamente para o copo, como se estivesse tentando encontrar algo que perdera há muito tempo. Ela usava um pijama azul-pastel, enfeitado de arminho. Seus cabelos, penteados para cima e com reflexos prateados, eram como uma coroa macia que emprestava uma aparência jovem e inocente ao seu rosto bem feito. Mas sua fisionomia refletia uma calma determinação. Ela havia feito um acordo. E agora pretendia levá-lo até o fim.

Dorothy apontou para o retrato de Siskin.

- Posso fechar as cortinas e escondê-lo, Não será a primeira vez.
- Escondê-lo de todas essas coisas que pertencem a Ele?

Ela estremeceu.

- Ele não está mais interessado Antigamente, sim. Mas a vitalidade não dura para sempre.

- Você parece magoada.

- Oh, não.

Ela se dirigiu ao auto-bar e pediu outro drinque, enquanto eu a olhava perplexo. Uma Unidade de Contato se envolveria em complicações desse tipo?

Ela apanhou o copo, bebeu o conteúdo de um gole, esperou outro e voltou. O álcool estava começando a fazer efeito. Ela parecia mais animada, embora sua fisionomia ainda refletisse um que de tristeza.

- A saúde do Pequeno Grande Homem - ela levantou o copo, tomou um gole, e arremessou-o contra o retrato.

O copo se quebrou contra a face esquerda de Siskin, abrindo um rasgo na tela.

- Eu não devia ter feito isso, Doug. Você vai pensar que sou mal-agraçada.
- Por que me deixou vir aqui?

Ela mentiu:

- Por causa da atmosfera. Você não encontraria um ambiente melhor em toda a cidade. O bom-gosto de Siskin é incomparável.

Quando ela se encaminhou novamente para o bar, segurei-a pelo braço. Ela parou, oscilou ligeiramente e lançou-me um olhar penetrante.

- Eu lhe dei outro dia um aviso quando não precisava fazê-lo - disse ela. - Agora ouça outro conselho. É melhor você não ter um caso comigo. Trouxe-o aqui para que se convencesse disso.

Esquecido da finalidade principal de minha visita, estava cada vez mais interessado no drama pessoal de Dorothy Ford. E imaginei, com uma sensação de piedade, que tipo especial de programação teria produzido uma personalidade como a dela.

- Quando foi que Siskin esteve aqui pela última vez? perguntei.
- Há dois anos atrás.
- E você sente muita falta dele?

Os olhos de Dorothy se encheram de indignação e ela me deu uma bofetada. Então se atirou no sofá e afundou a cabeça em uma almofada.

Sinto muito, Dorothy.

- Não há por que. Entrei nisso de olhos abertos.
- Não é verdade. Como aconteceu?

Ela levantou a cabeça e olhou para o mural de Cleópatra e Marco Antônio

- As vezes acho que não sou mais dona de meu destino que as unidades da sua máquina. As vezes chego a sentir-me como uma delas. Já tive sonhos horríveis em que via Siskin sentado aos controles do *Simulacron-3*, manobrando-me como a um boneco.

Agora eu sabia que Dorothy Ford não podia ser a Unidade de Contato. A última coisa que um agente da Realidade Superior faria seria referir-se, mesmo de leve, à realidade de nossa situação. E Dorothy quase acertara no alvo.

- Não - prosseguiu ela com ar distante. - Não sou nenhuma ninfomaníaca. Siskin foi o único. Você compreende, meu pai é um dos diretores associados do Estabelecimento. E papai só continuará a ser o gênio das finanças que ele pensa que é enquanto eu fizer o jogo de Siskin.

- Quer dizer que seu pai só conseguiu vencer porque você...

Ela assentiu tristemente.

- Foi o único motivo. Quando começou a trabalhar com Siskin há cinco anos atrás, papai estava convalescendo de um ataque do coração. A verdade o mataria.

A campainha tocou e Dorothy deu um pulo. Tomei-lhe a frente e liguei a tela de televisão.

O homem no corredor já estava com o bloco pronto na mão quando se identificou.

- James Ross, POP Número 2317-B3. Quero falar com a Srta. Dorothy Ford.

Era muita coincidência que aparecesse um pesquisador no momento exato em que eu estava tentando verificar se Dorothy era a Unidade de Contato.

- A Srta. Ford está doente - disse eu. - Não pode ver ninguém.

- Sinto muito, senhor. Mas pela Lei dos Pesquisadores...

Então, lembrei-me do que vira ao entrar no apartamento. - Se o senhor olhar para a porta, Sr. Ross, verá um certificado que diz que a Srta. Ford tem uma isenção para pesquisas noturnas.

Olhando rapidamente para cima, Ele sorriu, desapontado:

- Sinto muito, senhor. Não havia reparado.

Depois de desligar a câmara, fiquei ali parado muito tempo, com a mão ainda no botão. Um engano sincero? Ou um POP a serviço da Realidade Superior?

Voltei para o bar, tentando reunir os fragmentos desconexos que enchiam meu cérebro. Além de ter sido programada pela Realidade Superior, a Associação dos Pesquisadores estava em uma excelente posição para vigiar não apenas a mim, mas a todos os que me cercavam.

Um pesquisador anônimo não me havia dito: "Pelo amor de Deus, Hall... pare de se meter"?

Pedi drinque para mim, mas deixei-o na fenda de entrega, enquanto pensava se os próprios monitores não estariam desempenhando uma função secreta neste mundo de mentira.

Então a resposta me atingiu como um raio: Naturalmente! Por que não pensara nisso antes? Não se cria um mundo *Simuletrônico* sem um objetivo. É preciso um motivo. A comunidade analógica que eu e Fuller havíamos criado se destinava originalmente a prever a reação do público e assim assegurar a aceitabilidade de produtos comerciais.

Do mesmo modo, mas em plano superior, nosso próprio mundo, a criação *Simuletrônica* em que eu vivia como uma unidade ID era apenas uma máquina de

perguntas e respostas para produtores, fabricantes, vendedores e varejistas da Realidade Superior!

Os pesquisadores de opinião constituíam o sistema através do qual o Operador fazia suas perguntas, introduzia seus estímulos!

O método era análogo ao usado por Fuller em nosso próprio simulador, utilizando anúncios de rádio e televisão para estimular respostas!

E não era lógico que o Operador dispusesse de um agente especial ligado diretamente à APOP, a instituição mais importante de toda a criação Simuletrônica?

Na manhã seguinte desci em um estacionamento público localizado a dois quarteirões do edifício da Associação dos Pesquisadores. Enquanto percorria a pé o resto do caminho, prendi à manga o objeto que me daria acesso ao quartel-general dos pesquisadores - a braçadeira que eu arrancara do pesquisador desconhecido.

Na entrada, entretanto, não havia nenhum guarda para verificar a identidade dos pesquisadores que entravam e saíam do prédio. Então, lembrei-me de que a APOP não era uma organização secreta, nem tinha ostensivamente nada a esconder.

Chegando ao salão central, parei diante do indicador e li: "Escritório do Presidente - sala 3407".

Meu plano era simples. Eu ia pedir à secretária de cada um dos chefes que anunciasse um novo pesquisador da Realidade Superior S.A. Se um deles fosse a Unidade de Contato, a mera menção no nome da firma que eu supostamente representava faria com que ele se revelasse.

Saltei do elevador no trigésimo quarto andar e escondi-me imediatamente atrás de um grande vaso de plantas.

Dois homens estavam saindo do escritório do presidente. Mas enquanto tentava me esconder compreendi que um deles havia me visto e reconhecido.

E este homem era a Unidade de Contato em pessoa! Tinha que ser. Porque era Avery Collingsworth.

Collingsworth aproximou-se e nossos olhos se encontraram. Os dele estavam calmos, inexpressivos, enquanto os meus procuravam desesperadamente um meio de escapar. Não havia nenhum.

O outro homem tornou a entrar no escritório do presidente.

- Estava a sua espera - disse Collingsworth.

O instinto me dizia para matá-lo, antes que ele pudesse avisar ao Operador. Mas eu apenas recuei contra a parede.

- Eu sabia que você acabaria por supor que a Associação dos Pesquisadores era o meio de ligação entre o Operador e o nosso mundo - disse o psicólogo. - E quando você chegasse a esta conclusão, viria para cá em busca da Unidade de Contato. Certo, Doug?

Concordei.

Ele sorriu ligeiramente. Sua expressão, juntamente com os cabelos grisalhos ligeiramente despenteados e o rosto redondo, dava-lhe uma aparência estranhamente angelical!

- Então você veio aqui e me encontrou - prosseguiu.

- Eu temia que isso acontecesse. Mas acho que agora não faz diferença. É tarde demais.

- Você vai me denunciar?

- Eu vou denunciar você? - Ele riu. - Doug, voce anda um bocado confuso, hein? Então não vê que...

O homem que estava com ele tornou a sair do escritório do presidente. Desta vez estava acompanhado de quatro pesquisadores mal-encarados.

Mas Collingsworth os deteve.

- Não será necessário - disse.

- Mas você disse que ele era da Reações!

- É verdade. Mas não será por muito tempo. Siskin tem outros planos.

O homem me olhou especulativamente. - Este é Hall?

Collingsworth assentiu.

- Douglas Hall, antigo diretor técnico da RESA. Doug, Vernon Carr. Como você sabe, Carr é presidente da APOP.

O homem estendeu a mão, mas eu recuei. Mal havia ouvido a conversa. Estava pensando no momento em que eu seria sumariamente desprogramado. Ocorreria sem aviso? Ou o Operador faria primeiro uma ligação empática para verificar se eu era mesmo irrecuperável?

- Terá que desculpar Hall; Ele está fora de si - disse Avery. - Já tem problemas

pessoais suficientes. E Siskin não está fazendo nada para melhorar a situação.

- Que vamos fazer com ele? - perguntou Carr.

Collingsworth me tomou pelo braço e me conduziu para uma porta fechada.

- Antes de decidirmos, gostaria de conversar com ele em particular.

Ele abriu a porta e me introduziu no que era evidentemente uma sala de reuniões, com uma comprida mesa de mogno cercada por duas filas de cadeiras vazias.

Então compreendi. Ele tinha que assegurar que ninguém testemunharia meu desaparecimento!

Desvencilhei-me e agarrei a maçaneta da porta. Estava trancada. I

- Calma - disse Collingsworth. - Não sou nenhuma Unidade de Contato.

Virei-me incredulamente para encará-lo. - Não?

- Se eu fosse, já teria mandado desprogramá-lo há muito tempo, conhecendo como conheço suas convicções obstinadas.

- Então que está fazendo aqui?

- Esqueça essa sua maldita obsessão. Encare as coisas racionalmente. Não é compreensível que minhas simpatias estejam todas contra Siskin e suas intenções desonestas? Sou um espião, sim. Mas não no sentido que você imagina. Estou trabalhando para a APOP porque acho que é a única organização suficientemente poderosa para combater o simulador de Siskin.

Aliviado mas ao mesmo tempo confuso, deixei-me cair em uma cadeira.

Collingsworth prosseguiu.

- Estou trabalhando para os pesquisadores há algum tempo, mantendo-os a par das atividades de Siskin. É por isso que a APOP tinha seus piquetes prontos horas depois de Siskin fazer o acordo com o partido.

Olhei para Ele.

- Foi você quem colocou aquela bomba incendiária?

- Sim. Mas acredite, filho, eu não sabia que você estaria lá na hora.

Repeti, incrédulo:

- Você tem espionado Siskin?

Assentindo, Avery disse:

- Ele é ambicioso, Doug. Percebi tudo quando o vi com Hartson. Mas nessa altura eu já estava trabalhando para Vernon Carr. Tenho suficiente senso para saber que não é humano usar uma máquina para colocar milhões de homens na miséria.

Convencido finalmente de que ele não era, afinal de contas, a Unidade de Contato, eu havia perdido o interesse na discussão. Mas ele interpretou o meu silêncio como ceticismo.

- Nós podemos vencê-lo, filho! Temos aliados por toda parte! Por exemplo: Siskin e o partido usam suas influências para apresentarem uma lei proibindo a pesquisa de opinião público. E que acontece? Um projeto que devia ser transformado em lei é engavetado sem que ninguém saiba como!

Saltei da cadeira.

- Avery! Você não percebe o que isto realmente significa? Não vê quem é o seu aliado no Congresso?

Ele olhou para mim, surpreso.

- O Operador! - gritei. - Não sei como não pensei nisso antes. Não compreende? A Realidade Superior não está apenas tentando reorientar ou desprogramar quem conhece a verdade. Isto é secundário. O alvo principal é o simulador de Siskin! O

simulador deve ser destruído a todo custo!

- Oh, pelo amor de Deus, filho! Sente-se e...

- Não, espere! É isso, Avery! Você não colocou a bomba incendiária para defender os interesses da APOP. Você foi programado para isso pelo Operador!

Ele perguntou, impacientemente:

- Então por que eu não fui programado para colocar outras bombas, até acabar com o projeto?

- Porque tudo que acontece neste mundo simulado tem que obedecer aparentemente à lógica. Depois que Siskin redobrou as medidas de segurança, não era provável que um atentado fosse bem sucedido!

- Doug - interrompeu Ele, cansado -, escute...

- Não, escute você! A Realidade Superior não quer que o simulador comece a funcionar. Por que? Porque acabaria com a APOP e os pesquisadores de opinião. E Eles não podem passar sem os pesquisadores, que constituem o único meio de introduzir estímulos e colher reações em nosso mundo!

- Sinceramente, Doug, eu...

Comecei a passear pela sala.

- Então Eles fazem tudo para destruir o simulador de Fuller. Programam você para colocar uma bomba. Não adianta. Programam toda a APOP. Talvez os piquetes, os protestos, a violência consigam o que uma bomba não conseguiu. Mas Siskin reage contra o que ele considera uma estratégia da APOP voltando a opinião pública contra os pesquisadores. E chegamos a um impasse. Por isso é que não tive nenhum ataque ultimamente. O Operador não tem tido tempo para verificar se eu ainda acredito que estou apenas sofrendo de Pseudo-paranoia

- Você está apenas racionalizando suas alucinações.

- Alucinações uma conversa! Agora vejo tudo claro. E vejo que não sou eu apenas que estou em perigo!

Ele sorriu.

- Quem mais? Eu? Porque você... ah, você me contaminou com ideias proibidas!

- Não. Não só você. O mundo inteiro!

- Oh, seja razoável. - Mas rugas profundas começavam a mostrar sua dúvida.

- Veja. O Operador usou de todos os recursos razoáveis para eliminar o *Simulacron-3* - subversão, ataque direto através da APOP, legislação. Mas nada deu certo. Ele não pode reprogramar Siskin porque o partido tomaria o lugar de Siskin. Não pode reprogramar o partido porque milhares de unidades subjetivas estariam envolvidas.

- E há vários dias que ele não toma nenhuma atitude.

O que só pode significar uma coisa: Ele está planejando um ataque final contra o simulador! Se der certo, nosso mundo estará salvo. Mas se falhar...

Collingsworth se inclinou para a frente, ansioso. - Se falhar?

Prossigui, sombriamente.

- Se falhar, só restará uma coisa a fazer: destruir todo o complexo! Limpar os circuitos de todas as ID! Desativar o simulador - nosso mundo - e começar tudo de novo!

Collingsworth torcia as mãos, E percebi aterrorizado que ele estava começando a acreditar! As consequências desastrosas se tornaram evidentes:

A atenção do Operador não estava voltada para mim, pelo menos no momento. Mas estava voltada para Avery! Collingsworth havia sido insidiosamente programado

para sabotar o simulador; para ajudar os pesquisadores a atacarem a Reações; e mesmo para brincar a respeito da verdadeira realidade das coisas, a fim de convencer-me de que eu era apenas uma vítima de Pseudo-paranoia!

Se o Operador descobrisse que o tiro havia saído pela culatra, e que eu é que havia convencido Collingsworth, convencer-se-ia da inutilidade de seus esforços. E isso significaria o fim, tanto para Avery como para mim!

Collingsworth levantou a cabeça e seus olhos se fixaram nos meus,

- Um dos meios de pôr à prova uma teoria - disse lentamente - é verificar se suas previsões são válidas, É por isso que eu estava tão certo de haver diagnosticado corretamente sua doença. Há poucos momentos, entretanto, você também fez uma previsão. Concluiu que o Operador estava planejando um ataque decisivo contra o...

A porta se abriu de repente, quando os motores do servomecanismo foram ativados por um circuito de bio-capacitância Vernon Carr entrou correndo.

- Avery! Sabe que horas são?

- Sim - disse Collingsworth, com ar distante.

Avery - roguei-lhe desesperadamente -, esqueça tudo o que eu disse! - dei uma risada. - Não vê que eu estava apenas brincando e... queria mostrar-lhe que...

Era inútil. Ele já estava convencido. E agora a próxima ligação empática do Operador comigo ou com ele seria fatal para nós dois.

- Bem, que vai fazer com Hall? - perguntou Carr.

Collingsworth franziu a testa e se levantou lentamente. - Acho que não faz mais diferença alguma.

As feições de Carr refletiram espanto, mas apenas por um momento. Então Ele sorriu e disse:

- Tem razão, Avery! Ou conseguimos destruir o simulador na próxima meia hora, ou iremos todos para a cadeia. E o que Hall fizer durante esse tempo não fará diferença alguma.

Ele se dirigiu rapidamente para a parede e abriu uma cortina, revelando uma grande tela de televisão. Percebi que estava a ponto de descobrir por que Collingsworth ficara tão espantado com minha previsão. Carr ligou o aparelho e o aposento imediatamente se encheu de uma cacofonia de sons tumultuosos enquanto luzes fantásticas se entrecruzavam na face do tubo de imagem.

A câmara estava colocada em frente ao edifício da RESA, em um ponto elevado que permitia uma visão panorâmica do local. O edifício estava cercado por uma multidão de pesquisadores, que gesticulavam, empurravam e conseguiam chegar quase até a entrada antes de serem repelidos. Cada investida era primeiro contida por um cordão de policiais armados de pistolas de laser, e depois por milhares de civis que ajudavam a polícia.

Em cima, carros aéreos circulavam como gaviões à procura de uma presa, enquanto os alto-falantes reproduziam, com a voz de Siskin, exortações aos defensores do prédio. Siskin lembrava aos policiais e civis que o *Simulacron-3* era a maior conquista da humanidade e que os agressores eram forças malignas que desejavam destruí-lo.

Os raios laser de vez em quando abriam grandes claros na multidão. Mas imediatamente novos pesquisadores tomavam o lugar dos paralisados. E no exato instante em que eu observava o ataque, esquadrilhas de carros de transporte da APOP desciam nas vizinhanças com reforços.

O próprio edifício da Reações estava envolvido por uma aura de fogo, os projéteis

dos atacantes chocando-se com a barreira de repulsão do prédio.

Vernon Carr olhava fixamente para a tela, gesticulando agressivamente a cada novo assalto.

- Vamos conseguir, Avery - gritava ele a todo instante.

Collingsworth e eu limitávamos-nos a olhar um para o outro, pois um não precisava de palavras para compreender o que o outro estava sentindo.

Por incrível que pareça, eu não estava interessado na batalha. Não que não se tratasse do acontecimento mais importante da história da humanidade. A própria existência de todo um mundo - um universo *Simuletrônico* - dependia do resultado. Porque se os pesquisadores vencessem e destruíssem o simulador de Fuller, o Operador da Realidade Superior ficaria satisfeito e pouparia sua criação.

Entretanto, talvez justamente porque a situação fosse tão dramática, eu não conseguia prestar atenção aos acontecimentos. Ou talvez fosse porque eu sabia que, se os pesquisadores lograssem êxito, o Operador em breve entraria em ligação empática com Avery. E quando isso acontecesse, seria o fim para nós dois.

Andei até a porta, que Carr deixara aberta, e saí para o corredor. Apertei mecanicamente o botão para chamar o elevador.

Chegando à rua, dirigi-me lentamente para o estacionamento. Passei por um edifício em que uma grande tela de televisão mostrava o que estava ocorrendo em frente ao edifício da RESA. Mas virei a cabeça. Eu não queria saber o rumo que a batalha estava tomando.

A meio quarteirão do estacionamento, parei hesitante em frente a um *Psicorama*. Olhei quase sem ver para os cartazes, que anunciavam a apresentação de "O Maior Poeta Abstrato de Nossa Época - Ragir Rojasta".

Um funcionário uniformizado dizia para os transeuntes: - Entrem. A vespéral está começando.

Minha mente era um labirinto de pensamentos tortuosos, desesperados. Eu estava aterrorizado. Tinha que acalmar-me para decidir o que fazer - se ainda houvesse alguma coisa a fazer. Não adiantava fugir, porque eu não tinha onde me esconder. Eu podia ser desprogramado em qualquer lugar. Assim, comprei a entrada e entrei na sala de espetáculos.

Tomei o primeiro lugar vazio que encontrei nas filas circulares de assentos e deixei meus olhos se fixarem indiferentemente no estrado giratório que ocupava o centro da selo.

Ragir Rojasta estava sentado, resplandescente em suas roupas orientais, os braços cruzados sobre o peito, o olhar varrendo a platéia à medida que o palco girava. O jogo de luzes em suas feições severas me convidou a colocar o Capacete de Participação.

Não tive que fechar os olhos para ser envolvido pela essência da poesia de Rojasta. Vi-me imediatamente diante de uma grande procissão das joias mais belas que eu já havia contemplado. Rubis e safiras, diamantes e pérolas desfilavam diante de mim, sua beleza fulgurante ofuscando até mesmo minha apreciação eletro-telepática.

Vistas contra um fundo indistinto de areia e seres marinhos, banhavam as profundezas com reflexos multicores. Então, como a boca de um gigantesco dragão do mar, um enorme buraco se abriu no cenário. E em seu centro brilhava a joia mais

bela de todas.

Era como se eu não estivesse mais no Psicorama. Podia sentir a umidade da água, a solidão das profundezas submarinas, a pressão hidrostática.

Então ocorreu uma transição violenta, fantástica - da umidade para a secura extrema, da solidão sufocante das profundezas do mar para a aridez áspera de um vasto deserto.

A única coisa que não havia mudado era aquela joia incomparável. Mas agora ela também estava se transformando - em uma flor escarlate, com muitas pétalas, da qual se desprendia um perfume penetrante.

Tão hipnótica era a projeção de Rojasta que eu estava participando irresistivelmente do espírito da poesia. E agora estava reconhecendo o trecho:

A Elegia de Gray, naturalmente.

Agora estávamos contemplando a vegetação luxuriosa que orlava um canal marciano. As águas rolavam por sobre uma multidão de...

A poesia foi interrompida abruptamente e as luzes do *Psicorama* se acenderam. Um aparelho de televisão com quatro telas desceu em torno de Rojasta e em cada face imediatamente apareceu o edifício da RESA.

A situação estava voltando ao normal. Os pesquisadores fugiam, perseguidos por raios de laser disparados por canhões localizados no teto do edifício.

As tropas federais haviam chegado. O terraço estava cheio de soldados. Aviões do exército os desembarcavam às dezenas.

A APOP havia sido derrotada.

O Operador havia sido derrotado.

O Mundo Superior havia: falhado em sua última tentativa desesperada de destruir o simulador de Fuller através de métodos convencionais. O Operador não poderia mais manter seu sistema de estímulo e resposta - a associação dos pesquisadores.

E eu sabia o que isso significava.

O mundo inteiro teria que ser desprogramado.

Retirei da cabeça o Capacete de Participação, agora desligado, e fiquei ali sentado, esperando o fim. O simulador seria desligado imediatamente? Ou primeiro o Operador teria que consultar seus superiores, os diretores do empreendimento?

Pelo menos, consolei-me, eu não teria que me preocupar com a possibilidade de ser desprogramado individualmente, ou mesmo ser examinado através de uma ligação empática. Se todos os circuitos iam ser limpos, eu desapareceria juntamente com o meu universo.

Então, justamente quando eu me convencia de que o Operador não estava mais interessado especialmente em mim, a sala do Psicorama começou a girar. Atordoado pelo impacto de uma ligação empática defeituosa, corri para a sala de espera. O mar que rugia em meus ouvidos se transformou em trovão, que gradualmente passou ao que parecia... uma gargalhada!

Encostei-me à parede, consciente de que nesse exato instante o Operador estava colhendo todas as informações de que necessitava diretamente do meu cérebro! E a gargalhada - resultado do acoplamento fora de fase - se tornou como um tambor dentro do meu crânio, sardônica, sádica.

Então tudo cessou e recuperei o controle de mim mesmo. Saí trôpego para a rua -

no exato instante em que um carro aéreo, com o emblema de uma estrela e um crescente em um dos lados, estacionava a alguns passos de mim.

Ali está ele - gritou o motorista uniformizado.

E um mortífero raio laser atingiu a parede do edifício atrás de mim, perfurando o concreto.

Virei-me e entrei de novo na sala de espera.

- Pare, Hall - gritou alguém. - Você está preso pela morte de Fuller!

Seriam ordens de Siskin? Teria Ele resolvido adotar a medida extrema para livrar-se de mim de uma vez por todas? Ou tudo não passaria de mais uma manobra do Operador? Procuraria ele um meio normal de eliminar-me, agora que teria que desprogramar todo o complexo *Simuletrônico*?

Dois raios de laser quase me atingiram antes que eu conseguisse entrar novamente na sala de espetáculos.

Contornei as cadeiras e mergulhei por uma saída lateral, indo sair no estacionamento. Pouco depois estava no meu carro, subindo a toda velocidade em direção ao céu límpido.

Eu não tinha nenhum lugar para ir, exceto a cabana do lago. Era possível que não se lembrassem de me procurar lá durante algum tempo, por se tratar de um esconderijo tão óbvio.

Eu não tinha dúvida, enquanto manobrava o carro por entre os pinheiros e o dirigia para a garagem, de que a polícia tinha ordens de atirar para matar. Se estivessem cumprindo determinações de Siskin, isso seria o mais lógico.

Mas aqui na floresta, eu pelo menos poderia defender-me melhor dos policiais.

Por outro lado, se o Operador estivesse decidido a eliminar-me de qualquer maneira, independentemente de qualquer ação policial, poderia fazer duas coisas:

Primeiro: desprogramar-me subitamente, sem nenhum aviso - neste caso eu nada poderia fazer.

Segundo: enviar seu agente para fazer o trabalho naturalmente dando à minha morte a aparência de suicídio ou acidente.

E era exatamente isso que eu queria: uma oportunidade de conhecer a Unidade de Contato. Aqui na floresta, ela teria que se despir do anonimato. Teria que compartilhar comigo do isolamento da cabana.

Entrei na cabana e apanhei meu rifle de laser mais potente. Ajustei-o para um feixe largo. Não queria matar imediatamente o agente do Operador. Talvez conseguisse arrancar-lhe informações úteis.

Sentei-me perto da janela, em um ponto de onde poderia ver tanto o lago como a clareira, coloquei o rifle sobre os joelhos e esperei.

Todo o meu raciocínio se baseava, naturalmente, na suposição de que, por algum motivo, o *Simuletrônico* da Realidade Superior não estava disposto a desprogramar imediatamente todo o meu universo. O que o impedia de fazer isso, eu não podia imaginar.

Durante horas a fio, a calma lá fora foi perturbada apenas pelo movimento furtivo de animaizinhos através da floresta e pelo bater suave das águas do lago na margem rochosa.

Pouco depois do crepúsculo, fui até à cozinha e abri um pacote de rações. Com medo de acender a luz, sentei-me junto a uma das janelas e comi mecanicamente. Enquanto comia, não conseguia afastar a sensação de incongruência implícita no fato de um ser imaterial precisar de comida imaterial.

Estava quase escuro quando voltei para a sala, fechei a cortina e liguei a televisão para o noticiário da noite. Ajustei o volume para o mínimo possível.

Apareceu na tela a imagem da rua coberta de destroços em frente à Reações S.A. Em seguida, pude ver de perto as tropas federais que guardavam o edifício,

enquanto o locutor deplorava o "sangue e a violência que imperaram neste dia fatídico".

- Entretanto - continuou ele - o traiçoeiro ataque à RESA não é o único acontecimento que nos faz incluir o último empreendimento de Horace. P. Siskin em nosso noticiário. Há mais... muito mais. Intriga e Conspiração. Assassinato e... um fugitivo. Tudo consequência do plano da Associação dos Pesquisadores de Opinião Pública para privar o mundo da bênção que representa o simulador de Horace Siskin.

Minha própria imagem apareceu na tela e foi identificada pelo locutor.

- Este é o homem - disse ele - que está sendo procurado pelo morte de Hannon J. Fuller, antigo diretor-técnico da Reações. Este é o homem em quem Siskin confiava cegamente. Douglas Hall era o responsável pela importante tarefa de aperfeiçoar o simulador depois da morte aparentemente acidental de Fuller. Mas a polícia revelou hoje que Fuller foi na realidade assassinado por Hall, que desejava tomar-lhe o lugar. E quando Hall percebeu que sua manobra estava descoberta, não hesitou em voltar-se traiçoeiramente contra o Estabelecimento Siskin, contra o próprio simulador.

- Porque Douglas Hall foi visto essa manhã, por funcionários de Siskin, quando entrava no quartel-general da APOP para consumir sua traição. Foi ele quem comandou o ataque em massa contra a RESA, felizmente mal sucedido.

Percebi tudo. Siskin havia sido informado de minha visita ao quartel-general dos pesquisadores. Deduzira que eu estava disposto a denunciar sua conspiração com o partido. Assim, não hesitara em despachar a polícia contra mim, com ordens de atirar para matar.

Foi então. que me ocorreu um possível motivo para o Operador não me haver desprogramado ainda: Ele podia ter percebido que Siskin, inadvertidamente e movido apenas por motivos pessoais, estava fazendo o jogo do Operador!

Oh, o Operador podia ajudá-lo um pouquinho. Por exemplo, se os guardas demorassem muito para encontrar-me, ele poderia entrar em ligação empática comigo, descobrir onde me encontrava, e programar a polícia para se lembrar de procurar na cabana.

Ou então podia mandar a Unidade de Contato fazer o serviço. Eu tinha um palpite de que ele não iria simplesmente desprogramar-me, para depois ter que varrer da memória de um monte de unidades ID o fato de que eu existira um dia.

Mas enquanto tentava adivinhar a estratégia do Operador, ocorreu-me que afinal de contas talvez não fosse preciso desprogramar todo o nosso mundo! Talvez o Operador tivesse decidido eliminar as complicações atuais, e depois fazer outra tentativa para destruir o simulador de Fuller.

O noticiário ainda comentava a respeito de minha suposta traição:

- As atividades perniciosas de Hall, entretanto, não terminaram com a morte de Hannon J. Fuller e com o ataque ao simulador pelo menos, é o que diz a polícia.

Apareceu na tela uma fotografia de Collingsworth.

- Porque - disse o locutor, com voz sombria - Ele também está sendo procurado pelo crime mais cruel dos anais da polícia local - a morte de Avery Collingsworth, consultor psicológico da Reações.

Passei quase um minuto sem respirar. O Operador já tinha dado cabo de Avery!

O locutor descreveu a "revoltante brutalidade" do assassinato de Avery.

- A policia - disse, com voz emocionada - considerou o crime como a mutilação mais cruel que já foi cometida. Fragmentos do corpo - dedos, braços, orelhas - foram encontrados espalhados por todo o escritório de Collingsworth. Cada ferida tinha sido cuidadosamente cauterizada para controlar a hemorragia e assim evitar que

ocorresse a morte durante a bárbara tortura.

Desliguei o receptor, horrorizado. Tentei colocar em ordem meus pensamentos, mas não conseguia varrer da mente a imagem de Avery - indefeso, aterrorizado, sabendo que não podia escapar ao que estava acontecendo.

Isto não era serviço de um agente material de uma Unidade de Contato- O responsável era o próprio Operador, usando meios extrafísicos de tortura. Eu podia ver Collingsworth gritando de agonia enquanto um dos seus dedos se desprendia aos poucos, como que cortado por uma faca; e, um raio laser, aparecendo do nada para cauterizar a ferida.

Levantei-me, suando frio. Agora eu tinha certeza de que o Operador era um sádico. Talvez, na Realidade Superior, todo mundo fosse assim.

Voltei para a janela, abri as cortinas para a luz das estrelas e fiquei ali sentado, com o rifle no colo, esperando. Esperando o que? A polícia? A Unidade de Contato?

Ocorreu-me por um instante que talvez o Operador não soubesse onde eu estava. Mas rejeitei essa possibilidade. Provavelmente Ele já estivera em ligação empática comigo desde que eu chegara à cabana. Oh, isso era possível, sim - até mesmo provável. Porque eu agora sabia que só tivera consciência das ligações anteriores porque o Operador assim o desejara - para que ele pudesse saborear minha reação torturada.

Lá fora, milhares de estrelas, entrevistas através da folhagem batida pelo vento, lembravam um enxame de pirilampos. Os grilos cantavam para a noite. A distância, um sapo-martelo respondia de vez em quando com uma nota grave.

A ilusão de realidade era tão completa! Até os menores detalhes tinham sido meticulosamente previstos. E surpreendi-me olhando para o céu semeado de estrelas, tentando enxergar a realidade absoluta através da ilusão universal. Mas eu sabia que o Mundo de Verdade não ficava em nenhuma direção material. Simplesmente não estava no meu universo. Ao mesmo tempo, entretanto, estava em toda a parte, escondido por um véu eletrônico.

Tentei imaginar como se sentira Phil Ashton ao conseguir sair do simulador de Fuller, Meus pensamentos se fixaram na Realidade Superior. Como seria lá? Muito diferente da pseudo-realidade que eu conhecia?

Então, ocorreu-me que a diferença não podia ser muito grande. O mundo de Phil Ashton, mantido pelas correntes no simulador de Fuller, tivera que ser, com efeito, uma réplica do nosso mundo, para que as previsões obtidas no mundo analógico. se aplicassem ao nosso.

Do mesmo modo, meu mundo teria que ser uma imitação da Realidade Superior. Muitas instituições deviam ser semelhantes. Nossa cultura, nossa história e mesmo nosso destino teriam que apresentar muitos pontos em comum.

E o Operador, e todos os habitantes da Realidade Superior teriam que ser seres humanos, pois nós éramos apenas cópias analógicas deles.

A escuridão lá fora foi quebrada por um facho de luz intensa que iluminou as árvores. Então ouvi o ruído de um carro aéreo.

Abri a porta e saí, ocultando-me atrás de uma moita, com o rifle preparado.

O carro desceu. O farol se apagou e o motor parou. A escuridão se tornou novamente impenetrável.

Não era um carro da polícia. E só levava um passageiro. A portei se abriu e o piloto saltou.

Disparei.

A luz vermelha do raio revelou as feições de - Jinx Fuller! No instante seguinte, ela tombou inerte.

Gritando seu nome, pus o rifle de lado e corri para a clareira, dando graças a Deus por não haver ajustado a arma para a intensidade máxima.

Muito depois da meia-noite eu ainda estava passeando pela cabana, esperando que ela voltasse a si. Sabia que ela ficaria inconsciente durante algum tempo, pois a cabeça também fôra atingida pelo raio. Entretanto, os efeitos posteriores seriam pequenos, graças ao curto tempo de exposição.

Várias vezes durante a madrugada tateei no escuro para colocar toalha molhadas na testa de Jinx. Mas já começava a clarear quando ela gemeu e levou a mão à cabeça.

Jinx abriu os olhos e sorriu.

- Que aconteceu?

- Atirei em você, Jinx - disse eu, contrito. - Não foi de propósito. Pensei que você fosse a Uni... a polícia.

Consegui emendar a tempo. Não queria complicar ainda mais as coisas lembrando-lhe conhecimentos proibidos.

Ela tentou sentar-se. Ajudei-a.

- Eu... eu soube que você estava em dificuldades disse ela. - Tinha que vir.

- Não devia! Aqui você corre perigo. Precisa ir-se embora o quanto antes!

Jinx tentou levantar-se, apenas para cair de novo no sofá. Ela não poderia ir a lugar nenhum durante algum tempo.

- Não, Doug. - insistiu. - Quero ficar aqui com você. Vim para cá assim que soube.

Com a minha ajuda ela conseguiu finalmente pôr-se de pé e encostou-se a mim, chorando. Abracei-a como se ela fosse a única coisa real neste mundo de ilusão. E lutei contra uma sensação de extrema frustração. Durante toda a minha vida eu havia esperado por alguém como Jinx. Agora, entretanto, ela não representava mais nada. Porque não havia realidade além de correntes em circuitos *simuletrônicos*.

Ela recuou e olhou para mim com compaixão. Aproximou-se novamente e comprimiu os lábios contra os meus, quase com desespero. Era como se ela soubesse, também, a sorte que nos esperava.

Enquanto eu a beijava, pensava na ironia do destino.

Se ao menos o Operador tivesse conseguido destruir o simulador de Fuller! Se ao menos eu ainda estivesse na Reações, onde poderia fazer o serviço pessoalmente! Se ao menos o *Simuletrônico* da Realidade Superior me tivesse reorientado como reorientara Jinx!

- Vamos ficar juntos, Doug - suspirou ela. - Nunca mais sairei de perto de você, querido.

- Mas não pode ser, Jinx! - protestei.

Ela não percebia que era impossível? Depois das acusações da polícia, eu não tinha mais saída.

Então percebi que estava novamente diante de duas alternativas igualmente

prováveis. Ou o amor de Jinx por mim era tão forte, que ela estava disposta a correr qualquer risco para permanecer a meu lado, ou simplesmente não conhecia as acusações que pesavam contra mim. Certamente ela ainda não tinha ouvido falar da morte de Collingsworth ou não teria vindo.

- Você sabe que eu sou procurado pela morte do seu pai, não sabe?

- Não foi você, querido.

- E Avery Collingsworth?

Ela hesitou.

- Não foi... não pode ter sido você.

Parecia que ela estava falando objetivamente, com pleno conhecimento de causa. Então Jinx gostava de mim tanto assim! Ainda bem que eles a haviam reorientado. Assim não precisava compartilhar de minhas outras preocupações.

Ela me segurou pela mão e voltou-se para a porta. - Vamos tentar fugir, Doug! Encontraremos algum esconderijo!

Vendo que eu não me movia, largou minha mão.

- Tem razão - disse, desanimada. Não adianta fugir. Eles nos encontrariam.

Ela não sabia como estava certa. E fiquei satisfeito por não conhecer o verdadeiro sentido da palavra "Eles".

Ouvi um ruído lá fora e agarrei o rifle. Fui à janela, afastei as cortinas, mas vi apenas um antílope atravessar a clareira.

O animal levantou a cabeça e olhou para a cabana.

Aliviado, larguei a cortina. Então um temor súbito me assaltou, quando me lembrei de que era raro aparecerem antílopes na região nesta época do ano. Voltei para a janela. O animal se aproximou do carro de Jinx, parou a poucos metros e ficou olhando para a porta aberta.

Segurei o rifle com mais força. O antílope podia ser apenas Um "boneco" *Simuletrônico*, destinado apenas a compor o cenário, completar a aparência de realidade. Entretanto, poderia também constituir uma representação tão válida quanto uma unidade ID.

Se esta última hipótese fosse verdadeira, não seria impossível programar um antílope para passear por uma clareira diante de uma cabana, permitindo assim que o Operador observasse, através de uma ligação empática, tudo que estava ocorrendo em torno!

O animal olhou novamente para a cabana, as orelhas em pé.

- Que foi? - perguntou Jinx,

- Nada - disse eu, escondendo minha ansiedade. - Se você se sente bem, podia preparar-nos uma xícara de café.

Esperei que ela entrasse na cozinha. Então abri ligeiramente a janela, o suficiente para acomodar o intensificador linear da arma. Aumentei um pouco a intensidade do raio.

O antílope se encaminhou para a garagem.

Apertei o gatilho durante uns dez segundos, concentrando-me na cabeça do animal até que ele ficasse imóvel.

Ouvindo o sibilar da descarga, Jinx apareceu na porta da cozinha.

- Doug! Não é...

- Não. Apenas um antílope. Dormirá durante algumas horas. Estava rondando o seu carro.

Bebemos o café em silêncio, na cozinha. O rosto de Jinx, sem pintura, refletia preocupação. Uma mecha de cabelo cobria um dos olhos. Mas estava mais bela do

que nunca. Porque com a ausência de cosméticos sua juventude se revelava em todo o seu encanto, desprestenciosa, maravilhosa.

Ela olhou para o relógio, pela segunda vez nos últimos minutos, e estendeu a mão para segurar a minha. - Que vamos fazer, querido?

Menti com seriedade.

- Vamos permanecer escondidos durante um dia ou dois. Então tudo se esclarecerá - continuei improvisando. - Você compreende, Whitney pode provar que não matei Collingsworth. Talvez ele esteja sendo interrogado agora.

Ela não pareceu aliviada. Apenas olhou novamente para o relógio.

- É por isso que você vai apanhar o carro e voltar para a cidade assim que se sentir refeita - continuei. - Se você continuar desaparecida, será pior para mim. Talvez até pensem em procurar aqui.

Mas Jinx contestou, teimosamente: - Quero ficar com você.

Percebendo que não adiantava discutir com ela no momento, confiei em minha habilidade para convencê-la mais tarde.

- Fique de vigia. Vou barbear-me enquanto ainda posso.

Quando terminei, dez minutos mais tarde, voltei para a sala e encontrei a porta da frente aberta. Jinx estava lá fora, examinando o antílope sem sentidos. Ela olhou para a cabana e continuou seu passeio pela clareira.

Vi quando desapareceu na floresta, caminhando com os movimentos graciosos de uma ninfa. Embora estivesse decidido a fazê-la partir logo que possível, estava muito satisfeito por ela ter vindo.

Então uma idéia súbita explodiu no meu cérebro: Como Jinx havia descoberto que eu estava na cabana? Eu nunca lhe falara sobre este lugar.

Agarrei o rifle e saí atrás dela. Atravessei a clareira e mergulhei na floresta. Parei entre os pinheiros gigantescos, atento ao som de passos nas agulhas que cobriam o solo, para descobrir que direção ela havia tomado.

Finalmente, ouvi o que estava esperando e corri naquela direção. Emergi em uma pequena clareira - cara a cara com um assustado antílope.

Além, muito além, vi Jinx banhada por um raio oblíquo do sol da manhã. Mas um pressentimento me fez olhar novamente para o antílope. Embora assustado, Ele não havia fugido.

Nesse instante, a sensação de uma ligação empática defeituosa se abateu sobre meus sentidos. Atordado pelo impacto, deixei cair o rifle.

Em minha confusão interior, julguei novamente ouvir uma gargalhada sarcástica através de ligação *Simuletrônica* que agora unia minha mente à do Operador.

Recuando, o antílope bateu com os cascos no chão, abaixou a cabeça e atacou.

Lutando contra a vertigem, consegui esquivar-me parcialmente.

Um dos chifres rasgou minha camisa e meu braço como um raio de laser. Em meu cérebro, a gargalhada do Operador se tornou ainda mais histérica.

O antílope investiu de novo e tentei escapar dos cascos afiados. Quase consegui. Mas todo o peso do animal me atingiu no ombro, derrubando-me no chão.

Quando me levantei, entretanto, já estava com o rifle na mão. Derrubei o antílope quando ele se preparava para atacar-me de novo. E quase no mesmo instante eu me vi livre da ligação empática.

Mais à frente, Jinx ainda estava parada, ignorando o que havia acontecido.
Mas enquanto eu a observava, ela olhou para cima ansiosamente e desapareceu.

15

Fiquei parado ali na clareira durante uma eternidade, o antílope desacordado a meus pés, meus olhos fixos no ponto onde Jinx desaparecera.

Agora eu sabia que ela era a Unidade de Contato.

Eu havia interpretado mal suas ações. Pensara que ela havia descoberto, através das notas de Fuller, a natureza da "descoberta fundamental", mas tentara esconder de mim a verdade para que eu não fosse desprogramado.

Quando ela desaparecera de casa, eu havia imaginado que ela fôra temporariamente desligada, para que o conhecimento proibido fosse retirado de sua -memória. Mais tarde, eu me havia convencido de que a ignorância do segredo havia permitido que o amor de Jinx por mim se manifestasse em toda a sua expressão.

Mas não era nada disso.

Ela se havia comportado estranhamente, antes do primeiro desaparecimento, porque ela e o Operador estavam preocupados. Preocupados com o que eu sabia a respeito da morte de Fuller.

Então, Collingsworth, programado para dissuadir-me de minhas convicções proibidas, conseguira convencer-me de que eu estava sofrendo de uma coisa chamada "Pseudo-paranoia". E essa idéia ocupava minha mente na noite em que fui ao restaurante com Jinx e sofri uma ligação empática.

O Operador então chegou à conclusão de que eu não oferecia mais perigo. E Jinx, como Unidade de Contato, começou a fingir que estava apaixonada por mim, para me afastar ainda mais de minhas suspeitas.

Esta situação havia durado até a véspera, quando o Operador havia descoberto através de Collingsworth que tanto eu como Avery não acreditávamos na realidade de nosso mundo. E Jinx tinha vindo aqui com apenas um propósito: vigiar-me até que Eles conseguissem arranjar uma morte "natural" para mim. Talvez ela pretendesse "matar-me" pessoalmente!

Finalmente tomei consciência do sangue quente que pingava do meu braço. Rasguei a manga da camisa e enrolei-a firmemente no antebraço ferido. Então me encaminhei de volta para a cabana.

Eu ainda não havia explicado todas as incongruências.

Por exemplo: como é que Jinx podia desaparecer? Nenhuma das unidades ID do simulador de Fuller, nem mesmo a Unidade de Contato, podia fazer isso, a menos

que... Naturalmente! Quando eu me retirava depois de uma projeção no *Simulacron-3* em um circuito de observação direta, eu fazia exatamente isso!

Jinx, então, não era nem uma Unidade de Contato nem uma entidade subjetiva. Ela era a projeção de um ser da Realidade Superior!

Mas havia outras incongruências. Por que eu não havia sido simplesmente reorientado, como as outras unidades ID, para acreditar que Lynch nunca existira?

Além disso, o Operador certamente teria entrado várias vezes em ligação empática com Collingsworth para programá-lo para a campanha de destruição do simulador. Por que, então, ele não havia percebido antes, através de Avery, que minhas convicções a respeito da verdadeira natureza de nosso mundo não haviam mudado?

Um ruído estranho me despertou de meus pensamentos.

Olhei para cima, espantado. Um enorme pinheiro estava caindo na minha direção!

Corri desesperadamente, mas os galhos superiores me atingiram. Fui arremessado contra outro tronco.

Levantei-me tonto de dor, apalpando o rasgão que um dos galhos havia aberto na minha face. Então comecei a sentir novamente os efeitos de uma ligação empática defeituosa.

Corri para a cabana, lutando contra a sensação de vertigem. Cheguei à orla da clareira, a cabeça latejando, a visão nublada. E recuei de um salto.

Um enorme urso estava farejando o carro de Jinx. Percebeu minha presença e voltou-se para mim. Mas desta vez eu estava preparado. Matei-o com o rifle de laser.

Isto deve ter privado o Operador de mais um momento de prazer sádico. Porque, quando o urso caiu, os laços da ligação empática se desfizeram.

Mas agora era claro que eu tinha que sair da floresta o quanto antes. Ali havia muitos elementos naturais que podiam ser manipulados contra mim. Era melhor tentar chegar à cidade, onde o Operador não teria tanta liberdade para programar o ambiente simulado contra mim.

Chegando à cabana, não perdi tempo em tratar do braço e aplicar uma pomada no corte que se estendia desde a testa até o queixo.

Através da névoa do medo e desespero, entretanto, eu ainda conseguia pensar em Jinx. Teria existido realmente uma Jinx Fuller em meu mundo? Ou ela não passara de uma projeção?

Vesti o casaco, pensando na ironia de me haver apaixonado por ela. Eu, apenas uma ilusão; ela, um ser real, tangível. Podia imaginar sua gargalhada, juntando-se alegremente à do Operador.

Subitamente hesitante, parei na soleira da porta. Voltar para a cidade? Onde a polícia de Siskin tenha ordens para matar-me? Onde, mesmo que eu conseguisse despistá-los, disporiam de um aliado sádico pronto a programá-los na direção certa?

Vi um movimento com o canto do olho e abaixei-me instintivamente, enquanto uma criatura alada passava sobre minha cabeça.

Mas o corvo não tentara me atingir. Intrigado, voltei-me e vi-o voar diretamente para a cozinha. A curiosidade venceu o medo e entrei novamente na cabana. O pássaro havia pousado e estava bicando a fechadura da porta da casa de força.

Lembrei-me dos fios descobertos que havia no interior.

Por um horrível momento de indecisão, foi como se meus pés estivessem presos ao chão da cabana.

Então saí correndo para fora da cabana, atravessando metade da clareira antes de arregar-me ao solo. A cabana foi pelos ares com estrondo, levando a garagem consigo e espalhando destroços por toda a clareira.

Felizmente, as pedras e pedaços de madeira arremessados pela explosão não atingiram nem a mim nem ao carro de Jinx, que estava no centro da clareira.

Enquanto examinava o que restara de minha cabana, convenci-me finalmente de que não tinha outra saída senão rumar para a cidade.

A mil metros de altura o motor principal parou. Passei para o motor de emergência e as turbinas giraram novamente. Mas a máquina tossia espasmodicamente e o carro começou a perder altura.

Lutei contra os controles. Finalmente, consegui dirigir o aparelho para o lago, esperando que ainda restasse energia suficiente para amortecer o impacto.

Neste instante senti novamente a presença do Operador. A tortura da ligação empática, entretanto, desta vez foi menor. Talvez a situação desesperadora em que eu me encontrava já constituísse para ele um prazer suficiente.

De repente um forte vento turvou a superfície do lago e o ângulo de minha queda se tornou mais agudo. Eu ia me despedaçar contra as árvores antes de conseguir atingir a margem do lago!

Mas um surto inesperado de energia fez com que o aparelho passasse raspando pela copa das árvores e nivelasse a alguns metros da superfície da água.

Com as mãos brancas por haver segurado os controles com tanta força, fiquei ali sentado, tremendo e suando, enquanto o veículo se projetava novamente para o céu.

Podia sentir a reação do Operador. E sabia, pela intensidade de sua resposta emocional que ele não me deixaria escapar tão facilmente. Controlando-me, preparei-me para o próximo ataque, enquanto o carro, ainda ganhando altitude, dirigia-se para a cidade.

Lembrei-me de que no simulador de Fuller era possível, modificando alguns circuitos, conseguir uma ligação empática recíproca. Este método podia ser usado, por exemplo, quando quiséssemos entrar em contato com Phil Ashton sem recorrermos a uma projeção direta.

Assim, tentei alcançar o Operador através dos laços empáticos, mesmo sabendo que ele perceberia imediatamente minha intenção. Mas não consegui nada. Tratava-se de uma ligação unilateral. Entretanto, eu quase podia sentir sua presença. E recebi uma impressão vívida de maldade, de sadismo.

Então franzi a testa, perplexo. Tinha a impressão de que o laço que nos unia era algo mais que simples empatia. Parecia haver uma certa semelhança entre nós. Física? De caráter? Ou apenas o reflexo de circunstâncias análogas dois *simuletrônicos*, cada um em seu mundo?

Sem outra interferência por parte do Operador, nivelei a dois mil metros. Então voltei para baixo o nariz do aparelho e mergulhei em direção à cidade. Os edifícios de concreto se estendiam lá em baixo, a apenas alguns quilômetros de distância.

Conseguiria chegar? Então afundei desanimado no assento. Adiantaria chegar à cidade? Lá na floresta, sozinho com o Operador, e sua natureza hostil, eu corria sério perigo. Na cidade, Ele não poderia programar nenhum animal para me atacar. E as coisas inanimadas? Uma calçada de alta velocidade defeituosa? Um carro aéreo fora de controle?

Vi com surpresa quando uma pequena nuvem cinzenta apareceu no horizonte. Começou a crescer assustadoramente. Tentei desviar-me, mas era tarde.

Eu estava cercado por um bando de... pássaros de asas vermelhas? A dois mil metros? Eles se chocaram contra o carro, estilhaçando a nacele. Foram sugados às dezenas pelas entradas de ar. As turbinas engasgaram, entupidos pela massa sólida. O motor tossiu, parou e voltou a funcionar - apenas para repetir o ciclo terrível.

Enquanto o carro caía, senti novamente os efeitos de uma ligação empática. E mais uma vez senti-me surpreso ante a impressão de que a pessoa que observava impassível minha aflição apresentava uma semelhança incompreensível comigo.

As turbinas entupidas lutando valentemente para deterem a queda, começaram a vibrar. Em certo momento, pareceu-me que o veículo ia desintegrar-se. Então a nacele se desfez em mil pedaços. Olhei para baixo, para ver a que distância eu estava do solo. E percebi que, por uma ironia do destino, estava caindo quase diretamente para o edifício que era a sede da Reações S. A.

Agora eu estava tão baixo que podia ver as tropas na rua. E imaginei se o Operador, em um brilhante golpe de estratégia, não faria com que o meu carro se espatifasse de encontro ao prédio, livrando-o ao mesmo tempo de mim e da máquina de Fuller.

Se este era o seu plano, entretanto, ele se esquecera da rede de emergência que protegia a cidade. Porque no momento em que eu me aproximava do edifício, três raios amarelos se destacaram do solo, convergindo para a nave indefesa.

Os raios detiveram meu carro quase instantaneamente

Em seguida, movendo-se em perfeita coordenação, conduziram-no para a estação de emergência mais próxima.

Mas o Operador ainda não estava satisfeito. O motor do meu carro explodiu em chamas. A cabina parecia um inferno. Eu não tinha mais escolha. Pulei do carro, ainda a algumas dezenas de metros acima do solo.

Nesse instante o Operador interrompeu a ligação empática. Caso contrário, poderia facilmente fazer com que eu perdesse o feixe de sustentação. Mas consegui manter-me em segurança no cone brilhante até descer ao solo, vários segundos antes do carro.

Não perdi tempo. A polícia e os bombeiros já se aproximavam. Atravessei a calçada estática e corri para a calçada rolante mais próxima. Um instante depois, afastava-me da calçada de alta velocidade.

Depois de viajar dois quarteirões, passei para a calçada estática e entrei no hotel mais próximo.

No saguão, um jornal automático relatava os acontecimentos do dia em uma voz impessoal:

"- Siskin Promete uma Demonstração Pública do Simulacron-3 para Amanhã de Manhã! A Máquina que resolverá o problema das Relações Humanas!"

Mas a estratégia de Siskin não me interessava nem um pouquinho. Dirigi-me para o fundo do saguão e descobri um par de cadeiras meio encobertas por um grande vaso de plantas. Fraco e exausto, afundei em uma delas.

- Doug! Doug! Acorde!

Eu devia ter cochilado. Mas recuperei rapidamente a consciência, sentindo imediatamente um estranho torpor nas pernas. Então abri os olhos e vi Jinx sentada

ao meu lado. Retesei o corpo e ela me segurou pelo braço.

Levantei-me de um salto e tentei correr. Mas minhas pernas se embaralharam e eu quase caí. Parei, trêmulo, tentando fazer com que minhas pernas me obedecessem.

Ela se levantou e empurrou-me de volta para a cadeira.

Olhei espantado para minhas pernas.

- Sim, Doug - disse ela. - Atirei nas suas pernas... para que você não pudesse fugir de mim.

Agora eu podia ver o vulto de uma pequena pistola de laser na bolsa dela.

- Já sei de tudo! - bradei. - Você não é como nós! Nem mesmo uma unidade ID!

O rosto dela não refletiu surpresa, apenas aborrecimento.

Tem razão - disse, lentamente. - E agora sei que você sabe. Mas não sabia há uma hora atrás, quando estávamos na cabana. Foi por isso que me retirei. Eu tinha que verificar o que você já havia descoberto sozinho - ou o que ele havia deixado você descobrir.

- Ele? Quem?

- O Operador.

- Então existe um Operador, hein? Então o meu mundo é um mundo *Simuletrônico*?

Ela não disse nada.

- E você é apenas... uma projeção? - perguntei.

- Apenas uma projeção. - E sentou-se novamente na cadeira.

Acho que teria ficado menos desapontado se ela negasse. Entretanto, ela ficou ali sentada, com ar preocupado, sem dizer mais nada, dando-me tempo para acostumar-me à idéia de que eu era uma unidade subjetiva. Enquanto ela era um ser real, material, que eu conseguia perceber apenas através de uma engenhosa projeção.

Ela se inclinou para mim.

- Mas você está errado, Doug! Não estou tentando enganá-lo. Quero apenas ajudar!

Levei a mão ao rosto ferido, olhei para minhas pernas paralisadas. Mas ela não interpretou o meu gesto como eu pretendia. Em vez disso, falou:

- Quando me retirei esta manhã, foi para entrar em ligação empática com você .. Eu tinha que saber até que ponto você suspeitava da realidade. Assim saberia como começar o que eu tenho a lhe dizer.

Ela me tocou o braço e encolhi-me instintivamente.

- Você está completamente enganado a meu respeito continuou, em tom defensivo. - A princípio fiquei desesperada quando vi que você estava investigando um fato proibido.

- Proibido a todas as unidades ID?

- Sim. Fiz o possível para dissuadi-lo. Naturalmente, destruí as notas do Dr. Fuller - fisicamente. Mas isto foi um erro. Serviu apenas para aumentar as suspeitas. Deveríamos ter apagado as provas através de reprogramação Simuletrônica Mas naquela época estávamos muito ocupados manipulando os pesquisadores para deflagrarem aquela greve.

Ela percorreu o saguão com os olhos.

- Cheguei a programar um pesquisador para assustá-lo.

- E Collingsworth? Você o usou para afastar minhas suspeitas?

- Não. O Operador foi o responsável por esta tática. Ela queria me convencer de que nada tivera a ver com o cruel assassinato de Avery?

- Oh, Doug! Fiz tudo para que você deixasse de pensar na morte de Fuller, em Lynch, em tudo isso. Mas naquela noite em que você me levou para jantar no restaurante eu já estava desanimada.

- Mas eu lhe disse que estava convencido de que tudo fôra uma alucinação!

- Sim, eu sei. Só que não acreditei em você. Achei que estava tentando enganar-me. Mas quando voltei para o meu mundo naquela noite, o Operador me disse que tinha acabado de examinar você. Disse que você estava finalmente convencido de que sofria de Pseudo-paranoia e que poderíamos concentrar-nos na destruição do simulador de Fuller.

No dia seguinte, quando conversamos no videofone, eu soube que você tinha entrado em minha casa depois de minha partida. Mas arranjei uma explicação e você aparentemente ficou satisfeito. Pelo menos não demonstrou nenhuma desconfiança.

- Então você fingiu que gostava de mim, apenas para manter-me distraído.

Ela olhou para as mãos.

- Você tem todo o direito de pensar assim. Mas não é verdade.

Ela pensou por um momento, e depois prosseguiu:

- Então, quando todos se voltaram contra você, percebi que as coisas estavam correndo mal. Meu primeiro impulso foi correr para onde você estava. Mas, quando cheguei lá, percebi que havia cometido um erro. Eu não havia pensado que seria tão difícil explicar-lhe tudo, sem saber de quanto você já suspeitava, o que pensava de mim.

- Assim, retirei-me na primeira oportunidade e entrei em ligação empática com você. Oh, não foi fácil. Doug. O Operador tem estado em contato quase constante com você. Tive que usar um circuito paralelo. Liguei-o com o máximo de cuidado, para que ele não percebesse o que eu estava fazendo.

- Mas assim que completei a ligação, percebi tudo. Eu nem sonhava... oh, Doug, Ele é tão malvado, tão sádico!

- O Operador?

Ela baixou a cabeça, como se estivesse embaraçada.

- Eu sabia que ele andava estranho. Mas não sabia que tinha chegado a esse ponto. Não sabia que, a maior parte do tempo, estava apenas brincando com você e divertindo-se com isso.

Ela olhou novamente para o saguão.

- Que está procurando? - perguntei bruscamente.

- A polícia. Talvez Ele a tenha programado para saber que você está de volta à cidade.

Então percebi tudo. Agora eu sabia por que ela estava ali sentada, conversando comigo.

Tentei agarrar-lhe a bolsa, mas Jinx se levantou de um salto.

Levantei-me também, com esforço.

- Não, Doug! Você não compreende!

- Compreendo, sim! - Amaldiçoei minhas pernas, que mal podiam sustentar o peso do corpo.

- Você está apenas procurando ganhar tempo até que o Operador possa trazer a

polícia aqui!

Não! Não é verdade! Você tem que acreditar em mim!

Consegui encurralá-la em um canto e tentei arrancar-lhe a bolsa

Mas ela sacou a pistola de laser e me atingiu nos braços e no peito. Estreitou o feixe e apontou para minha garganta. Depois diminuiu a intensidade e encostou a arma na minha cabeça.

Não pude fazer mais nada. Fiquei de pé, cambaleando como um bêbedo, os olhos semicerrados, a cabeça girando.

Ela guardou a arma, segurou meu braço bom e colocou-o em torno do seu ombro. Segurou-me pela cintura e arrastou-me para o elevador.

Um casal idoso cruzou conosco e o homem sorriu para Jinx, enquanto a mulher nos lançava um olhar de desaprovação

Jinx devolveu o sorriso e disse; - Oh, essas convenções!

Quando chegamos ao décimo quinto andar, ela me carregou com esforço para a primeira porta à esquerda. A porta respondeu a sua bio-capacitância e entramos.

- Tomei este quarto antes de acordar você no saguão explicou-me. - Sabia que não ia ser fácil.

Ela me colocou na cama e ficou olhando para mim. E imaginei que emoção se esconderia atrás da expressão impassível do seu rosto perfeito. Triunfo? Piedade? Incerteza?

Ela tirou a pistola da bolsa e apontou-a novamente para a minha cabeça.

- Não precisamos nos preocupar com o Operador por enquanto. Graças a Deus que de vez em quando ele também precisa descansar. E você também precisa...

E apertou o gatilho com mão firme.

16

Quando acordei, já havia anoitecido. Fiquei quieto, para que ela não soubesse que eu havia recuperado a consciência. Experimentei cautelosamente um braço, depois uma perna. Não senti dor alguma. Pelo menos eu não recebera uma descarga muito forte.

Percebi um movimento na cadeira ao lado da cama. Se eu pudesse virar a cabeça naquela direção sem ser pressentido, talvez descobrisse onde se encontrava a pistola de laser.

Neste momento, entretanto, ocorreu-me que eu estivera inconsciente durante pelo menos dez horas. E nada havia acontecido. A polícia não aparecera. O Operador não me havia desprogramado. E, o que era mais importante, Jinx não me havia submetido a uma descarga mortífera, coisa que seria fácil de fazer na reclusão daquele quarto de hotel.

- Você está acordado, não está? - As suas palavras soaram nítidas da escuridão do quarto.

Sentei-me na cama.

Ela se levantou, levou a mão ao interruptor e as luzes se acenderam. Ajustou a lâmpada para um brilho confortável e aproximou-se da cama.

- Sente-se melhor agora?

Não disse nada.

- Eu sei que você deve estar confuso e assustado ela se sentou a meu lado. - Eu também estou. É por isso que não podemos lutar um contra o outro.

Percorri o quarto com o olhar.

- A pistola de laser está aqui. - Ela indicou o braço da cadeira. Então, como para demonstrar sua sinceridade, apanhou-a e estendeu-a para mim.

Agora, que eu estava mais calmo, sentia-me disposto a acreditar nela. Mas me sentiria melhor de posse da arma. Aceitei a oferta.

Ela foi até à janela e olhou para as luzes da cidade. - Ele não o incomodará até de manhã.

Pus-me de pé e experimentei as pernas. Estavam perfeitas.

A descarga de laser não deixara nenhum efeito residual, nem mesmo a dor de cabeça que costuma sobrevir.

Ela se voltou para mim.

- Está com fome?

Fiz que sim.

Jinx se dirigiu para a despensa automática e apertou um botão. Depois apanhou

uma unidade de aquecimento e colocou-a sobre a cadeira ao lado da cama.

Comi um pouco, e depois disse:

- Você quer que eu acredite que está tentando ajudar-me.

Ela fechou os olhos, desanimada.

- Sim. Mas na realidade pouco posso fazer.

- Quem é você?

- Jinx, Não, não Jinx Fuller. Outra Jinx. Não tem importância.

- Que aconteceu a Jinx Fuller?

- Ela nunca existiu. Pelo menos até algumas semanas atrás. - Mal continuou antes que eu pudesse protestar. Claro... você a conhece há anos. Mas este conhecimento foi gravado na sua memória. Você compreende, duas coisas ocorreram ao mesmo tempo. O Dr. Fuller descobriu a verdadeira natureza deste mundo, e nós percebemos que o simulador era uma complicação que devia ser eliminada a todo custo. Assim, nós resolvemos colocar um agente aqui para acompanhar de perto os acontecimentos.

- Nós? Nós quem?

- Os engenheiros *simuletrônicos*. Fui escolhida para a missão. Através de retro-programação, criamos a ilusão de que Fuller tinha uma filha.

- Mas eu me lembro dela desde criança!

- Todos - todos os ID que nos interessavam - se lembram dela desde criança. Era o único meio de justificar minha presença.

Continuei a comer. Ela olhou pela janela.

- Faltam algumas horas para o amanhecer. Por enquanto você está a salvo.

- Por que?

- O Operador não pode trabalhar vinte e quatro horas por dia. este mundo funciona em tempo real em relação ao meu.

Por mais que eu pensasse, só encontrava dois motivos para a presença de Jinx: ou ela estava aqui para ajudar o Operador a destruir o simulador, ou para eliminar-me. Porque eu podia imaginar-me em uma situação semelhante projetado no mundo artificial do *Simulacron-3*. Chegando lá, considerar-me-ia como uma projeção de um ser real, em contraste com as unidades puramente analógicas em torno de mim. Seria impossível para mim interessar-me pelos problemas insignificantes das unidades ID.

- Para que você está aqui? - perguntei com franqueza.

- Par estar com você, querido.

Querido? Será que ela me considerava tão tolo assim? Como eu podia acreditar que uma pessoa de verdade estivesse apaixonada por uma unidade subjetiva - uma sombra Simuletrônica?

Distraída com seus próprios pensamentos, Jinx levou a mão à boca.

- Oh, Doug... você não sabe como o Operador é mau!

- Sei, sim - disse, como um traço de amargura na voz.

- Não percebi o que ele estava fazendo até ontem, quando entrei em ligação empática com você. Você compreende, ele tem autoridade absoluta sobre o simulador, sobre este mundo. Ele é como um deus para vocês, suponho. Pelo menos, começou a considerar-se assim.

Ela fez uma pausa e olhou para o teto.

- Acho que ele estava sendo sincero no início, quando tentou destruir o simulador de Fuller. Tinha que ser assim, porque se a máquina de Fuller desse certo, não haveria mais lugar para nosso sistema de colheita de dados - os pesquisadores. Ele também estava sendo sincero, acho eu, quando procurou desfazer-se de todas as unidades que comesçassem a suspeitar de que seu mundo era apenas uma ilusão.

- Quando você apareceu em cena, ele tentou matá-lo - rapidamente, clinicamente. Mas algo aconteceu. Acho que Ele percebeu que sentia prazer em torturar você. E de repente perdeu a vontade de matá-lo - pelo menos, imediatamente.

Interrompi-a, pensativo.

- Collingsworth disse que podia compreender que os *simuletrônicos* se considerassem deuses.

Ela olhou para mim.

- E lembre-se de que Collingsworth foi programado pelo Operador para dizer exatamente isso.

Comi mais um pouco e pus o prato de lado.

- Foi apenas ontem - prosseguiu ela - que percebi que ele poderia ter resolvido o problema simplesmente reorientando você. Mas não. Ele se divertia muito deixando você se aproximar do segredo de Fuller, ao mesmo tempo que lhe reservava uma sorte como a de Collingsworth.

Estremeci.

- Você acha que Ele vai mutilar-me...

- Não sei. Não posso prever o que vai fazer. É por isso que preciso ficar aqui com você.

- Mas o que é que você pode fazer?

Ela me abraçou com força. Então, só porque alguém da Realidade Superior resolvera torturar-me, ela esperava que eu acreditasse na sua compaixão? Bem, havia um meio fácil de tirar-lhe a ilusão.

- Jinx, você é... uma pessoa de verdade. Eu sou apenas um amontoado de correntes *simuletrônicas*. Você não pode estar apaixonada por mim!

Ela recuou, aparentemente magoada.

- Oh, mas estou, Doug! É tão difícil de explicar!

Jinx sentou-se na beira da cama e me olhou indecisa. Agora estava difícil levar adiante a farsa.

Levei a mão ao bolso e apalpei a pistola de laser. Ajustei-a para a intensidade mínima. Então, tirei-a do bolso e apontei-a para Jinx.

Ela arregalou os olhos e fez menção de levantar-se. - Não, Doug... não!

Atingi-a apenas de leve. na cabeça, e ela caiu desmaiada na cama. Ficaria inconsciente durante pelo menos uma hora.

Durante êsse tempo eu estaria livre para raciocinar. E quase imediatamente vi o que tinha a fazer.

Enquanto considerava o plano, tomei um banho e fiz a barba. Dirigi-me para o guarda-roupa, ajustei os controles para o meu tamanho, e esperei que a camisa limpa aparecesse.

Consultei o relógio. Já passava muito de meia-noite.

Aproximei-me da cama. Coloquei a: pistola: de laser no travesseiro e ajoelhei-me ao lado de Jinx.

Tateei com a mão por entre seus cabelos negros e macios, até encontrar a sutura sagital. Então continuei a busca até localizar a pequena depressão que buscava.

Mantendo um dedo sobre o local, ajustei a pistola para o foco necessário e coloquei o intensificador da arma exatamente sobre o local onde estivera meu dedo. Apertei o gatilho por um breve instante, depois repeti a operação para confirmar.

Ocorreu-me momentaneamente que o que eu estava fazendo era uma incongruência, uma unidade subjetiva atingindo fisicamente uma projeção intangível. Mas a ilusão de realidade era, tinha que ser, tão completa que todos os agentes pseudofísicos eram traduzidos automaticamente em efeitos *simuletrônicos* análogos. As projeções não escapavam à regra geral.

Recuei. Agora não poderia enganar-me! Depois de atingir-lhe o centro volitivo, eu poderia acreditar em tudo que ela dissesse, pelo menos nas próximas horas.

Curvei-me sobre ela.

- Jinx, você está me ouvindo?

Ela fez que sim com a cabeça, sem abrir os olhos.

- Você não vai se retirar - ordenei-lhe. - Compreende? Você não vai se retirar enquanto eu não mandar!

Ela concordou novamente.

Quinze minutos depois, ela começou a voltar a si. Sentou-se na cama, ainda tonta depois do tratamento a que eu a submetera. Seus olhos, embora distantes, estavam firmes.

Levante-se - disse eu.

E ela se pôs de pé. - Sente-se.

Ela se sentou obedientemente.

Era claro que eu havia atingido em cheio o seu centro volitivo.

Disparei a primeira pergunta:

- Que há de verdade em tudo que você me contou?

Os olhos de Jinx permaneceram fixos. Sua expressão era imperturbável.

- Tudo.

Quase dei um pulo. Voltávamos à estaca zero. Mas ela não podia estar falando a verdade!

Pensando na primeira vez em que eu a vira, perguntei:

- Lembra-se do desenho de Aquiles e a tartaruga?

- Sim.

- Mas você negou a existência deste desenho!

Ela permaneceu calada. Então, lembrei-me de que não havia feito nenhuma pergunta.

- Você não negou a existência deste desenho?

- Sim.

- Por que?

- Porque eu queria evitar que você descobrisse a verdade.

- Para fazer a vontade do Operador?

- Apenas em parte.

- Qual o outro motivo?

- Eu estava apaixonada por você e não queria que você corresse perigo.

Fiquei novamente espantado. Eu sabia que era tão impossível Jinx se apaixonar

por mim como eu próprio me ver envolvido emocionalmente com uma das unidades do simulador de Fuller.

- Que aconteceu ao desenho?

- Foi desprogramado.

- No escritório de Fuller?

- Sim.

- Explique como isso foi feito.

- Sabíamos que o desenho estava lá. Depois que o Operador programou a morte de Fuller, passamos uma semana examinando seus tambores de memória em busca de pistas que ele tivesse deixado a respeito de sua "descoberta". Nós...

- Interrompi-a.

- Vocês devem ter descoberto que ele passara a informação para Morton Lynch.

Ela não disse nada. Eu não havia formulado uma pergunta.

- Vocês descobriram que ele passara a informação para Lynch?

- Sim.

- E por que não desprogramaram Lynch imediatamente?

- Porque tínhamos que reorientar muitas unidades.

- Vocês tiveram que reorientá-las de qualquer forma, quando desprogramaram Lynch.

Quando não obtive nenhuma resposta, reformulei a frase:

- Por que demoraram tanto tempo para desprogramar Lynch?

- Porque tínhamos a impressão de que ele guardaria segredo. Achávamos que acabaria por se convencer de que as palavras de Fuller não tinham sentido.

Fiz uma pausa para pôr meus pensamentos em ordem.

- Você estava me contando como foi que o desenho de Fuller desapareceu. Continue a explicação.

- Examinando os tambores de memória de Fuller, descobrimos que ele havia deixado um desenho. Quando fui à Reações buscar seus objetos pessoais, estava à procura de outras pistas que nos tivessem escapado. O Operador resolveu desprogramar o desenho naquele instante para que verificássemos a eficiência do desprogramador.

Eu agora compreendia pelo menos parte da verdade.

Mas precisava saber mais. Através dela, talvez eu descobrisse um meio de escapar aos sádicos desígnios do Operador.

- Se você é uma pessoa real, como pode manter uma projeção aqui? - Fiz essa pergunta porque acabara de me lembrar de que eu não podia permanecer indefinidamente no *Simulacron-3* em um circuito de observação direta.

Ela respondeu mecanicamente, sem nenhum traço de emoção ou interesse.

- Toda noite, em vez de ir dormir, eu volto para lá. Mesmo de dia, em ocasiões em que não estou em contato com nenhuma unidade subjetiva, retiro-me para meu mundo.

Era razoável. Durante a projeção, era como se a pessoa estivesse adormecida. Assim, a necessidade biológica de descanso era plenamente satisfeita. E enquanto ela se achava em seu mundo, poderia atender a outras necessidades físicas.

Fiz-lhe mais uma pergunta.

- Como explica o fato de estar apaixonada por mim? Ela respondeu, sem emoção:

- Você é muito parecido com alguém que eu já amei no meu mundo.

- Quem?

- O Operador.

Senti a iminência de uma revelação. Lembrei-me de como às vezes tinha a impressão de que o Operador se parecia comigo de um modo indefinível.

- Quem é o Operador?

- Douglas Hall.

Olhei-a, incrédulo.

- Eu?

Não.

- Mas foi o que você disse.

Silêncio - em resposta a uma afirmação.

- Como posso ser e não ser o Operador ao mesmo tempo?

- É algo semelhante ao que o Dr. Fuller fez com Morton Lynch.

- Não compreendo.

Então, vendo que não receberia resposta, consertei.

- Explique.

- Fuller programou de brincadeira uma unidade subjetiva com todos os traços de Lynch. Douglas Hall programou uma unidade à sua imagem.

- Quer dizer que sou exatamente como o Operador?

- Até certo ponto. A semelhança física é perfeita. Mas o psiquismo, não. Hoje compreendo que o Operador é um megalomaniaco.

- E foi por isso que você deixou de gostar dele?

- Não. Já havia deixado há muito tempo. Ele começou a mudar há alguns anos. Acho que andou atormentando outras unidades: Torturava-as, e depois desprogramava-as para destruir qualquer prova que pudesse estar gravada nos circuitos de memória.

Fui até à janela e vi que o dia começava a clarear. De certa forma não parecia razoável - uma pessoa material divertindo-se com a angústia simulada de entidades imaginárias. Mas todos os sádicos extraem prazer da apreciação mental do sofrimento. E em um ambiente *simuletrônico*, a qualidade subjetiva de um sofrimento programado era tão válida quanto a reação mental de um ser material a uma tortura verdadeira.

Começando a compreender a atitude, os motivos, as reações de Jinx, perguntei-lhe:

- Quando foi que você descobriu que o Operador havia criado uma unidade ID semelhante a ele?

- Quando comecei a preparar-me para meu papel de filha de Fuller.

- Por que acha que ele criou um "Douglas Hall" *simuletrônico*?

- A princípio, eu não sabia. Mas hoje compreendo. Tudo se deve a uma motivação inconsciente. Uma espécie de efeito Dorian Gray. Foi um ato de masoquismo. Mas ele provavelmente não percebeu que estava criando um ego analógico contra o qual poderia descarregar todo o seu complexo de culpa.

- Há quanto tempo estou aqui?

- Há dez anos, mas programado de modo a ter um passado consistente.

- Há quanto tempo o simulador está funcionando?

- Quinze anos.

Afundi na cadeira, cansado e confuso. Os cientistas haviam passado séculos

examinando rochas, estudando as estrêlas, explorando a superfície da lua, encontrando evidências cada vez mais fortes para sua teoria perfeitamente lógica de que o mundo tinha cinco bilhões de anos de idade. E durante todo êsse tempo, Eles estavam quase cinco bilhões de anos longe da verdade. Seria ridículo, se não fôsse tão triste.

Lá fora, as últimas estrêlas começavam a desaparecer, ofuscadas pelo sol que se levantava no horizonte. Eu começava a compreender por que Jinx se apaixonara por mim.

- Você me viu pela primeira vez no escritório de Fuller - perguntei-lhe - e percebeu que eu era mais parecido com o Douglas Hall que você amava do que o próprio Operador?

- Eu já o conhecera antes, enquanto me preparava para a missão. E cada vez que estudava seus maneirismos, ouvia você falar, lia seus pensamentos, achava que o Douglas Hall que o simulador me roubara estava aqui, no próprio simulador.

Segurei-lhe a mão. Não houve nenhuma reação.

- E agora você quer ficar comigo?

- Enquanto puder. Até o fim.

Eu estava a ponto de ordenar que ela se retirasse para seu mundo. Mas ela inadvertidamente me lembrara que eu ainda não havia feito a pergunta mais importante.

- O Operador já decidiu o que vai fazer com o simulador de Fuller?

- Ele não pode fazer mais nada. A situação fugiu ao seu controle. Quase todas as unidades agora estão dispostas a lutar para proteger a máquina de Fuller, porque acham que ela transformará o mundo em uma utopia.

- Então, - perguntei, empalidecendo - Ele vai desligar o simulador?

- É o único jeito. Foi o que me disse a última vez que estive lá.

- Quanto tempo nos resta?

- Ele está esperando apenas a aprovação do conselho consultivo. Ela será dada provavelmente esta manhã. Então ele desligará a chave principal.

Agora já era dia claro. A cidade voltava à vida. Vi pela janela uma esquadrilha de transporte do exército passar, rumo ao edifício da Reações.

Como tudo parecia irrelevante! Quantas lutas e discussões inúteis! Como eram tôlas e pretensiosas as unidades subjetivas que me cercavam!

Tinha chegado o dia do Fim do Mundo. Mas só eu sabia.

Em um dado momento, a vida estaria seguindo seu curso normal - gente nas calçadas, trânsito nas ruas. Nas florestas, as árvores estariam crescendo e os animais selvagens movendo-se, despreocupados. O lago lambendo preguiçosamente a margem rochosa.

No instante seguinte, toda a ilusão desapareceria. As correntes deixariam de atravessar os milhares de transdutores, os transistores ficariam cortados, os tambores de memória perderiam sua magnetização. Nesse instante, a realidade de nosso mundo deixaria de existir. Todo um universo seria perdido para sempre em uma neutralização de cargas elétricas, um momento fatal de entropia *simuletrônica* completa.

Voltei-me e olhei para Jinx. Ainda não havia acordado.

Aproximei-me. Ela estava linda. Agora eu sabia que havia tentado evitar que eu conhecesse a terrível verdade. Agora eu sabia que ela me amava. O suficiente para compartilhar de minha sorte...

Curvei-me e tomei seu rosto entre as mãos, sentindo a maciez de sua face e de seus cabelos sedosos. Em nosso mundo, ela era apenas uma projeção imaterial. Mas devia ser mais bela ainda na Realidade Superior. Eu não podia permitir que ela se sacrificasse inutilmente por mim.

Beijei-a na testa e depois nos lábios. Teria eu sentido a leve sugestão de uma resposta? Fiquei apreensivo. Isto significaria que o seu centro de volição estava voltando ao normal.

Eu não podia deixar que isso acontecesse. Não podia permitir que ela permanecesse no meu mundo até que tudo acabasse. Pois isso representaria o fim, tanto para sua projeção quanto para ela própria.

Jinx,

- Sim? - Seus olhos piscaram pela primeira vez em horas.
- Você vai voltar agora para o seu mundo - ordeneilhe. - E não se projetará mais.
- Vou retirar-me agora e não me projetarei mais. Dei um passo atrás e esperei.

Depois de um momento, repeti, impaciente: - Você vai se retirar... agora.

Ela estremeceu e sua imagem se tornou indistinta. Mas a ilusão passou e ela estava ali novamente.

- E se eu não conseguisse fazê-la voltar? Apanhei a pistola, desesperado. Talvez outra descarga no centro volitivo...

Mas hesitei.

- Jinx! Retire-se! Estou mandando!

O rosto de Jinx se contraiu em uma expressão de protesto e súplica.

- Não, Doug - sussurrou - Não me obrigue...

- Retire-se! - gritei.

Sua imagem se tornou novamente difusa. E desapareceu.

Coloquei a arma no bolso e sentei desanimado na beira da cama. E agora? Que podia eu fazer, a não ser esperar? Como poderia lutar contra um adversário onipotente, um megalomaníaco todo-poderoso?

Como seria o fim? Ele me deixaria em paz até o momento final ou ainda arranjaria tempo para me torturar? Meu fim coincidiria com o Fim do Mundo? Ou ele estaria reservando para mim uma morte especial? Algo como o que ele fizera com Avery Collingsworth?

Procurando tirar da mente êsses pensamentos inúteis, procurei descobrir um meio de fazê-lo desistir de seu propósito de destruir toda a criação *simuletrônica*.

Comecei a recapitular os fatos. A utilidade do simulador estava irremediavelmente comprometida. Fuller havia construído um simulador dentro de um simulador, com o mesmo objetivo que o simulador original. Ambos se destinavam a pesquisar a opinião pública através do estudo das reações de seres analógicos.

Quando posta em funcionamento, entretanto, a máquina de Fuller tornaria impossível o uso do simulador da Realidade Superior. Porque quando a Reações começasse a fazer previsões para o governo, para as indústrias, para as instituições religiosas e sociais, os pesquisadores não teriam mais razão para existir.

A solução era óbvia: era preciso encontrar um meio de salvar a Associação dos Pesquisadores, para que ela continuasse a desempenhar o seu papel, na aplicação e estímulo e obtenção de dados para a Realidade Superior.

Mas como?

Não havia uma unidade ID, fora da APOP, que não estivesse disposta a morrer para defender a máquina de Fuller. As promessas fantásticas de Siskin haviam surtido efeito.

Oh, o Operador poderia destruir o simulador de Fuller de qualquer maneira. Outra bomba incendiária. Um relâmpago. Mas isto não resolveria nada, porque não apenas haveria imediatamente um movimento universal para reconstruir a máquina, como o povo responsabilizaria os pesquisadores e voltaria sua ira contra a APOP.

Assim, a Associação dos Pesquisadores estava irremediavelmente condenada. E, em consequência, o mundo inteiro, todo um universo de mentira teria que ser extinto -para que a Realidade Superior pudesse começar tudo de novo.

Voltando à janela, observei o grande disco alaranjado do sol, que dissipava a névoa da manhã. Era um sol que nunca atingiria o horizonte oposto.

Então percebi que havia alguém no quarto comigo. Não foi mais que uma leve

sensação de movimento atrás de mim - um som quase inaudível.

Sem olhar para trás, levei disfarçadamente a mão ao bolso. Saquei a arma e virei-me de um salto.

Era Jinx.

Ela olhou para a arma.

- Isto não resolveria nada, Doug. Mantive o dedo no gatilho.

- Por que não?

- Se você atirar em mim, não lucrará nada com isso.

- Poderá paralisar novamente o meu centro de vontade. Mas quando eu voltar a meu mundo, o efeito cessará. E pretendo projetar-me novamente.

Coloquei a arma no bolso, frustrado. A força não resolveria nada. Era preciso encontrar outro meio. Um apêlo à razão? Convencê-la de que era bobagem ficar ali até o fim?

Ela se aproximou.

- Doug... eu amo você. Você me ama. Tive certeza disso quando li seus pensamentos durante aquela ligação empática. Não preciso de outro motivo para ficar aqui com você.

Ela pôs a mão no meu ombro, mas virei o corpo.

- Se você pudesse ler meus pensamentos agora, saberia que não a quero aqui.

- Compreendo, querido. Acho que pensaria da mesma forma, em seu lugar. Mas não adianta. Não vou voltar para lá.

- O Operador não incomodou mais você, não é? perguntou ela.

- Não.

Então percebi o que era preciso fazer para tirá-la do meu mundo.- e conservá-la fora dele - antes que chegasse a hora final.

- Você estava certo quanto à ligação empática - disse Jinx, pensativamente. - Normalmente, a unidade nem sabe que está sendo examinada. Mas há um meio de tornar a experiência dolorosa para a ID. Basta colocar o modulado r ligeiramente fora de fase.

Eu sabia que ela não estava mentindo quando dissera que não adiantaria nada paralisar seu centro de vontade e fazê-la retirar-se para seu mundo, pois ela se projetaria novamente. A solução, então, era mandar que se retirasse pouco antes do instante final - assim, não teria tempo para voltar.

Eu poderia tomá-la de surpresa, paralisá-la, atingir seu centro volitivo. Naturalmente, isto a transformaria em um autômato. Então, eu poderia esperar e rezar para que houvesse alguma indicação de que o fim estava próximo. Talvez o sol, ou outros componentes do cenário desaparecessem primeiro. Quando isso acontecesse, eu ordenaria que ela se retirasse, e provavelmente não haveria tempo para outra projeção.

Mas quando me aproximei com a pistola de laser na mão, ela deve ter visto meu reflexo na janela.

- Não adianta, Doug - disse, calmamente. - Está descarregada.

Olhei para o medidor. O ponteiro estava no zero.

- Podia ter voltado mais cedo - explicou. - Mas levei algum tempo para desprogramar a carga desta arma.

Jinx sentou no sofá e cruzou as pernas.

Olhei pela janela, desanimado. Lá fora, as calçadas começavam a se encher de gente. O movimento na direção da Reações era grande. A demonstração pública prometida por Siskin estava despertando grande interesse.

Voltei-me abruptamente.

- Jinx, eu não sou... nada! Ela sorriu.

- Nem eu... agora.

- Mas você é de verdade. Você tem uma vida real!

Ela fez sinal para eu me sentar a seu lado.

- Como podemos saber se a mais real das realidades não é subjetiva, no final das contas? Ninguém pode conhecer o absoluto, não é?

- Filosofia barata! Estou falando de algo direto, palpável. Você tem um corpo, uma alma. Eu não tenho!

Ainda sorrindo, ela enterrou a unha na palma da minha mão.

- Pronto. Isso deve convencê-lo de que você tem um corpo.

Segurei-a pelo braço e virei-a para mim.

- Pelo amor de Deus, Jinx! Estou falando sério!

- Não, Doug. Não há certeza alguma, nem mesmo em meu mundo, de que a matéria seja realmente absoluta, substancial.

- E, quanto à alma, quem foi que disse que o espírito de uma pessoa tem que estar associado a alguma coisa física? Se fôsse assim, um anão teria que ter menos alma que um gigante - em qualquer mundo.

Limitei-me a olhar para ela.

- Não compreende? - prosseguiu. - Só porque estamos aqui, não precisamos substituir o conceito de Deus pelo de um Operador magalomaníaco de um simulador de ambiente.

Concordei, começando a compreender.

- O que vale é o intelecto - disse Jinx, com convicção. - E se existe uma outra vida, não será negada às unidades deste mundo como não estará fora do alcance das unidades ID do simulador de Fuller ou dos seres do meu mundo.

Ela encostou a cabeça no meu ombro.

- Este mundo vai acabar, Doug. Mas não me importo.

Sinceramente. Perdi você no meu mundo, mas tornei a encontrá-lo aqui. Se estivesse no meu lugar, você sentiria do mesmo modo e compreenderia.

Então eu a beijei, como se o fim do mundo fôsse ocorrer no instante seguinte.

Pouco depois, ela disse:

- Se o instante final demorar mais alguns dias, eu poderei voltar lá - apenas para ajustar o modulador para a tensão máxima. Então voltarei. Segundos depois, o laço entre a minha projeção e o meu corpo será definitivamente rompido. Então, me tornarei parte integral deste mundo *simuletrônico*.

O sol atingira a altura da janela e seus raios começavam a penetrar no quarto.

- Ele ainda não entrou em ligação empática com você, entrou?

- Não. Por que?

- Tenho medo, Doug. Ele pode resolver divertir-se com você antes de desligar o simulador.

Percebi que ela estava tremendo e abracei-a.

- Você me avisa assim que houver uma ligação?

Concordei, mas quis saber por que.

- Porque talvez ele mude de idéia quando souber que estou aqui... para sempre.

Pensei no Douglas Hall da Realidade Superior. Em um certo sentido, eu e ele éramos apenas diferentes facetas da mesma pessoa. A frase "à sua imagem e semelhança" surgiu do subconsciente, mas rejeitei suas implicações teológicas. Ele era uma pessoa; eu era uma pessoa. Ele estava em uma posição infinitamente superior à minha, naturalmente. Mas, afinal, tudo que nos separava era uma barreira *simuletrônica* - uma barreira que pervertera seus sentidos, distorcera sua mente, dera-lhe ilusões de grandeza e o transformara em um megalomaniaco.

Ele havia torturado e matado friamente, manipulado unidades subjetivas com brutal indiferença. Mas, moralmente, seria culpado de alguma coisa? Ele havia matado Fuller e Collingsworth. Mas eles nunca haviam existido realmente. Não passavam de correntes elétricas em uma gigantesca máquina.

Então, revoltei-me contra meu raciocínio submisso. Não adiantava tentar desculpar o Operador. Ele havia matado com prazer. E não se tratava apenas de correntes *simuletrônicas*. Ele havia assassinado cruelmente seres humanos. A consciência é a única prova da existência.

Cogito ergo sum, lembrei-me. Penso, logo existo. Levantei-me e fui até à janela. O movimento na rua era intenso. Na direção da Reações, o trânsito já começava a ficar engarrafado.

- Nenhum sinal do Operador ainda? - perguntou Jinx. Sacudi a cabeça sem desviar o olhar da multidão, cada vez maior. Eram essas pessoas - essas unidades - que haviam tornado inevitável a destruição de nosso mundo.

A força da opinião pública era como uma barreira sólida protegendo o simulador de Fuller, que teria que ser destruído para que o nosso mundo pudesse continuar a existir.

Era de certo modo irônico. O próprio Siskin era o responsável pela situação. Ele havia manipulado as pessoas, por um expediente psicológico, com uma eficiência ainda maior que o Operador. Porque para modificar a opinião pública, o Operador teria que reprogramar praticamente todas as unidades. Seria um trabalho muito grande. Era muito mais fácil limpar os circuitos e começar tudo de novo.

Então, voltei-me para Jinx, a expressão transtornada por uma idéia súbita.

Ela me segurou pelo braço. - Doug! É... ele?

- Não, Jinx, tenho um plano!

- Para que?

- Para salvar o mundo!

Ela suspirou, desanimada.

- Não podemos fazer mais nada.

- Não penso assim. Há ainda uma possibilidade. Não sei se dará certo, mas vale a pena tentar. este mundo - o simulador do Operador - está condenado, porque o povo - as unidades - insiste em ter o seu próprio simulador a qualquer preço. Certo?

Ela assentiu.

- Ele não pode modificar a opinião pública, a não ser reprogramando todas as unidades.

- Exato. Ele não pode.

- Mas talvez eu possa! O povo está a favor de Siskin porque acredita que ele usará o simulador para a felicidade geral. - Mas suponha que eles descubram as verdadeiras intenções de Siskin. Suponha que eles descubram que Siskin pretende

usar a máquina para tornar-se um ditador. Que ele e o partido estão conspirando contra o povo. Que não pretende em absoluto usar o *Simulacron-3* para melhorar as relações humanas!

Ela franziu a testa e não pude perceber se estava acompanhando meu raciocínio ou se se preparava para contestar-me.

- Não compreende? - prosseguiu. - O próprio povo destruiria o simulador! Ficaria tão desiludido que isso seria o fim de Siskin! Talvez fôsse também o fim do partido!

Mas ela não mostrava nenhum entusiasmo.

- Nunca mais haveria clima para a construção de outro simulador. Bastaria, então, que o Operador reprogramasse algumas unidades, como Siskin, Heath e Whitney. Faria com que perdessem todo o interesse pela *simuletrônica*.

- Mas isso não salvaria você, Doug. Mesmo que você salvasse o mundo, estaria apenas dando ao Operador a oportunidade de continuar a torturá-lo.

- Não interessa o que possa acontecer comigo! Há milhares de pessoas aí fora que nem suspeitam do perigo que estão correndo!

Mas eu compreendia o ponto de vista de Jinx. Afinal. minha simpatia pelas unidades subjetivas era muito mais forte do que a dela, pois eu também era uma ID.

Jinx perguntou:

- Como é que você vai revelar a verdade a respeito de Siskin? Resta muito pouco tempo.

- Vou lá fora contar a todos. Talvez o Operador testemunhe tudo. Então ele verá que não é mais necessário desligar o simulador.

Ela cruzou os braços e se encostou à parede, inquieta. - Você não conseguirá - disse ela. A polícia está toda atrás de você. Vão matá-lo assim que o virem.

Segurei-a pelo pulso e puxei-a para a porta. Ela se debateu desesperadamente.

- Mesmo que você consiga, querido - mesmo que você tenha tempo para falar e o povo acredite em você - pensarão que você era cúmplice de Siskin. Você será linchado!

Empurrei-a para a porta.

- Venha. Vou precisar de você.

Lá fora, a multidão era cada vez maior. Fomos obrigados a tomar a calçada de velocidade média, pois não havia mais lugar na calçada expressa.

À nossa frente, um clamor se desprende da multidão.

O carro particular de Siskin decolou da Reações e se dirigiu para o Escritório Central.

Foi então que reparei na ausência completa de pesquisadores. Isso significava que a APOP havia deixado de existir, e, com ela, o sistema de obtenção de dados da Realidade Superior.

Jinx ia silenciosa ao meu lado, os olhos fixos em um ponto distante, um ar ausente.

Eu também estava muito longe dali. Estava pensando no Operador. Como o simulador funcionava em tempo real, ele a essa hora já devia estar acordado.

Talvez estivesse reunido com o conselho consultivo. Pelo menos, era a única explicação plausível para o fato de que ainda não entrara em ligação empática comigo. Eu não tinha dúvida, entretanto, de que ele começaria a torturar-me assim que a reunião terminasse. E isso indicaria que o fim estava próximo.

As calçadas superlotadas andavam agora com enervante lentidão. A minha direita, os pedestres passavam da calçada expressa para as vias secundárias, encaminhando-se para o edifício da RESA, ainda a duas quadras de distância.

Jinx segurou minha mão com mais força. - Algum sinal dele?

- Ainda não. Deve estar reunido com o conselho.

Nesse instante, entretanto, percebi que ele estava em ligação empática comigo. Eu podia sentir sua presença, embora não como nas outras vezes.

A ligação desta vez não me trazia nenhum incômodo.

Se ele pretendia torturar-me, estava adiando seu intento por alguma razão.

Olhei para a esquerda, e com isso a figura de Jinx entrou no meu campo visual. Senti imediatamente a reação do Operador ao interceptar esta impressão visual. Então percebi que ele estava explorando minha memória recente, para inteirar-se da situação.

Não tive dúvida quanto ao seu espanto, a sua surpresa sádica quando descobriu que Jinx se havia condenado a desaparecer com o mundo simulado.

Por que o Operador ainda não havia começado a torturar-me colocando o modulador fora de fase? Então, ocorreu-me uma explicação: uma das formas mais eficientes de tortura é deixar a vítima na expectativa, sabendo o que a espera.

Em resposta a este pensamento, a componente psíquica de uma gargalhada

sarcástica me atingiu com uma violência quase insuportável. Percebi que não tinha tempo a perder; o fim do mundo era questão de minutos. E esta nova ansiedade constituía para ele mais um prazer.

Deixamos a calçada rolante e continuamos a pé, atravessando a multidão.

- Hall? - pensei.

Não houve resposta. Então me lembrei de que a ligação era apenas em um sentido.

Hall - acho que posso salvar este complexo *simuletrônico* para você.

Não percebi reação alguma. Estaria ele realmente escutando? Oh, naturalmente isso não era novidade para ele. Ao ler meus pensamentos, já havia descoberto minhas intenções.

Vou fazer com que a multidão ataque a máquina de Siskin. O que acontecer comigo não interessa.

Que prazer ele devia estar sentindo, ao perceber meu medo e humilhação?

Vou fazer as coisas de tal modo que ninguém mais aceitará o simulador de Siskin. São capazes até mesmo de destruí-lo, Mas isto não é necessário, acredite. É possível conservar tanto os pesquisadores como o simulador. Basta assegurar que a RESA se dedique apenas a problemas sociológicos.

Ainda nenhuma indicação de que o Operador estivesse considerando ou mesmo ouvindo minhas palavras.

Acho que conseguirei voltar a opinião pública contra Siskin. O povo descarregará sua fúria contra o *Simulacron-3*. Isto eu não posso evitar. Mas você pode. Uma violenta tempestade - assim que eu conseguir convencê-los - os dispersará. Com isso, você terá tempo para reprogramar algumas unidades. Faça com que Siskin vá à falência. Inicie um movimento para que a máquina se torne propriedade pública. Assim, ela seria usada apenas para pesquisas sociológica. A APOP não sofreria nada com isso.

Será que ele estava brincando comigo? Sua recusa em responder-me era apenas uma manobra para deixar-me ainda mais aflito? Ou ele estava examinando os prós e contras de minha proposta?

Examinei o céu, em busca de alguma indicação de que ele estivesse preparando a tempestade que eu sugerira. Mas não havia nenhuma nuvem à vista.

Chegamos finalmente ao quarteirão onde estava o edifício da Reações. A rua estava tão congestionada que nosso avanço agora era lento.

Na fachada do prédio da RESA estava pendurado um enorme cartaz que dizia:

*OCASIÃO HISTÓRICA
HOJE, DEMONSTRAÇÃO PÚBLICA (POR CORTESIA DE HORACE P. SISKIN)
A RESA RESOLVERÁ SEU PRIMEIRO PROBLEMA NO CAMPO DAS RELAÇÕES
HUMANAS*

Era uma farsa, naturalmente. Heath não tivera tempo para fazer os preparativos necessários. Siskin provavelmente falaria ao povo, atacando novamente a Associação

dos Pesquisadores.

A multidão agora nos arrastava. E pensei que a "demonstração" de Siskin viera a calhar. Milhares de pessoas poderiam ouvir o que eu tinha a dizer.

Então concentrei os meus pensamentos em um apêlo final ao Operador:

Hall - se você está me ouvindo, só tenho mais alguns pedidos a fazer. Dorothy Ford merece melhor sorte. Você pode consertar-lhe a vida, reprogramando-a. Whitney poderá dirigir o simulador melhor do que Heath. E... arranje um jeito de tirar Jinx daqui. Eu não posso.

Havia chegado o momento decisivo, e eu me sentia como se estivesse estado rezando. A incerteza que se seguiu à súplica humilde se assemelhava à oração sob um aspecto, pelo menos: *ninguém espera de Deus uma resposta direta.*

Foi então que senti novamente os terríveis sintomas a vertigem, os tambores incessantes nos ouvidos, a náusea, a distorção de todos os meus sentidos.

Ele havia colocado o modulador fora de fase. E, no meio daquele sofrimento terrível, senti o impacto de uma gargalhada histérica.

Ele havia ouvido tudo. Mas a minha humildade apenas servira para diverti-lo.

Foi então que me ocorreu que ele nunca desejara salvar nosso universo. Talvez estivesse o tempo todo antegozando o pavor de milhares de unidades ao verem o mundo dissolver-se no nada.

A massa humana em que nos encontrávamos avançou mais um pouco e depois desviou-se para a esquerda. Como a água de um rio contorna uma pilastra, a multidão se abriu para passar por uma plataforma de baldeação.

Comprimido contra a estrutura de metal abracei Jinx para protegê-la. Ali perto, dois policiais tentavam restabelecer a ordem.

Levantei Jinx até a plataforma e subi atrás dela. Por duas vezes quase fomos derrubados, antes de conseguirmos atingir a superestrutura de contrôle.

Então, de pé na saliência em forma de V, examinei nossa posição. A estrutura de aço nos envolvia por três lados; à nossa frente, um mar humano se estendia até o edifício da Reações, do outro lado da rua.

Segurei Jinx pelos ombros e volvei-a para mim.

- Preferia que não fôsse assim. Mas não há outra saída. Tirando a pistola do bolso, coloquei Jinx na minha frente, como um escudo, e segurei-a pela cintura. Então atirei duas vezes para o ar, para chamar atenção.

Uma mulher viu a arma e gritou:

Cuidado! Ele está armado! - e saltou da plataforma. Três homens a seguiram, gritando enquanto pulavam. É Hall! É o assassino!

Momentos depois a plataforma abaixo de nós estava vazia. Só restávamos eu e Jinx, equilibrados na saliência da superestrutura.

Abaixei a arma e encostei-a ao corpo de Jinx,

Um policial se aproximou da plataforma e sacou sua arma.

- Não atire! - avisei. - Senão a mocinha morre!

Ele abaixou a arma e olhou indeciso para outro policial que chegava.

- Siskin está enganando vocês - gritei. - Ele não pretende usar o simulador para o bem da humanidade!

Ouviram-se vaias aqui e ali e uma voz gritou: - Tirem-no daí!

A polícia começou a cercar a plataforma.

- Acho que não vai dar certo, Doug - disse Jinx, tremendo. - Eles não vão nem ouvir você.

Depois que as vaias cessaram, prossegui:

- Vocês são uns trouxas - todos vocês! Siskin está usando vocês para defender-se dos pesquisadores!

Minhas últimas palavras foram abafadas por gritos de "Mentira! Mentira!"

Um dos guardas tentou subir na plataforma. Segurei Jinx com mais força e apertei-lhe a arma contra as costelas.

Ele parou e ficou olhando para a arma, sem saber o que fazer.

Quando ia continuar o meu discurso, a vertigem novamente se apossou de mim. Comecei a tremer, lutando para não perder a consciência.

- Doug, que foi? - perguntou Jinx,

- Nada.

- É o Operador?

- Não.

Eu não queria preocupá-la ainda mais.

A ansiedade de Jinx diminuiu um pouco. Era como se ela tivesse ficado desapontada por saber que a minha tortura não começara ainda.

A multidão se aquietou e eu disse em tom veemente: - Estaria arriscando a vida para contar-lhes se isto não fôsse verdade? Siskin quer a ajuda de vocês apenas para destruir a APOP! Ele pretende usar o *Simulacron-3* para tornar-se ditador!

O Operador colocou novamente o modulador fora de fase e quase perdi os sentidos Mas a sua gargalhada sádica me deu forças.

Olhei para cima. Não havia uma nuvem no céu. Ou ele queria destruir nosso mundo de qualquer maneira, ou não acreditava que minha tática surtisse efeito.

- Siskin quer apoderar-se do govêrno - gritei, desesperado. - Está conspirando com o partido! Contra vocês!

Novamente tive que lutar para controlar-me antes de prosseguir:

- Com o simulador orientando sua campanha política, ele será eleito para o cargo que quiser!

Algumas pessoas agora estavam prestando atenção. Mas a maioria ainda me viajava.

A plataforma agora estava totalmente cercada pela polícia. Alguns guardas tentavam subir pela parte traseira da superestrutura. Um deles gritava alguma coisa em um transmissor. Os carros da polícia não tardariam a aparecer. E então Jinx não me serviria mais de escudo.

Do outro lado da rua, várias pessoas se moviam no terraço do edifício da RESA. Reconheci duas delas - Dorothy Ford e o novo diretor-técnico, Marcus Heath.

Voltei-me para a multidão.

- Conheço os planos de Siskin porque tomei parte na conspiração! Se vocês não acreditarem em mim agora, estarão provando que são os trouxas que Siskin pensa que vocês são!

Heath se aproximou da beira do telhado e levou um megafone aos lábios. Suas palavras reboaram:

- Não acreditem nele! Está mentindo! Está dizendo isso porque foi expulso da RESA pelo Sr. Siskin e o partido e...

Ele parou abruptamente, percebendo que havia falado demais. É claro que poderia

ter consertado tudo, continuando: "... e o partido e o Sr. Siskin não têm nenhum acordo secreto".

Mas não foi o que ele fez. Entrou em pânico. Desapareceu da vista do público, ajudando a provar que eu estava certo.

A atitude de Heath teria sido suficiente. Mas Dorothy também entrou em cena. Ela apanhou o megafone e disse com voz calma:

- Tudo que Douglas Hall disse é verdade. Sou a secretária particular do Sr. Siskin e confirmo tudo.

Respirei aliviado, enquanto a multidão investia contra o edifício. Mas gritei de dor quando o Operador, evidentemente desapontado com minha vitória, começou novamente a torturar-me.

Jinx exclamou:

- É o Operador!

Concordei, distraído.

Então o feixe fino de um raio laser, vindo de cima me apanhou no ombro. Encostei-me à superestrutura de metal, e vi um policial debruçado no tôpo da construção.

Tentei empurrar Jinx para longe, mas minha mão só encontrou o vácuo. Ela não estava mais ali. Havia voltado para seu mundo.

O desaparecimento de Jinx paralisou os policiais, mas apenas por alguns instantes. Um segundo raio me atingiu no peito. Um terceiro, abriu uma ferida profunda no abdômen. Um quarto me arrancou metade da mandíbula.

Tudo ficou escuro. Perdi o equilíbrio e mergulhei em um abismo sem fim.

Quando voltei a mim, senti a maciez do couro sob o meu corpo, e um estranho peso na cabeça.

Fiquei imóvel, ainda tonto. Não sentia dor alguma. Apenas uma paz infinita.

Foi então que percebi que não podia sentir dor porque não estava ferido!

Abri os olhos e verifiquei que me encontrava em uma sala desconhecida. Mesmo assim, reconheci a natureza *simuletrônica* dos aparelhos que enchiam o aposento.

Olhei para baixo e vi que estava sentado em uma poltrona semelhante às que usávamos no departamento de observação do simulador de Fuller. Levantei a mão e retirei o capacete de ligação empática e fiquei olhando intrigado para ele.

Havia uma outra poltrona ao lado da minha. A superfície de couro ainda mostrava as formas da pessoa que estivera ali durante muito tempo, a julgar pela profundidade da impressão. Ao lado estava um capacete igual ao meu.

- Doug!

Dei um pulo ao ouvir a voz de Jinx.

- Fique parado! Não se mova! - sussurrou ela, ansiosa. - Coloque de novo o capacete!

Ela estava à minha esquerda, diante de um grande painel de controle. Começou rapidamente a girar botões, acionar chaves.

Atendendo à urgência das palavras de Jinx, sentei-me novamente e coloquei o capacete.

Ouvi alguém entrar no aposento. Então uma voz de homem perguntou:

Voces estão desprogramando?

Não, disse Jinx. - Não será necessário. Hall descobriu um outro meio. Estamos

apenas suspendendo o funcionamento até podermos programar algumas modificações básicas.

- Ótimo! - exclamou o homem. O conselho ficará muito satisfeito.

Ele se aproximou de mim.

- E Hall?

- Está descansando. A última sessão foi dura para ele.

- Diga-lhe que ainda acho que deve tirar aquelas férias antes de ativar novamente o simulador.

Pelos passos que se agastavam, percebi que o homem deixara o aposento.

E de repente eu estava pensando no dia em que Phil Ashton aparecera em meu escritório no corpo de Chuck Ashton. Eu também havia atravessado a barreira *simuletrônica* entre dois mundos! Mas como?

A porta se fechou e abri os olhos para ver Jinx curvada sobre mim.

Seu rosto se abriu em um largo sorriso quando ela retirou o capacete.

- Doug! Você está aqui!

Olhei intrigado para ela.

- Não compreende? Eu queria saber se o Operador já havia entrado em contato com você, para voltar a tempo!

- Você voltou - completei - e encontrou-o sentado nesta poltrona, ainda em ligação empática. Então aumentou a tensão do circuito que ele estava usando!

Ela assentiu.

- Tinha que fazê-lo, querido. Ele estava destruindo um mundo sem necessidade.

- Mas por que não me contou o que pretendia fazer?

- Como poderia? Se você soubesse, Ele saberia, também!

Levantei-me, ainda atordoado. Examinei meu peito, meu queixo.

Parecia impossível que não estivesse ferido. Então, ocorreu-me a verdade. Quando ocorrera a transição, a mente do Operador havia passado para o meu corpo mortalmente ferido, pouco antes de eu exalar o último suspiro!

Passeando pelo aposento, passei diante da superfície reluzente de um dos moduladores e vi minha imagem refletida. Era eu mesmo, como sempre havia sido, traço por traço. Jinx não havia exagerado ao dizer que fisicamente o Hall Operador e o Hall Unidade subjetiva eram idênticos.

Chegando à janela, contemplei uma cena familiar ruas, carros aéreos, pessoas vestidas exatamente como no meu mundo. Mas por que deveria ser diferente? Minha cidade analógica, para satisfazer o objetivo para o qual fora criada, tinha que ser uma reprodução quase perfeita de uma cidade real, não tinha?

Olhando com mais atenção, percebi algumas diferenças.

Várias pessoas fumavam calmamente. Neste mundo não havia a Emenda Trinta e Três. E percebi que o meu mundo *simuletrônico* estava sendo usado para examinar a receptividade de uma proibição do fumo.

Virei-me abruptamente para Jinx.

- Você acha que poderemos enganar a todos?

Ela riu.

- Por que não? Você é Douglas Hall. Ele ia tirar dois meses de férias. Com o simulador parado, poderei ir com você.

Ela prosseguiu alegremente.

- Vou familiarizá-lo com tudo - fotografias dos colegas, costumes do nosso mundo, nossa história, nossa política. Depois de algumas semanas você desempenhará perfeitamente o papel de Hall.

O otimismo de Jinx começava a contagiar-me.

- E... e o meu antigo mundo?

Ela sorriu.

- Poderemos consertar todos os estragos. Você sabe quais as reformas e modificações que precisam ser feitas. Antes de desativar o simulador, fiz com que Heath ligasse a barreira de repulsão da RESA. Quando ligarmos de novo a máquina, poderemos começar por aí.

- Haverá uma violenta tempestade para afastar a multidão antes que ela consiga atravessar a barreira - disse eu subitamente entusiasmado. - Então teremos um árduo trabalho de programação pela frente.

Ela me conduziu até à mesa.

- Podemos começar desde já. Vamos fazer uma lista de instruções e deixá-las com os assistentes. Eles cuidarão do trabalho preparatório enquanto estivermos fora.

Sentei-me na cadeira de Hall, só agora eu começava a acreditar que havia mesmo passado de um mundo de ilusão para um mundo de verdade. No começo seria difícil para mim, mas acabaria acostumando-me. E finalmente seria como se eu sempre tivesse pertencido ao mundo superior.

Jinx me beijou no rosto.

- Você gostará disto aqui, Doug, embora não seja tão emocionante como o seu mundo. E Hall ainda era romântico quando programou o simulador. Acho que ele mostrou um bocado de imaginação quando escolheu nomes como Mediterrâneo, Riviera, Pacífico, Himalaia...

Ela franziu a testa, como que desculpando-se da falta de romantismo em seu mundo.

- Você também verá que a nossa lua é um quarto da de vocês. Mas acho que acabará se acostumando com todas as diferenças.

Segurei-a pela cintura e apertei-a com força. Sim, eu estava certo de que me acostumaria.

SIMULACRON-3

foi produzido nas oficinas da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A., Rua do Livramento, 189/203, Rio de Janeiro — GB, e sua composição e paginação tiveram a supervisão de André A. Garcia, acabando-se de imprimir em abril de 1968.



- ◆ FICÇÃO CIENTÍFICA PARA GENTE QUE DETESTA FICÇÃO CIENTÍFICA / Terry Carr
"uma antologia para descrentes do gênero".
- ◆ ELES TERÃO AS ESTRELAS / James Blish
"no ano 2018 a imortalidade e as estrelas".
- ◆ FILHOS DO ATOMO / Wilmar H. Shiras
"pareciam humanos, mas não eram bem isso".
- ◆ SIMULACRON-3 * / Daniel F. Galouye
"seremos mesmo robots de outros seres?"
- ◆ O HOMEM DEMOLIDO * / Alfred Bester
"a luta contra o crime no século XXI"

** já publicados*

SIMULACRON-3

O mundo do futuro orientava-se por pesquisas de opinião pública. Mas o resultado dessas pesquisas por demais demoradas nem sempre oferecia estabilidade e exatidão necessárias à conformação de uma sociedade avançada. Por isso os cientistas Lynch, Fuller e Hall idealizaram e construíram um simulador de ambiente, o SIMULACRON-3, em que jogavam análogos subjetivos para obter reações humanas, como resultado. Mas Lynch desaparece, Fuller é assassinado e Hall, acusado de ambos os crimes. Tentando esclarecer a situação, Hall vem a descobrir que este mundo que o simulador repetia não é mais que o simulacro de um outro mundo maior, que o rege e domina. E com isso selou sua sorte.